

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO**  
**ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

**LARISSA RICHTER**

**MODERNIDADE, PAISAGEM E FOTOGRAFIA: O BAIRRO DE PINHEIROS**  
**EM PERSPECTIVA (1908 – 1969)**

**GUARULHOS 2019**

**LARISSA RICHTER**

**MODERNIDADE, PAISAGEM E FOTOGRAFIA: O BAIRRO DE PINHEIROS  
EM PERSPECTIVA (1908 – 1969)**

Dissertação de mestrado apresentada à  
Universidade Federal de São Paulo como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Mestre em História  
Área de concentração: História  
Orientação: Professor Doutor Janes Jorge

**GUARULHOS 2019**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação da Unifesp/Campus Guarulhos

Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – EFLCH

Dados fornecidos pela autora

Richter, Larissa.

Modernidade, Paisagem e Fotografia: o bairro de Pinheiros em perspectiva (1908 – 1969) – Guarulhos, 2019.

118 f.

Dissertação de mestrado (Título de Mestre em História) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2019.

Orientador: Professor Doutor Janes Jorge

Título em Inglês: Modernity, Landscape and Photography: the neighbourhood of Pinheiros analyzed (1908 – 1969)

1.São Paulo. 2.Pinheiros 3. Modernidade 4.Paisagem 5.Fotografia

1. São Paulo 2. Pinheiros 3. Modernity 4. Landscape 5. Photography

**LARISSA RICHTER**

**MODERNIDADE, PAISAGEM E FOTOGRAFIA: O BAIRRO DE PINHEIROS  
EM PERSPECTIVA (1908 – 1969)**

Dissertação de mestrado apresentada à  
Universidade Federal de São Paulo como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Mestre em História  
Área de concentração: História

Aprovada em: 25 de fevereiro de 2019

---

Prof. Dr. Janes Jorge  
Universidade Federal de São Paulo

---

Prof. Dr. Luis Antonio Coelho Ferla  
Universidade Federal de São Paulo

---

Prof. Dr. Claudio Hiro Arasawa  
Instituto Federal de São Paulo

## Resumo

A presente pesquisa visa problematizar e compreender as mudanças paisagísticas ocorridas no bairro de Pinheiros durante o processo modernizador da cidade de São Paulo, quando esta se transformava em metrópole, utilizando como fontes documentos fotográficos produzidos sobre o bairro de Pinheiros desde o início do século XX até o fim da década de 1960. Obras públicas de retificação do rio Pinheiros, construção de largas avenidas, asfaltamento de ruas e canalização das águas são transformações na paisagem do bairro que acabaram com práticas seculares, fazendo com que a maneira com a qual os moradores se relacionassem e se lembrassem da região se alterasse de forma avassaladora em meio a cidade que se transformava em uma grande metrópole. As fotografias aqui analisadas, para além de seu referencial visual, são também percebidas enquanto veículo moderno de propagação de diferentes ideais modernizantes que marcaram o período.

*Palavras-chave: São Paulo, Pinheiros, Modernidade, Paisagem, Fotografia.*

## Abstract

This research's goal is to problematize and to understand the landscape changes that happened in the neighborhood of Pinheiros during the modernizing process that the city of São Paulo went through (while it became a metropolis). The main sources are photographic documents that were produced regarding Pinheiros since the beginning of the 20<sup>th</sup> century until the late 1960's. The public constructions regarding Pinheiros's river straightening, wide avenues making, streets asphaltting and waters channeling are landscape changes in that neighborhood that ended ancient activities typical of that region. The end of such practices affected how the habitants related to and remembered that space while the city became a huge metropolis. The photographs that are analyzed, besides seen as a visual reference, are also seen as a modern vehicle that worked as *propaganda* for different modernizing ideals that were common during the 20<sup>th</sup> century.

*Key-words: São Paulo, Pinheiros, Modernity, Landscape, Photography..*

## Agradecimentos

Gostaria de agradecer às instituições Biblioteca Álvaro Guerra, Esporte Clube de Pinheiros, Arquivo Histórico de São Paulo e à Fundação Energia e Saneamento e seus funcionários pela gentileza ao me atender e pela prontidão em me auxiliar com as fontes fotográficas. Agradeço também a Itoby Goldschmidt por ter permitido o acesso à sua coleção fotográfica familiar e por ter tirado todas as minhas dúvidas e ter colaborado durante o levantamento de instituições e coleções fotográficas. Apesar de não ter conhecido seu avô, Raul Goldschmidt, também o agradeço: não só pelo acesso às imagens, mas pela riqueza de sua coleção pessoal. Sou mais do que grata à sua habilidade em registrar Pinheiros de maneira tão atenciosa e única.

Gostaria de agradecer aos Professores Doutores Luis Antonio Coelho Ferla e Claudio Hiro Arasawa pelas ricas indicações metodológicas e bibliográficas que aprimoraram os caminhos desta pesquisa.

Gostaria de também agradecer aos meus pais (Ferenc e Vera) pela paciência e dedicação durante toda a minha trajetória acadêmica, que foi uma saga cansativa, mas enriquecedora. Agradeço aos meus irmãos (Douglas, Isabela e Bruno) pelo encorajamento positivo durante a produção da pesquisa. Agradeço aos meus amigos, que durante os momentos mais difíceis da produção desta dissertação estiveram ao meu lado: Bruna Karnauchovas e Maiara Costa (pelo carinho), Thatiana Vilela (pelas dicas acadêmicas maravilhosas), Jonas Fernandes (pelas inúmeras indicações metodológicas), Soraya Ferreira (pela parceria), Danilo Bear (pelo senso de humor), Bárbara Lágua e Thiago Oliveira (por me manterem sã) e Isabel Peter (pela amizade incondicional).

Por último agradeço a única pessoa que em nenhum momento desistiu de mim e deste trabalho, ao professor que não só me orientou no momento mais difícil possível como me acolheu com esperança e determinação, sempre pronto a ensinar. Este sim é o verdadeiro mestre: que em apenas nove meses de convívio foi capaz de ensinar uma aluna a ser humilde, gentil, resiliente e paciente. Agradeço ao professor que me ensinou a desenvolver minha consciência crítica de historiadora ao longo do caminho escolhido e que se manteve ao meu lado enquanto eu o trilhava. Ao Professor Doutor Janes Jorge, que com muito orgulho chamo de orientador, agradeço pela força e coragem em começar e terminar uma jornada dura comigo e pelo caráter inabalável que manteve ao longo dessa trajetória: você foi a maior inspiração desta pesquisa.

## Sumário

01 – Introdução.....	09
02 – Capítulo I – São Paulo da Modernidade.....	35
1.1 Todos os caminhos levam à São Paulo.....	36
1.2 Público x Privado: habitação na cidade.....	38
1.3 Uma cidade em obras.....	42
1.4 A metrópole.....	52
03 – Capítulo II – Pinheiros: paisagens em transformação.....	57
2.1 De aldeia a bairro.....	57
2.2 O rio Pinheiros.....	62
2.3 Entre os caminhos do progresso.....	66
04 – Capítulo III – Fotografias em perspectiva.....	74
3.1 Fotografia: usos, funções e percepções.....	75
3.2 Pinheiros em construção.....	81
3.3 O bairro.....	103
05 – Conclusão.....	107
06 – Referências Bibliográficas.....	110



## Introdução

A pesquisa apresentada nesta dissertação originou-se em 2015 com um trabalho realizado sobre um sítio arqueológico localizado no bairro de Pinheiros<sup>1</sup>, sendo que as fontes tridimensionais que foram resgatadas, higienizadas e catalogadas eram, em sua maioria, de cerâmica. O relatório de escavação concernente ao sítio e à cerâmica apontava para uma questão extremamente importante, sendo esta as transformações paisagísticas em Pinheiros. Tendo em vista que o termo paisagem é largamente utilizado por historiadores, mas geralmente não é problematizado, resolvi partir desta perspectiva para analisar materiais referentes ao bairro. Assim, optei por analisar o material fotográfico<sup>2</sup> produzido sobre Pinheiros durante o início do século XX até o final da década de 1960.

Ao analisar as fontes fotográficas foi possível notar como os planejamentos urbanísticos para o centro de São Paulo avançaram para regiões circunvizinhas englobando-as e caracterizando-as como bairros, tal qual Pinheiros, e que faziam parte de um planejamento modernizante e progressista que realizou inúmeras obras públicas com o intuito de tornar São Paulo uma síntese de sucesso do desenvolvimento industrial e urbano do país, enraizado em questões nacionalistas e higienistas. O conceito de paisagem é *historicizado* e problematizado dentro desse aspecto de avanço da malha urbana para áreas próximas e as consequências dos modos de vida da população em relação ao ritmo alucinante da então metrópole. O bairro de Pinheiros é visto, portanto, como um marcador paisagístico fundamental desse movimento urbanístico.

---

<sup>1</sup>O sítio Pinheiros II estava localizado na zona sudoeste da cidade de São Paulo, situado na Rua Butantã, nº 298, Bairro de Pinheiros, São Paulo – SP.

<sup>2</sup>É importante ressaltar que a minha escolha em analisar fotografias também se insere na ideia de que esta tipologia documental, mesmo tão intrinsecamente presente nas nossas vidas, não tem o costume de ser analisada e problematizada por muitos estudiosos, inclusive historiadores, que, de uma maneira geral, dão preferência às análises de fontes textuais ao invés das iconográficas (KOSSOY, 2014, p. 34).



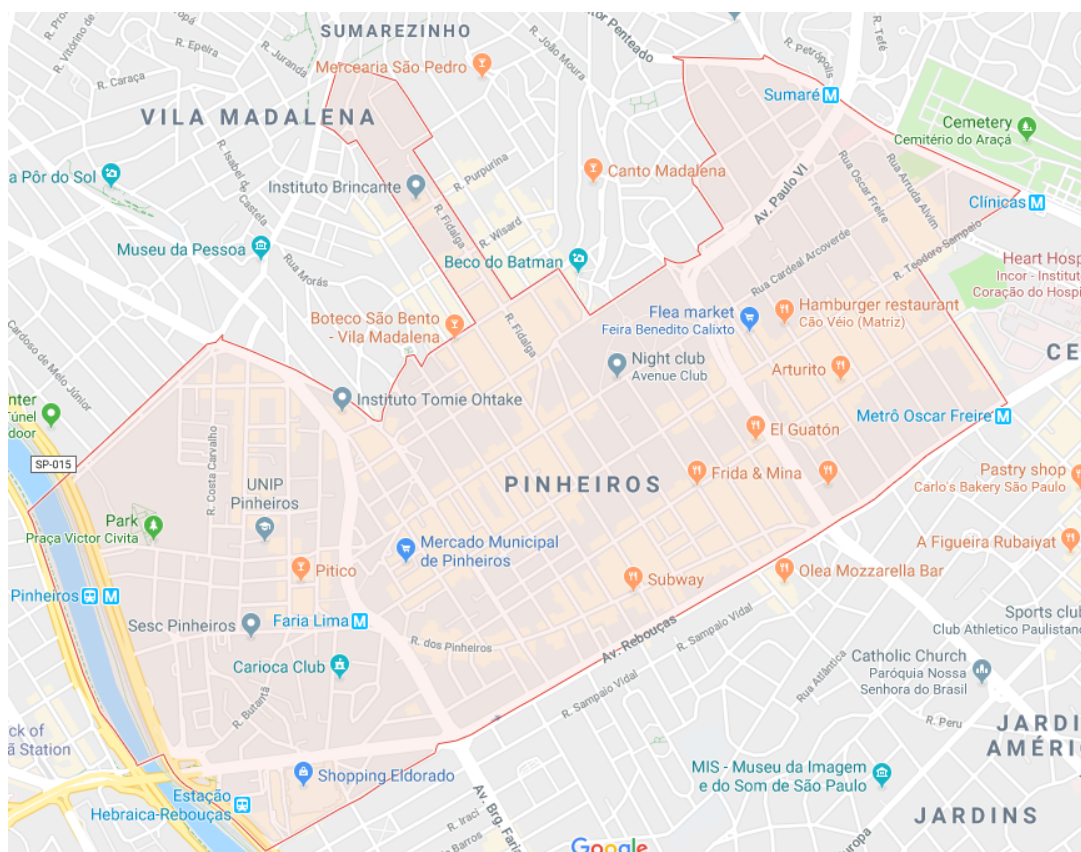
(Mapa 01: Estado de São Paulo. A demarcação em vermelho é o mapa da cidade de São Paulo)<sup>3</sup>



(Mapa 02: Cidade de São Paulo)<sup>4</sup>

<sup>3</sup>Imagem disponível no Relatório de Escavação sobre o sítio Pinheiros 02 (ZANETTINI & SOUZA, 2012, p. 357).

<sup>4</sup>Imagem disponível em: < <https://www.imagenesmy.com/imagenes/destaque-do-brasil-mapa-sao-paulo-3c.html>>.



(Mapa 03: O bairro de Pinheiros em 2019 tal qual a delimitação do Google Maps<sup>5</sup>)

As imagens presentes neste trabalho concernentes aos mapas que localizam geograficamente o bairro de Pinheiros tem caráter ilustrativo e por isso não os classifiquei, tanto em análise quanto em legenda, como pertencentes ao conjunto das fotografias estudadas, justamente com o intuito de diferenciá-los em seus usos. Sabe-se que os mapas podem ser estudados como fonte primordial de estudos historiográficos e que devem ser problematizados enquanto representação teórica do espaço geográfico em si, sendo que esta é uma importante referência do comportamento das sociedades, pois *“O espaço não é simplesmente uma ilustração. Ele faz parte das variáveis que explicam o percurso histórico das sociedades”* (VILLA & GIL, 2016, p.05). Como no caso do Mapa 03, referência de como o mundo digital pode determinar o modo como vemos o espaço urbano.

Os mapas possuem uma tradição muito forte em serem associados com autoridade e conhecimento objetivo (apud HARLEY, 1989: 1-20). Quando associados à tecnologia digital e a diversos níveis de automação para sua

<sup>5</sup>Imagem disponível em <<https://www.google.com/maps/place/Pinheiros,+S%C3%A3o+Paulo+-+State+of+S%C3%A3o+Paulo/@23.5619862,46.6971976,15z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x94ce5798cb16268f:0xa94014a3e39a3708!8m2!3d-23.5630037!4d-46.6864347>>.

produção, essa autoridade tende a ser dramaticamente amplificada (apud HARLEY, 1989: 2) (FERLA, 2015, p. 09).

Enquanto representação do real, os mapas podem servir como instrumento de localização e é com esse intuito que estes referentes aparecem na presente pesquisa, como uma maneira de situar geograficamente o leitor sobre a região que foi sendo constituída como bairro<sup>6</sup>. Porém, como foi apontado, leva-se em consideração que os mapas muitas vezes não representam o que a própria população pode entender como fronteiras físicas: *“O território urbano, notadamente desde a afirmação das metrópoles industriais, costuma ter essa característica extrapoladora, para muito além das suas fronteiras físicas diretamente identificáveis”* (ibid., p. 03).

Tendo essas questões em vista, as fotografias em perspectiva são apresentadas além de seu aspecto visual e ilustrativo, são vistas como produções realizadas com intuítos específicos: as imagens preservadas nas coleções do Arquivo Histórico de São Paulo e da Fundação Energia e Saneamento foram realizadas por fotógrafos que tinham como objetivo apresentar o desenvolvimento das obras públicas em curso (desde o início até a segunda metade do século XX). Já as imagens produzidas por Raul Goldschmidt, pertencentes às coleções da Biblioteca Álvaro Guerra e do Centro de Memória do Esporte Clube de Pinheiros tinham como objetivo registrar o bairro, sendo seu intuito memorial e afetivo<sup>7</sup>.

Deste modo, os capítulos desta dissertação foram organizados da seguinte maneira: o primeiro capítulo discute aspectos geográficos e mudanças paisagísticas na constituição de São Paulo enquanto metrópole, sendo as reações às transformações rápidas que caracterizaram o processo urbanizador em São Paulo analisadas. A construção de ferrovias, a canalização das águas, o aterramento de várzeas para a instalação de rodovias, o asfaltamento das ruas, a iluminação pública, a instituição de diferentes moradias populares e a formação dos bairros foram extremamente impactantes na vida das pessoas que habitavam a cidade, sendo suas reações muitas vezes marcadas pelo medo, indiferença, revoltas, e tantas outras.

Ao passo em que se desenvolvia como metrópole a cidade irradiou seus projetos de urbanização através dos caminhos e acessos que conectavam outras regiões,

---

<sup>6</sup>Pinheiros é delimitado, inicialmente, como região. Após o término das obras públicas que o caracterizaram como parte da metrópole, o termo que o referencia torna-se bairro.

<sup>7</sup>Durante conversas com o neto de Raul Goldschmidt, Itoby Goldschmidt, este comentou que a esmagadora maioria dos rolos de filmes encontrados são de Pinheiros, mas existem na coleção fotos de Itapecerica da Serra, São Roque, Embú das Artes, Pirapora, Piracicaba, entre outras. Era uma prática comum, com a propagação e popularização das fotografias no fim do século XIX, registrar perspectivas particulares, principalmente veiculando-as a espaços comumente utilizados e percebidos pelo fotógrafo atuante.

caracterizando-as como bairros, como parte da urbe. Assim, no segundo capítulo, apresento os processos de ocupação de Pinheiros desde seu aldeamento até sua constituição enquanto bairro, as mudanças de referenciais paisagísticos e geográficos oriundos do processo de urbanização e como é possível entender o termo bairro para além dos referenciais geográficos de constituição da cidade urbanizada, pois um bairro é um referencial memorial, afetivo, histórico e comunitário que, independentemente de ser englobado por um processo modernizante, ainda mantém seus aspectos próprios e identitários.

O terceiro capítulo, por sua vez, apresenta um breve histórico da fotografia enquanto representação material de experiências e memórias vividas; sua criação e difusão no mercado nacional e internacional e as possibilidades analíticas dos documentos imagéticos. Ambas as séries documentais apresentam pontos comuns e contrapontos em que é possível perceber os impactos paisagísticos no bairro de Pinheiros como uma extensão de projetos nacionais, urbanísticos e higienistas que pretendiam constituir São Paulo e seus arredores como uma referência mundial de metrópole, buscando, com essa inferência, caracterizar a cidade como importante referência da identidade brasileira.

A fim de elucidar as questões acima apresentadas, pretendo abordar questões específicas nesta introdução, pois assim será possível entender como a pesquisa realizada se insere numa problemática mais ampla, que é a construção da memória, pois as fotos das obras públicas precisam ser reinseridas no tempo da sociedade atual:

A memória não é absolutamente unilinear. Ela funciona radialmente, ou seja, com um enorme número de associações que conduzem todas ao mesmo acontecimento. [...] Se queremos pôr uma fotografia de volta no contexto da experiência, da experiência social, temos de respeitar as leis da memória. Temos de situar a fotografia impressa de modo que ela adquira algo do surpreendente caráter conclusivo daquilo que *era* e daquilo que *é* (BERGER, 2017, p. 85).

## DO OBJETO DE PESQUISA

A pesquisa propõe compreender as mudanças ocorridas na região de Pinheiros após o início de diversas obras públicas, analisando os documentos fotográficos relativos ao bairro produzidos desde o início do século XX até o final da década de 1960. Sendo o meu objeto de análise as transformações paisagísticas pelas quais Pinheiros passou e como estas são oriundas dos processos de urbanização que se irradiaram do centro de São Paulo para regiões circunvizinhas, sendo que estas mudanças na paisagem (que foram cristalizadas nas fotografias em perspectiva) também modificaram a forma com a qual os

moradores se relacionavam com o espaço. As fontes<sup>8</sup> fazem parte das seguintes coleções<sup>9</sup> digitais: Coleção Jurandyr Indio do Brasil Goldschmidt (pertencente às instituições Esporte Clube de Pinheiros e Biblioteca Álvaro Guerra), Arquivo Histórico de São Paulo e Fundação Energia e Saneamento. Em termos quantitativos utilizei um total de 18 fotografias, sendo:

- 08 do Arquivo Histórico de São Paulo;
- 01 da Fundação Energia e Saneamento;
- 04 da Biblioteca Álvaro Guerra;
- 02 do Esporte Clube de Pinheiros;

Além dessas fotografias, utilizei três imagens encontradas na internet. Estas fotografias foram selecionadas por sua qualidade informativa enquanto fontes, e, ao compará-las com as coleções fotográficas dos acervos pesquisados, foi possível atestar que pertenciam à referência geográfica-espacial reproduzidas e apresentadas em suas legendas. Com exceção das imagens da Biblioteca e do Esporte Clube, a alta quantidade de fotógrafos das outras instituições não me permitiu realizar um trabalho mais biográfico sobre aqueles que produziram as imagens. No entanto, foi possível pensar nestes fotógrafos como reprodutores de perspectivas das empresas que os contrataram, principalmente a Fundação, que foi criada pela Light. A escolha por analisar fontes fotográficas deu-se devido ao fato de que o projeto inicial desenvolvido em 2015 já apontava as mudanças paisagísticas como um fator muito importante na percepção que se pode ter do bairro de Pinheiros. As inúmeras obras públicas foram, portanto, um motivo norteador para a pesquisa.

Pensando nas transformações paisagísticas, é óbvio que a chegada de portugueses em Pinheiros durante o século XVI, assim como os negros escravos trazidos da África durante os séculos seguintes, provocaram importantes alterações na paisagem do local

---

<sup>8</sup>Como será possível notar, as fotografias analisadas estão presentes na Introdução, no Capítulo II e no Capítulo III. Ao longo da dissertação as fontes são apresentadas em diferentes temporalidades e às vezes deslocadas de seus conjuntos. Isso se deu porque preferi privilegiar a alternância e entrosamento entre teoria e fontes para que ficasse mais claro como eu enxergo as fotografias e a paisagem inserida nestas.

<sup>9</sup>O Glossário de Terminologia Arquivística da Universidade Federal Fluminense aponta o termo coleção como um conjunto com características comuns reunidos intencionalmente. Esta é a terminologia oficial utilizada pelas instituições aqui analisadas. Contudo, apesar de o Esporte Clube de Pinheiros e a Biblioteca Álvaro Guerra entenderem as fotografias da família Goldschmidt como coleção, é possível pensar nesta como um fundo arquivístico, em que o fundo é caracterizado como conjunto de documentos de uma mesma proveniência. Ambas as definições se encontram no site da UFF: <<http://www.arquivos.uff.br/index.php/glossario-de-terminologia-arquivistica>>. Como não cabe a mim redefinir as terminologias escolhidas pelas instituições, optei por manter o termo coleção como referência.

que viria a ser um bairro<sup>10</sup>. Contudo, Pinheiros ainda era, no final do século XIX, uma área tida como afastada do centro de São Paulo e relativamente ruralizada, muitas vezes servindo como posto de abastecimento para diferentes regiões. A partir do momento em que projetos urbanísticos começaram a se expandir (PRADO JÚNIOR, 1989, p. 43) do centro de São Paulo para os bairros circunvizinhos, foi possível notar mudanças que alteraram geograficamente e culturalmente o bairro de uma maneira totalmente nova.

A construção da estrada de ferro que ligava São Paulo ao porto de Santos foi um marco muito importante no movimento urbanístico em São Paulo. E a partir da segunda metade do século XIX (MORSE, 1970, p. 191) as estradas de ferro, como a de Santos-Jundiaí, mudaram a configuração do transporte e da vida social na capital.

Essa mudança dos costumes e das mentalidades na cidade de São Paulo ficaram nítidas na instalação de obras públicas em Pinheiros, em que a retificação do rio Pinheiros, o aterramento das várzeas, o asfaltamento das ruas para viabilizar a circulação de automóveis<sup>11</sup> e tantas outras transformações paisagísticas fizeram com que a configuração do bairro mudasse totalmente, abarcando as novas possibilidades que o progresso trazia. Como a retificação do rio Pinheiros, que se insere na tentativa de controlar o fluxo das águas para permitir a presença de novas ruas, avenidas e largos sem a interferência da inconstância das enchentes. O rio, que outrora servia como forma de deslocamento de pessoas e como caminho para levar os mantimentos produzidos no bairro até o centro de São Paulo, perdeu sua utilidade comercial, pois o transporte por terra via automóvel passou a ser tido como mais rápido, eficiente e moderno.

---

<sup>10</sup>Esta questão pode ser vista nos impactos florestais da região de Pinheiros. Algumas regiões onde se encontra hoje o município de São Paulo, eram constituídas por florestas e não campos (como será abordado no Capítulo III) (PETRONE, 1963, p. 54). As temperaturas giravam em torno de 16 e 18°C e a precipitação anual era alta. As florestas foram destruídas pelos portugueses, fazendo com que as vegetações rasteiras se tornassem mais comuns (ibid., p. 65).

<sup>11</sup>Ver Imagens 01 e 02.



(Imagem 01: Largo de Pinheiros: obras de pavimentação, 1941)<sup>12</sup>

É possível notar como a perspectiva desta primeira fotografia geral apresenta o calçamento de paralelepípedos utilizando-se de outros referenciais visuais como complementação de um ideal materializado na imagem em si: os carros enfileirados demandam ordem e uma necessidade agora presente na comunidade pinheirense, a de estacionar. Um outro carro que chega e se aproxima dos outros veículos já estacionados, respeitando os trilhos do bonde, também aponta para uma habilidade (em relação ao novo espaço configurado) costumeira dos habitantes da região constituída como bairro. Os postes de luz, que chegou no bairro no início do século, juntamente com as placas indicando serviços comerciais, constituem uma paisagem-extensão da metrópole. A igreja, referencial edificado e cultural presente em Pinheiros desde seu aldeamento em 1560, reitera uma parte identitária do bairro que se manteve. Parte de um acervo fotográfico diversificado do Arquivo Histórico de São Paulo, cujas proveniências são múltiplas, esta fotografia apresenta aspectos únicos da região, ao passo em que também demonstra como esta foi capaz de se transformar em braço estendido do centro urbanizado, capaz de se tornar parte da grande metrópole que é São Paulo, principalmente quando comparada à Imagem 02. O choque da disparidade entre imagens, ainda que pertencentes a diferentes partes do bairro, dentro de um curto espaço de tempo (por volta

---

<sup>12</sup>Imagem pesquisada no acervo fotográfico digital do Arquivo Histórico de São Paulo, Classificação PMSP-DOV-OPu-RF, Número 0459.



de 20 anos) é a referência concreta das transformações paisagísticas que modificaram totalmente a geografia da região de Pinheiros.

A Imagem 01 é um referencial paisagístico muito marcante, pois é na virada do século XIX para o XX que as mudanças na paisagem de Pinheiros se tornam mais impactantes na vida dos moradores da região. A região tinha um caráter rural muito forte, com fazendas que produziam os mais diversos produtos alimentícios (além dos produtos agrícolas havia também a criação de gado), sendo o rio o maior meio de transporte e as estradas de terra percorridas a pé ou a cavalo. As casas eram poucas, assim como os habitantes. As olarias produziam artefatos vendidos tanto no bairro como no centro, assim como os produtos alimentícios. Em um artigo sobre fotos antigas do bairro de Pinheiros (que conta com entrevistas com pinheirenses, representantes e descendentes de coleções fotográficas, tal qual Itoby Goldschmidt), Diego Gouvêa (jornalista que publicou diferentes artigos na Gazeta de Pinheiros, o jornal mais antigo do bairro ainda em circulação) aponta aspectos paisagísticos muito importantes:

Até o final do século 19 a paisagem de Pinheiros lembrava mais a de pequenas cidades do interior, com casas baixas e apenas algumas ruas abertas. Não era raro encontrar bois, mulas e cavalos pastando em terrenos vazios onde só havia mato. Poucos eram os habitantes da região, que ficava distante da “Cidade”, apelido utilizado na época como referência ao centro de São Paulo, que por ter a maioria das ruas pavimentadas e pequenos edifícios apresentava características urbanas que realmente lembravam a de uma cidade. Faltava quase tudo em Pinheiros. A Rua Fernão Dias, por exemplo, ficava cheia de lama nos dias de forte chuva. No entanto, a partir do início do século 20, começaram a chegar os primeiros serviços públicos, como o fornecimento de energia elétrica, implantação de sistemas de esgoto e pavimentação das ruas principais. O bairro começava a mudar, deixando de ser mais uma área esquecida pelo poder público para tornar-se um dos redutos mais urbanizados de São Paulo (GOUVÊA, 2012).

Esta descrição de Pinheiros como um referencial paisagístico que possuía mato, animais, poucos moradores, lembrando uma cidade do interior, pode ser percebida na foto abaixo, em que uma pata é seguida por seus filhotes num lago em frente a uma casa. A quantidade de capim, a cerca baixa, as árvores ao redor da construção ao fundo, a pequena estrada de terra no canto superior direito e a própria água parecem representar imagneticamente uma região que não fazia parte da metrópole urbanizadora e industrial, uma região que existia de maneira diferente e quiçá deslocada de um centro modernizador, uma região que existia em si e não como parte do centro, não como braço estendido da “Cidade”. O fotógrafo, Raul Goldschmidt, registrou esse momento cotidiano cristalizando um referencial visual que se transfiguraria quase totalmente em vinte anos.

Esta visão de Pinheiros enquanto um lugar campestre, tranquilo, rural, com um tempo diferente de São Paulo iria mudar drasticamente durante o século XX. As águas locais, que na foto aparecem como parte de uma natureza reinante, seria domada, retificada, aterrada, diminuída em seu fluxo, seria vista como um problema a ser resolvido e não como fonte de alimento, de material cerâmico, de banho e de transporte. As águas, tal qual a região em si, seriam modificadas para fazerem parte da cidade moderna.



(Imagem 02: quintal da casa de Raul Goldschmidt. Hoje é o começo da Rua Miguel Isasa, perto do antigo Mercado de Pinheiros, década de 1920<sup>13</sup>)

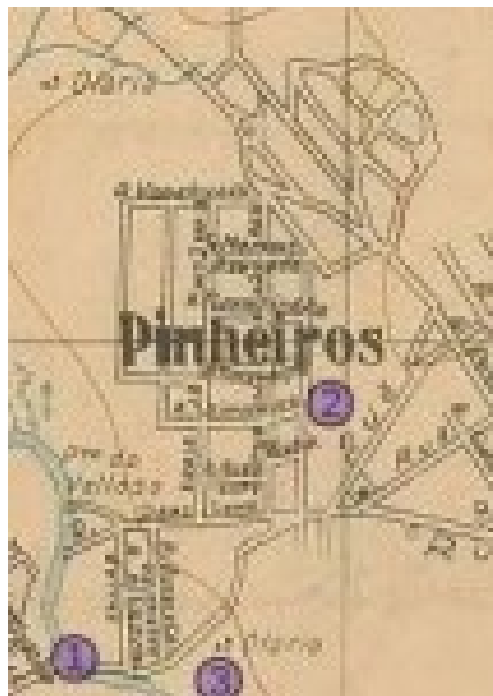
É possível notar como a região era aos poucos incorporada à mancha urbana de São Paulo. Ainda que Pinheiros se articulasse com o núcleo central, não era tido e/ou visto como parte integrada à cidade, processo que ocorreria durante a metropolização. Bairro, enquanto terminologia, pode possuir diferentes significados contextuais. O vocábulo bairro vem do latim *barrium* ou do árabe *barri* (de fora, exterior, separado). Inicialmente visto como: uma unidade urbana, uma divisão, uma porção de território, o

---

<sup>13</sup>Imagem pesquisada no acervo fotográfico da Biblioteca Álvaro Guerra, Avenida Pedroso de Moraes, 1919, bairro de Pinheiros, São Paulo; Classificação: número 34.

bairro<sup>14</sup> é uma parte de terra de uma povoação separada, uma das partes que se divide uma cidade. Mas é também uma unidade espacial com a qual indivíduos desenvolvem questões identitárias: localidade não é apenas uma relação geográfico-física, é também emocional e memorial. Bairro é uma unidade territorial<sup>15</sup> dotada de pertencimento (BEZERRA, 2011, p. 23), é também um lote representado por características físicas e dimensionais, típicas e particulares de cada recorte espacial:

Assim, o bairro torna-se uma unidade morfológica espacial e morfológica social ao mesmo tempo. [...] São os traçados e praças, os quarteirões e monumentos, os jardins e as áreas verdes que constituem os elementos morfológicos identificáveis. [...] A forma das cidades define-se pela distribuição dos seus elementos primários ou estruturantes: o sistema de arruamentos e os bairros, as zonas habitacionais, centrais ou produtivas, que se articulam entre si e com o suporte geográfico (ibid., p. 25 – 26).



(Mapa 04: O bairro de Pinheiros em um mapa de 1924)<sup>16</sup>

<sup>14</sup>Juntamente às construções imobiliárias e com os projetos arquitetônicos da cidade edificada e mercantil, os bairros surgiram como: lotes planejados (tais quais os bairros-jardins e zonas periféricas destinadas à habitação e produção doméstica) e expansões que aconteciam sem planejamento, sendo que ambas as ocupações ultrapassavam os limites municipais (SEABRA, 1987, p. 04). Essas construções muitas vezes ressaltavam o ideal de uma cidade moderna, que controla a natureza, que é progressista e moderna. O aparecimento em grande escala da função residencial é uma das características mais relevantes do desenvolvimento da urbe, em que os grupos sociais que habitam certas áreas determinam os usos e funções do espaço, caracterizam-no de acordo com suas expectativas, realidades socioeconômicas, bagagem cultural, etc. O autor apresenta esta ideia ao lembrar a presença de moradias operárias próximas às ferrovias e à presença de imigrantes em bairros mais suburbanos, que buscavam locais que possuísem áreas campestres e terrenos grandes por preços mais acessíveis (LANGENBUCH, 1971, p. 136).

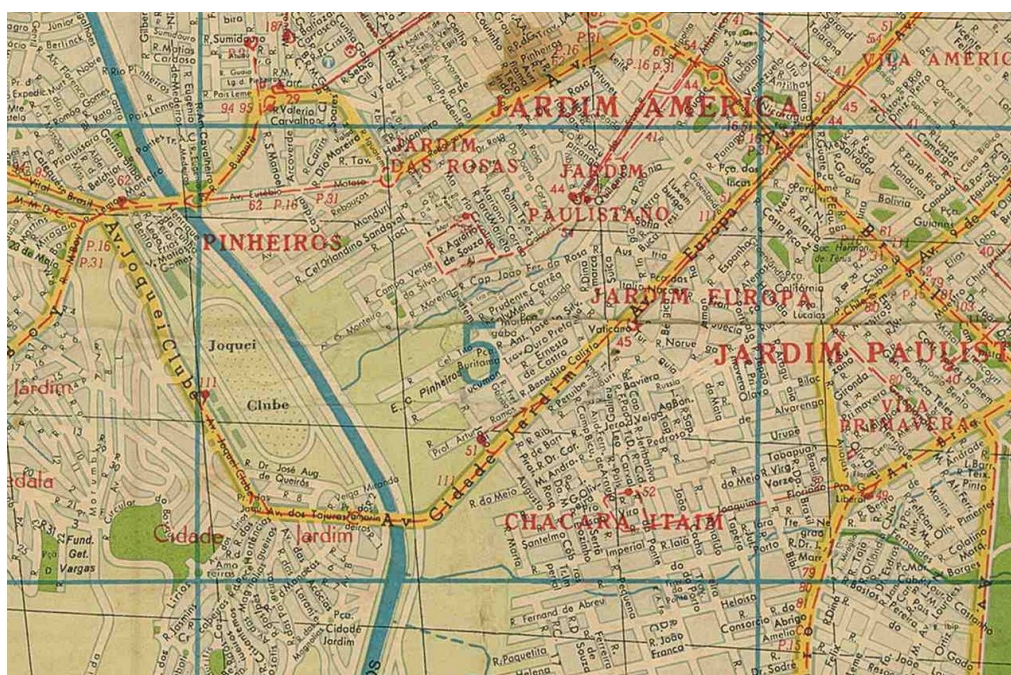
<sup>15</sup>Ver as imagens dos mapas nas páginas a seguir para entender melhor a disposição territorial do bairro durante as primeiras décadas do século XX.

<sup>16</sup>Imagem disponível em: <<http://vivaobutanta.blogspot.com/2011/07/historia-do-butanta.html>>. A imagem é um pedaço de um mapa do bairro do Butantã.





(Mapa 05: Detalhe do Mapa Topográfico do Município de São Paulo apresentando a região de Pinheiros, SARA BRASIL, 1930<sup>17</sup>)

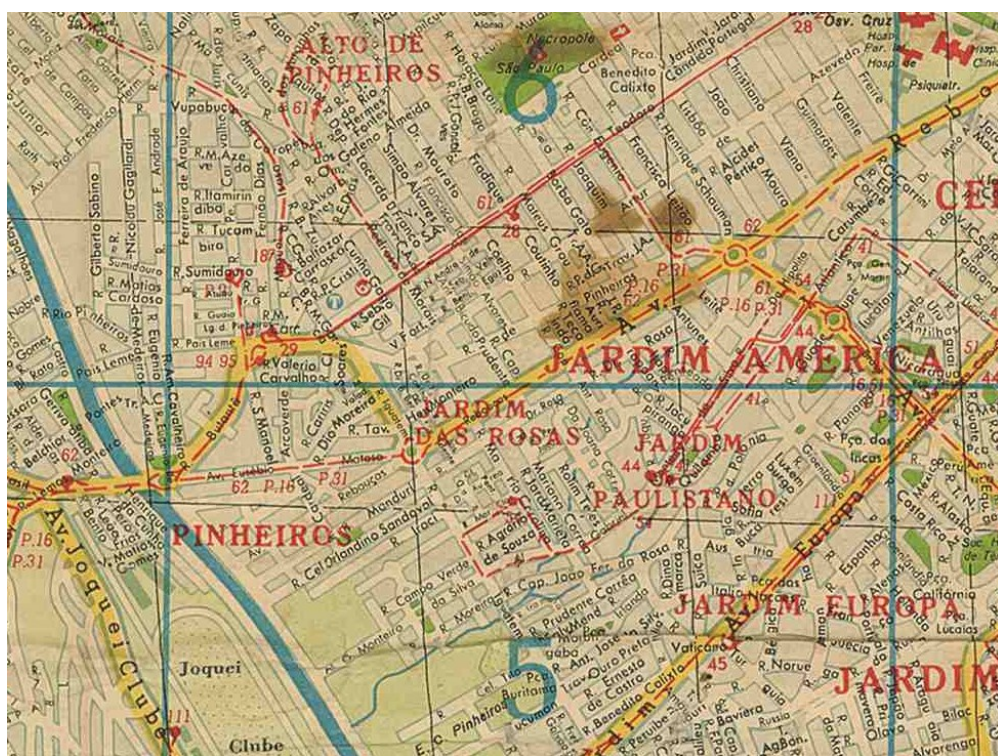


(Mapa 06: Detalhe de um mapa que apresenta a região de Pinheiros e Itaim antes da Avenida Faria Lima e da Marginal Pinheiros, 1952)<sup>18</sup>

<sup>17</sup>Imagem disponível no Relatório de Escavação sobre o sítio Pinheiros 02 (ZANETTINI & SOUZA, 2012, p. 357).

<sup>18</sup>Imagem disponível em: <<https://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1101345>>.





(Mapa 07: Detalhe de um mapa que apresenta a região de Pinheiros e Itaim antes da Avenida Faria Lima e da Marginal Pinheiros, 1952)<sup>19</sup>



(Mapa 08: Bairro de Pinheiros. Distribuição de população nipo-brasileira, 1962)<sup>20</sup>

<sup>19</sup>Imagem disponível em: <<https://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1101345>>.

<sup>20</sup>Imagem disponível na obra de Pasquale Petrone (PETRONE, 1963). O autor, junto com vários pesquisadores, desenvolveu uma série de levantamentos cartográficos muito detalhados sobre o bairro de Pinheiros.





(Mapa 09: Crescimento do bairro de Pinheiros, 1962)<sup>21</sup>



(Imagem 03: Vista aérea da Avenida Rebouças até Rua Iguatemi, hoje Faria Lima, 1937)<sup>22</sup>

<sup>21</sup>Imagem disponível na obra de Pasquale Petrone (PETRONE, 1963). O autor, junto com vários pesquisadores, desenvolveu uma série de levantamentos cartográficos muito detalhados sobre o bairro de Pinheiros.

<sup>22</sup>Imagem pesquisada no acervo fotográfico da Biblioteca Álvaro Guerra, Avenida Pedroso de Moraes, 1919, bairro de Pinheiros, São Paulo.

Enquanto parte da malha urbana, o bairro deve possuir certa quantidade populacional e limite territorial. Centros ou pontos de encontro servem como referência geográfica dentro de um espaço caracterizado como bairro (tais quais, no caso de Pinheiros, o Mercado de Pinheiros, a Hípica e até mesmo centros religiosos, como a Igreja Nossa Senhora do Monte Serrat, tida como referência para os moradores). O nome de um bairro é também parte de sua característica, algo que lhe confere personalidade, como Pinheiros, homenageado por suas árvores. Bairros são construções urbanísticas, são demarcações territoriais e culturais que visam localizar um pedaço de terra como loteamento com uso e características específicas dentro das propostas metropolitanas. Servem como forma de delimitação, como referência geográfica e cultural. As práticas sociais ali presentes e a paisagem ali construída servem como referencial nominal da região. A historicidade tem grande influência no nome das ruas e na demarcação geoespacial do bairro (BEZERRA, 2011, p. 28).

A Imagem 03 é uma vista aérea<sup>23</sup> do bairro de Pinheiros e implica num controle do espaço geral do bairro, como se a ideia de visualizar a região como um todo permitisse um acesso mais fácil à sua transformação (ainda que as fotografias aéreas estivessem se popularizando em São Paulo no século XX, esta imagem é um dos raros registros de Pinheiros). A divisão territorial se faz notar: as ruas já são divididas e organizadas, algumas ainda são de terra e não foram totalmente asfaltadas. Os fotógrafos que registraram o bairro de Pinheiros pelas instituições da Prefeitura Municipal de São Paulo e pela Light (que posteriormente compuseram a coleção fotográfica do Arquivo Histórico de São Paulo e da Fundação Energia e Saneamento, respectivamente) eram contratados para registrar as obras públicas, muitas vezes fotografando o durante e o depois das alterações paisagísticas. A imagem acima pode ser classificada no *durante*, tendo em vista que a região de Pinheiros já possuía eletricidade e as obras de retificação do rio Pinheiros já haviam começado, assim como o processo de asfaltamento das ruas e avenidas. São essas obras que caracterizariam a região como bairro.

Pinheiros é um bairro que, geograficamente, limita-se com os bairros Vila Madalena, Jardim América, Alto de Pinheiros, Jardim Paulistano, Butantã, Sumaré e Pacaembu (REALE, 1982, p. 63). Suas ruas e avenidas principais são: Artur de Azevedo, Borba Gato, Butantã, Cardeal Arcoverde, Cariris, Cônego Eugênio Leite, Cunha Gago, Coropós, Deputado Lacerda Franco, Fernão Dias, Fradique Coutinho, Iguatemi, Mateus

---

<sup>23</sup>A expansão da cidade muitas vezes é vista pela historiografia tradicional através da industrialização, da implantação de ferrovias e da ocupação do espaço aéreo (geralmente ocupado com intuítos estratégicos e militares) (ATIQUE, BURATTINI, DIAS, 2017, p. 174).

Grou, Mourato Coelho, Pedroso de Moraes, Pinheiros, Simão Álvares, Teodoro Sampaio (AMARAL, 1969, p. 120 – 125), Doutor Arnaldo, Euzébio Matoso e Rebouças (REALE, 1982, p. 63). Os significados das ruas principais da região são: bandeirantes, figuras políticas ou econômicas relevantes para os moradores e referências indígenas (nomes de grupos indígenas ou até mesmo de referências geográficas para estes grupos). Esta observação em si já diz muito sobre o processo ocupacional em Pinheiros, em que diferentes grupos de indígenas e de imigrantes portugueses habitaram a região de maneira conflituosa e estampada na paisagem, que pode ser entendida e classificada de diferentes formas, sendo possível neste caso vermos essa relação múltipla entre agentes na organização, distribuição e nomeação geográfica-espacial das ruas do bairro. Os usos das águas, dos caminhos, trilhas e pontes, a relação com as plantações, com o barro para produção de cerâmicas e tijolos, a referência religiosa presente nas igrejas e a baixa densidade populacional por causa das condições de habitação são todas evidências de como a região foi se caracterizando, sendo vista e tida como um bairro comercial.

Pinheiros, até início do século XX, funcionava como ponto de articulação do território de São Paulo, sendo o rio e algumas vias terrestres utilizados como caminhos e maneiras de transporte interregional, e foi a partir desses caminhos que as obras públicas se iniciaram na localidade.

#### ACERVOS, FOTOGRAFIAS E METODOLOGIAS

As fontes principais desta pesquisa são as fotografias do bairro de Pinheiros entre 1908 e 1969, sendo que este recorte temporal foi baseado nas temporalidades de duas fotografias tidas por mim como marcos temporais e físicos que mostram referenciais paisagísticos fundamentais pelas quais a região passou. Os documentos fotográficos aqui apresentados foram reunidos a partir de diferentes arquivos, e as imagens selecionadas foram destacadas de suas sequências por possuírem os atributos necessários para análise (retratavam obras públicas de maneira clara e apresentavam referenciais paisagísticos que foram extremamente modificados) (CARDOSO & MAUAD, 1997, p. 583 – 584).

As fotos pesquisadas no Arquivo Histórico de São Paulo reúnem imagens de origens diversas<sup>24</sup>, pertencentes a diferentes coleções imagéticas municipais (tal qual o Museu da

---

<sup>24</sup> “A lógica de organização museológica é por item documental, enquanto que nos arquivos a forma de organizar é por conjunto de documentos, seja por coleção ou por fundo de arquivo” (DIAS, F., 2016, p. 05). Arquivos de grande porte, como o Arquivo Histórico, recebem documentos em grande quantidade, sendo que muitas vezes estes documentos não possuem organicidade (a coerência lógica e orgânica no contexto de produção, o vínculo aos outros documentos do mesmo conjunto) (BELLOTTO, 2014, p.332) e por isso fazem parte de uma miscelânea de assuntos, recortes temporais e espaciais.



Cidade) e estão classificadas de acordo com diferentes eventos que ocorreram na cidade de São Paulo, sendo as referências fotográficas das obras públicas, dentro da ampla variedade da coleção, o recorte que interessava à pesquisa. As fotos estão digitalizadas e a coleção imagética tem uma vasta temporalidade, desde a década de 1920 até o início dos anos 2000.

Composta por imagens sobre as ações da municipalidade na estrutura urbana e na implementação e manutenção de serviços urbanos, produzidas em sua maior parte na primeira metade do século XX, o conjunto fotográfico da Supervisão de Acervo Permanente apresenta grande valor histórico. Embora de menor dimensão frente a outras coleções, as imagens da cidade aqui presentes lhe conferem uma característica única ao complementar de forma rara a documentação fotográfica sobre São Paulo do século XX. As imagens registram, em especial, ações municipais desenvolvidas numa área geográfica que reflete a pronunciada expansão urbana entre as décadas de 1920 e 1950 (ARQUIVO HISTÓRICO DE SÃO PAULO, 2012).

Juntamente com o acervo do Arquivo Histórico, uni uma imagem da Fundação Energia e Saneamento, pois esta abarca o contexto de registro das obras públicas em São Paulo e Pinheiros durante o século XX. A Fundação Energia e Saneamento foi criada em 1998 com o objetivo de preservar a memória e o patrimônio do gás e da eletricidade no estado, tendo em vista que as empresas do setor elétrico estavam sendo privatizadas. A temática do saneamento foi incorporada à Fundação em 2004. Sua coleção possui mais de 260 mil documentos fotográficos, além de artefatos museológicos, documentos cartográficos, audiovisuais e sonoros e títulos na biblioteca, sendo estes materiais relacionados ao processo de urbanização e industrialização no Brasil. As imagens desta coleção variam entre os anos 1920 e 1980 e estão digitalizadas e catalogadas. A maior parte desta coleção é referente às obras de instalação de luz e esgoto e mostram boa parte das mudanças paisagísticas ocorridas em São Paulo desde o início do século XX.

Também utilizei imagens do fotógrafo Raul Goldschmidt presentes na Biblioteca Álvaro Guerra. Esta instituição foi criada a partir de movimentos populares que clamavam a abertura de uma biblioteca infantil no bairro de Pinheiros. Localizada na Avenida Pedrosa de Moraes, número 1919, a biblioteca foi inaugurada na década de 1950 com o nome de Biblioteca Infantil de Pinheiros e teve importante relevância para os moradores do bairro, sendo seu público alvo, as crianças, os maiores usuários da instituição, ao ponto em que a biblioteca não conseguia comportar o número de visitantes. É possível notar essa demanda não só pelos eventos sociais e culturais que ali ocorreram ao longo do século XX, mas também pelas alterações feitas no edifício, que buscavam ampliar o

espaço utilizado pelo público infantil. A presença marcante das crianças no espaço fez com que o nome da instituição mudasse na década de 1970 para homenagear o educador e poeta brasileiro Álvaro Guerra. A edificação deste estabelecimento representa de forma material a identidade pinheirense, pautada em uma população que não somente se apropria do espaço físico do bairro, como também o altera, ao construir edificações públicas.

A coleção fotográfica contida na Biblioteca Álvaro Guerra é oriunda de um evento que ocorria com frequência no espaço interno da instituição: o Serviço Estação Memória. Este evento foi criado na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA – USP) na década de 1990. O objetivo do projeto é promover oficinas de memória semanais, com idosos com mais de 65 anos e jovens de diferentes faixas etárias, fazendo com que os encontros intergeracionais colaborem para a difusão e preservação das mais variadas memórias. Após diversas reformas na biblioteca, a Estação Memória foi transferida permanentemente para a ECA em 2008, deixando parte de entrevistas, recortes de jornais, fotografias e tantos outros documentos sob a guarda da biblioteca. As imagens que utilizei nesta pesquisa foram encontradas num envelope dentro de uma pasta que continha todo o tipo de fontes e informações mescladas. Como cortesia, digitalizei as imagens para a responsável pela coleção que me permitiu o acesso gratuito às imagens.

Encontrei fotografias do mesmo autor na coleção do Esporte Clube de Pinheiros, pois ambos são constituídos de imagens produzidas por Raul Goldschmidt. Ambas coleções estão digitalizadas (ainda que as fontes da biblioteca não estejam necessariamente catalogadas) e possuem imagens desde os anos 1900 até 1940. As imagens presentes nestas coleções tratam de inúmeras localidades ao longo do bairro de Pinheiros: ruas, casas, largos, sendo que a coleção Jurandyr Indio do Brasil Goldschmidt (parcialmente presente na coleção digital do Esporte Clube de Pinheiros) é muito rara e tem por volta de 200 fotos que foram tiradas por Raul Goldschmidt, um pinheirense nascido em 1888 que trabalhava com comércio e era fotógrafo amador (GOUVÊA, 2012). A coleção é referente a uma coleção particular/familiar.

Busquei compreender através da análise laboratorial dos documentos fotográficos de Pinheiros como as mudanças paisagísticas (retificação do rio Pinheiros, calçamento de ruas, criação de avenidas pavimentadas, realização de vias para bondes, ônibus e carros, aterramento de várzeas) realizadas na região afetaram a paisagem do bairro de

Pinheiros<sup>25</sup>, para entender e problematizar elementos estruturantes da sociedade paulistana. Assim foi possível entender de que maneira as mudanças paisagísticas presentes nas imagens pesquisadas evidenciam a expansão da cidade de São Paulo enquanto metrópole, sendo este movimento de urbanização algo que se estendeu em raios do centro para regiões adjacentes que até então eram vistos como locais deslocados e não como bairros pertencentes à malha urbana<sup>26</sup>.

Ao problematizar questões paisagísticas e como estas impactaram os modos de ocupação dos grupos sociais que habitavam o bairro, conferi às fotografias um aspecto histórico que vai além do referencial visual presente nas imagens. A foto, desde sua criação no século XIX, sofreu significações das mais diferentes ordens. Vista como arte, como informação imediata, como reprodução, como materialização da memória, como fonte histórica, como representação do mundo real, como referencial científico, como ponto de vista/instrumento ideológico, como anúncio/marketing, como educação, como produto capitalista e tantas outras possibilidades. Na São Paulo do início do século XX haviam várias exposições que apresentavam fotografias:

Nessas exposições frequentes, os retratos sob os mais diversos processos e as vistas da cidade de São Paulo e/ou da ferrovia podiam ser conhecidos pelo público que transitava pelo centro paulistano. A fotografia incorpora-se ao cotidiano da cidade e é nesse espaço que a familiaridade com as imagens educa o olhar para o passado de visualidade que no século XX dominará os meios de comunicação de massa (LIMA, 1998, p. 30)

Apesar de as fotos aqui apresentadas estarem digitalizadas, é importante entendê-las como fontes passíveis de materialização, considerando-as também como objetos materiais (MENESES, 2003, p. 144). As imagens podem ser uma referência material carregada de diferentes formas, utilizadas e apropriadas de diversas maneiras. Enquanto coisas, as imagens fazem parte das relações sociais, tidas por Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes como *práticas materiais*. A própria materialidade da fotografia a coloca no patamar de artefato, de produto vivo das relações sociais cotidianas ou não e, ao mesmo

---

<sup>25</sup> Pasquale Petrone produziu um belíssimo estudo sobre Pinheiros, auxiliado por diferentes pesquisadores da Universidade de São Paulo na década de 1960, cujo trabalho aponta diversos aspectos do bairro, desde seu aldeamento até os seus processos de urbanização, passando por questões de mobilidade e pela constituição geográfica da região. Dois mapas criados por Petrone figuram essa dissertação, sendo que a pesquisa do autor me localizou para perceber as mudanças paisagísticas em Pinheiros por diferentes vieses, possibilitando um enriquecimento importante à pesquisa.

<sup>26</sup> Vale ressaltar, no entanto, que a metrópole se urbanizava ao mesmo tempo em que urbanizava essas outras regiões: eram movimentos simultâneos entre centro e locais adjacentes. São Paulo, enquanto centro, teve forte influência no processo urbanizador de Pinheiros, mas as obras públicas realizadas neste local também influenciaram a constituição do município como metrópole.

tempo em que pode ser entendida como produto, a imagem existe ali no meio social como prática viva destas relações (ibid., p. 146).

Na categoria de artefato as fotografias são uma representação material de momentos e vivências passados, cristalizados no caráter visual da imagem. Ao serem realocadas física e culturalmente (ou seja, tiradas de seu local e tempo de produção) e ao serem vistas e entendidas por outras gerações além daquelas que as produziram, as fotografias podem agir como vetor para a análise de aspectos sociais particulares, sendo a *visualidade* concebida como ‘um conjunto de discursos e práticas que constituem diferentes formas de experiência visual em circunstâncias historicamente específicas’, (MENESES, 2003, p. 151). Pode-se perceber esta perspectiva no bairro de Pinheiros, entendido como um exemplo particular e ao mesmo tempo geral das transformações pelas quais não somente a região, mas também a cidade de São Paulo sofreu durante o século XX. Através de extensa análise dos documentos fotográficos foi possível compreender em grau profundo os modos de vida de uma época, ciclos econômicos de uma região e estruturas sociais e culturais, fato que colabora para um entendimento mais complexo e completo da história de São Paulo e, por conseguinte, de uma identidade social.

Para elucidar o apontamento acima, ponderei questões específicas sobre memória e materialidade com o intuito de contextualizar o bairro dentro da perspectiva analítica histórica-social, partindo do recorte espacial e do recorte temporal presentes na pesquisa: Pinheiros entre 1908 – 1969. As mudanças que ocorreram na paisagem de Pinheiros durante essas décadas foram avassaladoras. Ora, se a paisagem é um construto realizado por humanos em junção com o meio ambiente, Pinheiros é uma região que sofreu construções paisagísticas desde a ocupação indígena, assim como as invasões europeias, que também colaboraram para as alterações à paisagem. No entanto, as transformações mais significativas que alteraram drasticamente os referenciais geográficos e culturais da região ocorreram durante a primeira metade do século XX. Após o término das obras públicas que assolaram Pinheiros até 1969, a região definitivamente não era nada parecida com o lugar com ares campestres e pacatos de outrora, possuindo nova organização espacial que diferia quase totalmente dos referenciais que mantivera durante 400 anos de ocupações territoriais<sup>27</sup>. Deste modo é possível entender a paisagem do bairro como uma

---

<sup>27</sup>Muitas outras obras posteriores a década de 1960 também influenciaram a geografia do bairro, mas tais obras ocorreram em espaços já transfigurados que descaracterizaram a região muito antes de sua presença se fazer notada.

representação complexa de sociedades passadas<sup>28</sup>, sendo que as fotografias podem atuar como forma de resgatar a memória visual e colaborar na composição de uma memória urbana (KOSSOY, 2014, p. 61).

A identidade coletiva e individual pode ser reafirmada ou celebrada através de espaços comuns e de memórias partilhadas, como um espaço musealizado (HARTOG, 2011, p. 207) que faça referência a um evento histórico (como é o caso do Museu do Holocausto nos EUA), fazendo com que Memória, História e Identidade possuam uma relação simbiótica. Jörn Rüsen sugere uma relação intrínseca entre Identidade e Consciência em que a ideia de se inserir na História, de ser parte dela e de adquirir consciência histórica, vem da tríade Identidade-Memória-História, na qual o indivíduo sente uma *carência* em se localizar no tempo, em se inserir na História, em existir de forma temporal e atemporal (RÜSEN, 2001, p. 57). Desta carência surge então uma necessidade de preservação de referências memoriais, temporais/históricas e identitárias<sup>29</sup> que podem ser manifestadas na materialidade da paisagem, como no caso do bairro de Pinheiros. Ao colocarmos o bairro e o material fotográfico referente a este sob esta ótica também os localizamos enquanto referências materiais e patrimoniais que devem ser conservadas, estudadas e problematizadas, tendo em vista que o patrimônio material tem relevância a partir do momento em que conjuntos de valores sociais são atribuídos a este.

Se o significado de patrimônio depende dos valores a ele atribuídos, os significados são mutáveis e se modificam com a concepção de mundo da sociedade através do tempo. Por essa razão, patrimônio não é uma coisa, mas um processo no qual o valor lhe é atribuído a partir de seu reconhecimento, por meio de seu estudo, mapeamento, preservação e conservação (PLENS & FRANCISCO, 2017, p. 26).

Como foi dito anteriormente, as fotografias, quando retiradas de seu local e contexto de produção, são ressignificadas, possuindo diferentes valores e sentidos. Se a memória existe de maneira tangível e intangível, quando esta é transposta para o plano material torna-se uma representação de um passado vivido construído por outros sujeitos, ou seja, a cultura material pode ser uma expressão da memória construída por agentes a partir de outros referenciais, sujeitos a significados de diferentes grupos sociais ao longo

---

<sup>28</sup>As fotografias são preteridas enquanto documento passível de análise. Os pesquisadores, de uma maneira geral, acreditam que as imagens não possuem o mesmo valor analítico tal qual fontes escritas (KOSSOY, 2018, p. 34). Esta pesquisa se insere, portanto, dentro de um contexto de relevância para a fotografia e suas possíveis análises no Brasil.

<sup>29</sup>“*Mais as origens eram grandes, mais elas nos engrandeciam. Porque venerávamos a nós mesmos através do passado*” (NORA, 1981, p. 19).

do tempo. No caso da paisagem de Pinheiros esta pode ser vista como um construto de diferentes grupos sociais ao longo de diferentes séculos (NORA, 1981, p. 08).

Enquanto referencial tangível e representação de uma sociedade, as fotografias podem ser percebidas como uma materialização da vivência coletiva, sendo esta materialização um fator relevante para o desenvolvimento da própria memória. As pessoas necessitam de uma estabilidade material ao pensar no passado (HALBWACHS, 2006, p. 157). A referência imagética da paisagem age, nesse sentido, como forma de manter o passado estabilizado, podendo ser acessada por várias sociedades posteriores quando conservada. Ou seja, é possível enxergar as fotos de Pinheiros como fruto de uma representação de memória materializada de determinada época e sociedade (PESEZ, 1993). Por ser uma referência visual e concreta de vivências e memórias passadas, as fotografias aqui analisadas tornam-se um patrimônio passível de preservação, pois patrimônio é algo que se define também através de um senso de lugar, de pertencimento ao espaço físico e social: “[...] o uso do passado para a criação da identidade e pertencimento não surgiu na modernidade, mas durante toda a história da humanidade os aspectos materiais foram utilizados com propósitos identitários e territoriais [...]” (PLENS & FRANCISCO, 2017, p. 27). Os lugares de memória são plurais, tratam de diferentes memórias (particulares e coletivas) que são produzidas por instituições e grupos sociais que podem se utilizar destes lugares como formas de ação e conflito (GUARINELLO, 1994, p. 187).

Tendo em vista as questões sobre territorialidade, identidade, memória e história apresentadas, a paisagem de Pinheiros pode ser entendida enquanto:

- agente;
- arena coletiva que representa vivências;
- representação dos processos de urbanização do bairro;
- exemplo particular e ao mesmo tempo geral das transformações pelas quais não somente o bairro, mas também a cidade de São Paulo sofreu durante o início do século XX (tais quais os ciclos econômicos de uma região e estruturas socioculturais de diferentes grupos) (TILLEY, 1999, p. 35).

Durante o movimento urbanizador de São Paulo, diferentes modos de vida e perspectivas socioculturais passaram a ser englobados no processo de modernização, como foi o caso do bairro de Pinheiros. Entender a paisagem do bairro (cristalizada nas fotografias) desta forma é possibilitar a compreensão de costumes passados que já não acessamos mais em nossas memórias, pois pertencem a grupos já extintos, fazendo com

que estudar as fontes que descrevem as mudanças em Pinheiros possa colaborar no entendimento de movimentos e questões sociológicas e culturais que permearam a região, tendo como ponto principal questões da expansão urbanística do centro de São Paulo. Notar tais divergências é notar aspectos socioculturais que contribuíram para o desenvolvimento de aspectos identitários paulistanos, sendo a fotografia o documento que registrou estes aspectos e os cristalizou na História enquanto objeto materializado e visual do cotidiano humano, sendo que as fotografias se tornaram um elemento extremamente importante na história humana:

Seja como meio de recordação e documentação da vida familiar, seja como meio da informação e divulgação dos fatos, seja como forma de expressão artística, ou mesmo enquanto instrumento de pesquisa científica, a fotografia tem feito parte indissociável da experiência humana (KOSSOY, 2014, p. 171).

As possibilidades analíticas do bairro de Pinheiros são inúmeras e parecem colaborar para um entendimento amplo e ao mesmo tempo específico de questões regionais. Analisar e evidenciar tais vestígios é permitir um espaço para um debate muito mais denso e que proporciona um olhar novo de como a urbanização oriunda da região central de São Paulo afetou e englobou bairros antes tidos como perifêrizados:

E esses possíveis vestígios são imprescindíveis para a compreensão não apenas da história regional, mas de uma história construída a partir de expressões materiais da memória, fazendo parte dos processos de manutenção e/ou construção das memórias sociais (ZANETTINI & SOUZA, 2012, p. 231).

## O CONCEITO DE PAISAGEM

Quando estudava o sítio Pinheiros 02<sup>30</sup> procurando entender a paisagem do bairro de Pinheiros, julguei ser necessário entrar em contato com referências metodológicas da área da Arqueologia da Paisagem, que me proporcionaram um olhar diferenciado e preciso sobre como os habitantes da região manifestaram suas vivências e as tiveram registradas nas fotografias aqui analisadas.

Como Paul Connerton (apud 1989) mostrou, a memória é moldada e mantida através das nossas rotinas e atividades cotidianas, ela é incorporada à

---

<sup>30</sup>O sítio Pinheiros II foi escavado na Rua Butantã durante os anos de 2010 e 2011, sendo seu relatório de escavação finalizado e publicado em 2012. Os artefatos escavados são originários de uma fábrica de cerâmica do século XVIII que possuía oito fornos de queima e que funcionou até a primeira metade do século XIX. Do sítio foram retirados mais de 50.000 artefatos, tanto cerâmicos quanto de outros materiais. Os objetos encontrados foram catalogados e armazenados no Departamento do Patrimônio Histórico da Zona Norte da cidade de São Paulo (DPH da Zona Norte, mais conhecido como Sítio Morrinhos). Os arqueólogos e pesquisadores registraram todo o processo de salvamento dos artefatos e da situação do sítio arqueológico num relatório de escavação complexo de 510 páginas. Várias fotos foram produzidas e os arredores do sítio foram minuciosamente analisados, tendo em vista que o sítio em si foi destruído para a construção de um estacionamento.

essas atividades. De alguma maneira a paisagem (que nos informa e estrutura nossas atividades cotidianas de diferentes formas) nos ajuda a manter e moldar nossas memórias. Como resultado, a paisagem também pode ser utilizada para alterar e projetar nossas memórias em certas direções. A paisagem não é, portanto, somente uma arena na qual atuamos, nem uma construção social total, uma conceptualização, é ambas e ainda mais: ela constitui e molda a forma como vemos nosso mundo e nossos lugares nesse mundo. Além disso, a paisagem molda e estrutura nossas memórias do passado, enquanto que, ao mesmo tempo, abre para uma ativa e constante remodelação e reinterpretação dessas memórias (HORN & WOLLENTZ, 2018, p. 117).

Dentro do conceito teórico de paisagem, os diferentes autores aqui debatidos apresentam duas ideias implícitas: Disputas e Tensões, pois é no espaço geográfico-espacial comum que as identidades se manifestam (muitas vezes de maneira conflituosa) principalmente quando mais de um agente histórico o ocupa. Após ter realizado diferentes cursos que debatiam o conceito de paisagem, abordei este conceito-chave de acordo com uma corrente teórico-arqueológica que enfatiza as hierarquias das classes sociais, problematiza as relações de poder e dominação e privilegia aspectos cognitivos e simbólicos (PLENS, 2001, p. 09).

A fim de entender como se davam as relações sociais e como estas foram representadas na paisagem em Pinheiros, busquei entender o que o próprio termo significa e como alguns autores se apropriaram desta palavra, sugerindo conceitos específicos atribuídos a mesma. O consenso geral entre pesquisadores é de que a paisagem é a junção do meio ambiente com a ação humana, e pode ser entendida em quatro paradigmas: 01) Paisagem não é sinônimo de ambientes naturais; 02) Paisagens são mundos da produção cultural; 03) Paisagens são a arena de todas as atividades da comunidade; 04) Paisagens são construções dinâmicas, nas quais cada comunidade e geração impõe seu próprio mapa cognitivo (ANSCHUETZ, WILSHUSEN & SCHEICK, 2001, p. 159 – 160). A paisagem pode ser concebida como um construto de vivências cotidianas e também como fruto do processo de modernização, sendo possível entendê-la como representação de vivências específicas para grupos de uma determinada época.

As vivências são múltiplas e possuem representatividades fundamentais que aparecem nitidamente na construção da paisagem, sendo que a paisagem em si não é um construto uniforme e único, esta representa a multiplicidade das diferentes ocupações que a originaram, muitas vezes servindo como arena da tensão cultural e do conflito social (ibid., p. 165), fazendo com que a paisagem possa ser vista como um lugar de disputa de poder. Portanto, de acordo com as questões apresentadas, a paisagem pode ser:



- arena de tensões culturais e conflitos sociais (lugar de disputa de poder);
- representação da memória coletiva.

Os sentidos e significados que o termo paisagem carrega são múltiplas e ricas, sendo que tais perspectivas ampliam as possibilidades analíticas da paisagem construída no bairro de Pinheiros, em que a ocupação na região por diferentes agentes ao longo do tempo inferiu ao espaço modificações não homogêneas, tendo em vista que o homem manipula e modifica o espaço de acordo com suas intenções e/ou necessidades (ainda que o próprio homem também se adapte ao ambiente) (INGOLD, 2010, p. 162):

Em qualquer sociedade, os indivíduos irão, por seus motivos pessoais, se localizar em diferentes lugares, perceber diferentes concepções do mundo e de seu lugar nele, e farão diferentes exigências neste mundo: o resultado pode ser tensão, contestação ou transformação (apud Bender, 1998: 63) (ASHMORE & KNAPP, 1999, p. 18).

Por ter sido entendido e utilizado de muitas maneiras desde sua criação pelas mais variadas escolas acadêmicas, o termo paisagem será, nesta pesquisa, *historicizado*<sup>31</sup>, com o intuito de aferir características particulares ao termo quando este é aplicado a casos específicos, tal qual o bairro de Pinheiros. Se a paisagem é uma construção que ocorre num tempo longo (ainda que algumas transformações paisagísticas sejam mais impactantes no tempo curto) e que sofre as inferências de cada grupo que habitou uma determinada região, ela faz parte então da ação cotidiana do homem. Segundo Maria Odila Leite da Silva Dias (DIAS, M. O., 1998, p. 232), o cotidiano e os eventos que ocorrem ao longo deste, que eram entendidos por Michel de Maffesoli como banais (MAFFESOLI, 2010, p. 76) ou simplesmente corriqueiros, são para a historiadora representações de tensões e disputas políticas complexas, que nos permitem acessar o sujeito histórico de maneira objetiva e concreta.

Um dos possíveis caminhos para compreender eventos que podem ocorrer num período maior e que nos permitem uma compreensão de um panorama social, cultural, econômico e político geral de um grupo e/ou sociedade é a micro história. O estudo de casos particulares (aqueles que muitas vezes não são analisados profundamente, como os que ocorrem no cotidiano) nos permitem enxergar o panorama geral. Ou seja, ao invés de criar ou entender um modelo fechado em si, notando-se apenas eventos de grande porte ou relacionados a datas específicas, Dias sugere que estudemos casos particulares com o intuito de compreender a partir do micro como se dão as relações num aspecto macro

---

<sup>31</sup> Enquanto conceito, paisagem é representação histórica-social. Assim, ao ser utilizado no século XXI para falar de eventos históricos de séculos passados, o termo paisagem torna-se carregado de significâncias específicas de um tempo, tornando-se passível de ser *historicizado* (CERTEAU, 2008, p. 94).

(DIAS, M.O., 1998, p. 256). Neste sentido, estudar o desenvolvimento do construto da paisagem no bairro de Pinheiros é uma maneira de entender questões mais amplas sobre a História de São Paulo, e quiçá do Brasil, a partir deste caso em específico.

Enquanto representação do vivido e parte de um recorte temporal, a paisagem de Pinheiros pode existir como arena de conflitos e tensões identitárias. Por ser um termo que ainda sofre ressignificações acredito que a aplicação e uso do conceito nesta dissertação pode colaborar para um entendimento mais profundo das possibilidades conceituais da paisagem e de como estas se inserem na contemporaneidade.

É possível entender a paisagem como terreno de diversas dinâmicas socioculturais, sendo que os diferentes agentes históricos que habitaram o bairro de Pinheiros imprimiram no bairro suas vivências. Pensar as fontes fotográficas referentes a Pinheiros por este viés e interpretar os documentos imagéticos a partir do conceito de paisagem aqui analisado é permitir uma visão ampla dos diferentes grupos que ocuparam a região e também dos diferentes momentos históricos que impulsionaram mudanças paisagísticas de grande envergadura, pois é através da imagem fotográfica que visualizamos microcenários do passado (KOSSOY, 2014, p. 84).

Portanto, é possível pensar que as relações humanas entre agentes e meio ambiente dá-se de forma pluralizada, múltipla, em rede. E quando nós, pensadores, nos deparamos com vestígios dessas relações, deparamo-nos também com um pedaço da nossa própria História, com um pedaço da nossa Identidade. Pois a Identidade Histórica não se localiza somente no tempo presente, ela faz parte de uma construção a longo prazo, pela qual passam diferentes atores e eventos. A paisagem de Pinheiros é fundamental para a compreensão de costumes passados que já não acessamos mais em nossas memórias, pois pertencem a grupos já extintos, mas que ainda fazem parte da nossa História. Perceber o bairro de Pinheiros sob esta ótica é perceber aspectos específicos (culturais, sociais e econômicos) de disputa que colaboraram para o desenvolvimento de aspectos identitários paulistanos e dos quais não temos muitos registros destes séculos.

## Capítulo I: São Paulo da Modernidade

No presente capítulo pretendo abordar quais foram os fatores que caracterizaram São Paulo como uma metrópole. Busco apresentar os fatores geográficos enquanto motivo principal para a ocupação da região central de São Paulo, que não só foi habitada por grupos indígenas como por colonizadores, que foram constituindo a localidade como cidade. O café, as levas migratórias, as novas formas de transporte, as maneiras de habitar, os costumes relativos aos esportes, os hábitos alimentares, as mudanças paisagísticas decorrentes da industrialização, e a política higienista, são todos fatores que colaboraram na construção de São Paulo em metrópole. Para entender essas mudanças, inicio o capítulo apresentando a perspectiva de Ben Singer sobre como podemos entender o que é a *modernidade*.

Como um conceito moral e político, a modernidade sugere o ‘desamparo ideológico’ de um mundo pós-sagrado e pós-feudal no qual todas as formas e valores estão sujeitos ao questionamento. Como um conceito cognitivo, a modernidade aponta para o surgimento da racionalidade instrumental como a moldura intelectual por meio da qual o mundo é percebido e construído. Como um conceito socioeconômico, a modernidade designa uma grande quantidade de mudanças tecnológicas e sociais que tomaram forma nos últimos dois séculos e alcançaram um volume crítico perto do fim do século XIX: industrialização, urbanização e crescimento populacional rápidos; proliferação de novas tecnologias e meios de transporte; saturação do capitalismo avançado; explosão de uma cultura de consumo de massa e assim por diante. [...] a modernidade também tem que ser entendida como um registro da experiência subjetiva fundamentalmente distinto, caracterizado pelos choques físicos e perceptivos do ambiente urbano moderno. Em certo sentido, esse argumento é um desdobramento da concepção socioeconômica da modernidade [...] (SINGER, B., 2001, p. 115 – 116).

Nas páginas a seguir pretendo explorar e contextualizar as perspectivas apresentadas pelo autor analisando como estas ideias permearam a ascensão e desenvolvimento da cidade de São Paulo enquanto metrópole e como afetaram a vida das pessoas que a ocupavam, trazendo as mudanças paisagísticas como consequências da ação do processo de modernização, lembrando que “[...] os seres humanos constantemente usam a paisagem como uma ferramenta para influenciar e direcionar os humanos para certas direções [...]” (HORN & WOLLENTZ, 2018, p. 121 – 122).

## 1.1 TODOS OS CAMINHOS LEVAM À SÃO PAULO

Primeiramente é preciso entender por que a região hoje conhecida como São Paulo foi explorada logo nas primeiras décadas da invasão portuguesa. A região outrora chamada de Piratininga, abrigava inúmeros grupos indígenas e, a posteriori, portugueses devido ao fato de possuir diversos descampados que ofereciam “[...] *a vantagem de um terreno limpo e já preparado para a instalação humana*” (PRADO JÚNIOR, 1989, p. 14). De início, como é comum no comportamento de vários grupos humanos ao longo da História, as populações que habitavam São Paulo buscavam as margens de rios para se fixarem, sendo que ao longo dos processos de modernização da cidade os rios tiveram uma importância quase imensurável (como será explanado mais a frente). São férteis as margens dos rios, a água existe ali de maneira volumosa e a pesca torna-se uma prática acessível, sendo que os rios também podem ser utilizados como via de comunicação entre regiões. Anteriormente à presença de colonos, São Paulo apresentava uma extensa abundância aquífera, surgindo daí uma das predileções para ocupar o local. Assim como as chuvas constantes e presentes no verão que “[...] *permitiram a prática de lavouras como milho, feijão, trigo e cana-de-açúcar [...]*” (ZEQUINI, 2004, p. 43). A região que hoje abriga a metrópole foi escolhida por portugueses no início do século XVI porque apresentava fatores positivos para um possível assentamento: solo bom para plantio, descampados e água farta. Foi a partir deste movimento de ocupação (devido às oportunidades geográficas e ambientais ali ofertadas) que a cidade foi sendo localizada enquanto ponto de interconexão com diferentes regiões.

Caio Prado Júnior aponta seis caminhos que convergiam para São Paulo (como é possível ver na imagem da página 37<sup>32</sup>). Dentro destes caminhos haviam rotas que faziam parte da topografia de São Paulo: para o nordeste (pelo Vale do Paraíba), para o norte (por Campinas e Moji Mirim, em direção a Minas Gerais e Goiás) e para o oeste e o sul (por Sorocaba e Itapetininga). Em cima destas rotas vias foram planejadas e utilizadas de acordo com as questões topográficas do relevo paulista, sendo que a passagem por São Paulo facilitava as viagens feitas a pé ou a cavalo. No fim do século XIX e início do século XX as ferrovias passam justamente por estes caminhos, interligando a metrópole com diferentes áreas do estado e além. Para se chegar ao mar, passagem tão fundamental para a exportação em Santos, a população utilizava os caminhos indígenas, transformando-os em principal artéria da capitania de São Vicente (ver imagem abaixo).

---

<sup>32</sup>PRADO JÚNIOR, Caio. **A cidade de São Paulo: Geografia e História**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983, p. 30, il.



Nota-se como a cidade de São Paulo, devido à sua localização geográfica, tornou-se um ponto de referência que, com a chegada do café<sup>33</sup> no país, expandiu-se de maneira avassaladora em fins do século XIX. O sucesso do empreendimento cafeeiro atraiu bancos e investimentos internacionais, fazendo com que o setor comercial e industrial passasse a se desenvolver com relativa rapidez em São Paulo. A moeda circulava, o mercado de trabalho crescia e o mercado de capitais se expandia<sup>34</sup>. Inúmeras obras públicas foram realizadas, tais quais usinas de energia elétrica, a malha ferroviária, pavimentação de ruas, portos, linhas telegráficas e telefônicas, represas e estações hidrelétricas, sistemas de iluminação pública, linhas de bonde, redes telefônicas e companhias de gás (SINGER, P., 2001, p. 88). Estes fatores foram fundamentais para o desenvolvimento de novos núcleos urbanos. O crescimento da renda permitiu um mercado específico para produtos manufaturados, fazendo com que as estradas de ferro

<sup>33</sup>O café, produto africano, chegou ao Brasil em 1727 por Belém do Pará, e posteriormente foi produzido em larga escala em São Paulo. O alto consumo da bebida na Europa e nos Estados Unidos (regiões que não eram propícias para o cultivo do café) fez com que o produto se tornasse um importante empreendimento no Brasil, sendo seu sucesso devido: ao clima quente e úmido; a uma estrutura agrícola de exportação baseada nos moldes das plantações de cana de açúcar; a comunicação constante com o porto de Santos; fazendeiros que possuíam larga experiência com a terra e sabiam como aumentar a produção e à mão de obra escrava (CAMARGO, 2004, p. 120). Inicialmente a grande área produtora de café era o Vale do Paraíba, contudo, a partir de 1860, o espaço das fazendas era reduzido devido à presença da Serra da Mantiqueira (tido como um terreno de fácil erosão) e o solo fértil logo foi esgotado, fazendo com que as plantações de café buscassem um novo lar nas terras roxas do Oeste Paulista (ibid., p. 124).

<sup>34</sup>Outros agentes econômicos constituíam a elite socioeconômica do Brasil, colaborando para o desenvolvimento das ferrovias e também as utilizando, como banqueiros, grandes empresários, industriais, etc.

fossem implementadas e ampliadas para poderem atender a demanda de produtos distribuídos e/ou escoados para o interior e para o litoral (FAUSTO, B., 2011, p. 161 – 162).

Dos caminhos antigos indígenas à ocupação e mudanças feitas por portugueses, construíram-se várias ferrovias que tinham o intuito não apenas de interligar regiões e facilitar o acesso a produtos exportados e importados, mas também de servir aos propósitos do trabalho na lavoura cafeeira e de possibilitar a transição de pessoas de classes mais abastadas interregionalmente (PRADO JÚNIOR, 1989, p. 36). A ligação de São Paulo com Santos colaborou ainda mais para a presença fixa dos fazendeiros de café na futura metrópole, pois *“[...] é por mar que se escoam uma boa parte da sua produção em demanda de outros mercados nacionais; e é por via marítima que chega a maior parte da matéria-prima e dos produtos semiacabados que utiliza, bem como todo seu aparelhamento mecânico”* (ibid., p. 55).

As estradas de ferro fazem parte de um movimento mundial de desenvolvimento socioeconômico que teve início no século XIX e que teve como o resultado uma série de fatores, tais quais *“[...] novos meios de produção, [...] transporte e comunicações aperfeiçoados, [...] aplicação da ciência à indústria”* (DIAS, M. L., 1989, p. 09). As decorrências destes fatores para a vida na urbe são problemas de *“[...] higiene e saneamento, enormes distâncias separando lugar de trabalho e de habitação [...]”* (ibid.). Estes problemas se agravaram a medida que novos contingentes populacionais chegaram ao Brasil.

## 1.2 PÚBLICO x PRIVADO: HABITAÇÃO NA CIDADE

A relação entre Brasil e Europa intensificou-se durante o século XIX tendo em vista que muitas pessoas de diferentes nacionalidades passaram a vir para o país em busca de novas oportunidades<sup>35</sup>, pois o Velho Continente apresentava uma vasta gama de problemas advindos do processo modernizador pelo qual passava: excedente populacional; presença de maquinário que substituiu o trabalho braçal do homem e que, por conseguinte, gerou altas taxas de desemprego; concentração de terras nas mãos de poucos, etc. *“Assim, motivos econômicos, perseguições religiosas, crescimento demográfico, desenvolvimento tecnológico, expansão das companhias de navegação podem ser apontados como causas da emigração em larga escala, principalmente a*

---

<sup>35</sup>As levas migratórias colaboraram para um crescimento acelerado daqueles que habitavam a urbe, como a população paulistana, que cresceu quase dez vezes em 30 anos, tornando-se a segunda maior cidade brasileira do período (ÉRNICA, 2004, p. 173).

*partir de 1850*” (ALVIM, 1998, p. 230). Europeus e asiáticos<sup>36</sup> migraram para o Brasil em busca de uma terra própria, de oportunidades no mercado de trabalho e até mesmo de uma nova vida. Muitos desses imigrantes vinham por causa da falsa promessa de enriquecerem rápido e de maneira duradoura (ibid., p. 219), noção difundida a muito no velho continente. Muitos desses imigrantes foram encaminhados para a cidade de São Paulo, passando pela Hospedaria dos Imigrantes<sup>37</sup>, para trabalharem nas fábricas.

Porque, afinal, a Babel era de verdade. Ela agregava centenas de milhares de seres desenraizados, arrancados pela força ou pela aflição dos seus lares e regiões de origem, transportados como gado através dos mares, negociados por “agentes de imigração” com preço fixo por cabeça, conforme a idade, sexo, origem e condições físicas, despejado em pontos infectos de endemias tropicais, sem instruções, sem conhecimento da língua, sem recursos, sem condições de retorno, reduzidos à mais drástica privação para que a penúria mesma lhes servisse de acicate ao trabalho e motivo de submissão. Postos a competir com os párias negros, recém-egressos da escravidão, e os “caipiras”, mestiços refugiados na gleba precária do seu “sítio” apossado, sem direitos de qualquer espécie. Quanto aos índios, esses sequer teriam a chance de serem iludidos pela miragem da Babel: a expansão definitiva das fazendas nessa década [1920] seria acompanhada do extermínio sistemático das últimas tribos e comunidades ainda remanescentes no interior do estado de São Paulo (SEVCENKO, 1992, p. 38 – 39).

Somando-se aos imigrantes desnorteados e aos caipiras migrados, estavam os negros alforriados. Após a abolição<sup>38</sup> alguns escravos conseguiram manter-se na lavoura, mas a maior parte foi expulsa do único lugar e do único trabalho que conhecia: a fazenda, fazendo com que a proporção de negros no estado de São Paulo caísse de 45% para 10% entre 1870 e 1920 (ROLNIK, 2007, p. 69). Boa parte dos negros que foram abandonados à própria sorte migraram para centros urbanos, geralmente ocupando lugares e postos de

---

<sup>36</sup>A chegada de grupos nipônicos no Brasil foi muito importante, principalmente para o bairro de Pinheiros, em que muitos japoneses foram encaminhados mais para o campo do que para as fazendas de café. Ao se instalarem como pequenos proprietários, tiveram um papel expressivo na diversificação das atividades agrícolas (FAUSTO, B., 2011, p. 156).

<sup>37</sup>A Hospedaria de Imigrantes de São Paulo foi construída para abrigar as grandes levas migratórias. Inaugurada em 1888, no Brás, funcionou até o fim da década de 1970 (RICHTER, 2014, p. 26).

<sup>38</sup>Ao entrar em vigor, a Lei Áurea não apenas libertou os escravos como também abriu as portas para uma imigração europeia de peso no Brasil. Os projetos de imigração tinham um caráter ideológico racista, em que os elementos étnicos europeus eram tidos como superiores à mestiçagem brasileira e justamente por isso eram encorajados a serem recebidos no país. Assim que chegavam ao Brasil, pelo porto de Santos, os imigrantes eram encaminhados para a Hospedaria dos Imigrantes onde eram recepcionados, acolhidos, registrados, higienizados e enviados para a fazenda onde iriam residir e trabalhar (CAMARGO, 2014, p. 138). No entanto, ao chegarem no Brasil, estes imigrantes (italianos, portugueses, espanhóis, árabes, japoneses, alemães, judeus, eslavos, etc.) encontraram condições de trabalho muitas vezes semelhantes às vividas pelos negros escravos.

trabalho periféricos (como empregos que exigiam esforço físico, tal qual a construção civil) (ibid., p. 137)

A soma de grupos tão culturalmente diversos dentro do espaço urbano implicou em mudanças significativas na paisagem metropolitana de São Paulo, sendo estas mudanças passíveis de serem vistas nas moradias de tais grupos. As casas, enquanto espaço privado, sintetizam movimentos sociais, econômicos, culturais e até mesmo políticos, pois as pessoas que as habitam vivenciam um certo padrão de vida e possuem uma percepção particular dos momentos vividos. Dentro do aspecto micro das habitações, podemos notar aspectos macro de uma determinada sociedade. Deste modo, durante a virada do século XIX para o século XX em São Paulo, as casas adquiriram um aspecto específico pertencente àquele dado momento. Os pés-direitos são diminuídos e as alturas de janelas e portas são reduzidas (fato que implica na economia de tijolos). A forma de habitar e a habitação em si tornam-se parte da nova sociedade industrial da cidade de São Paulo (DIAS, M. L., 1989, p. 34).

A habitação é expressão direta das mudanças de valores, imagens, percepções e modos de vida. Sua forma construída materializa esses padrões. A casa satisfaz seu morador na medida em que responde a suas necessidades e está próxima de seu “meio ambiente ideal”. Qualquer que seja a forma de sua construção, ela afeta o comportamento e a maneira de viver de seus moradores (ibid., p. 32).

Se a casa pode ser vista como uma representação de relações sociais, então as moradias populares eram tão estigmatizadas quanto possíveis por classes mais abastadas. Assim como o centro de São Paulo, bairros como Brás, Bom Retiro, Mooca, Água Branca, Lapa e Ipiranga encontravam-se forrados de vilas, casebres e cortiços ocupados pelas mais variadas origens étnico-culturais durante as primeiras décadas do século XX, sendo sua maioria pessoas carentes. Quando uma crise econômica assolava diferentes regiões de São Paulo, os moradores das regiões mais pobres passavam a incluir pequenos comércios em suas residências, fazendo com que os quintais também funcionassem como “[...] vidraçarias, marcenarias, ateliês de pintura e de costura, ourivesarias, alfaiatarias, havia mestres de caligrafia, gravatarias, sapatarias, fazedores de luvas, de chapéus, selarias, confeccionadores de arreios, de laços e artigos de couro para montaria” (ROLNIK, 2007, p. 79).



Assim, as moradias possuíam multifuncionalidades, sendo caracterizadas também como espaços de produção. Mesmo trabalhando em indústrias, vendendo quitutes<sup>39</sup> e produzindo os mais diversos artefatos, o pobre que habitava a periferia era visto como vadio, sendo a rua, fosse em centros comerciais ou residenciais, uma via de duas mãos em que qualquer pessoa que não se comportasse como era esperado era visto como marginal. Como os territórios populares permeavam as atmosferas do trabalho e da vida cotidiana e, portanto, não faziam parte de um tempo e um espaço delimitados e rigorosamente controlados, eram vistos como lugares marginais habitados por pessoas marginais (ROLNIK, 2007, p. 87). É interessante perceber como a ideia de um espaço e esfera públicos podem ter uma influência tão grande no espaço e na esfera privadas. *Como* habitar, *onde* habitar, *quando* habitar. O tempo da metrópole (e do Estado em si) parece ditar os eventos e os grupos sociais como um todo: a ocasião especial, a vida diária, o branco, o negro, o local, o imigrante.

A diferenciação entre ruas e casas, entre espaços "públicos e privados", devia ainda ser necessariamente acompanhada pela geografia de exclusão e segregação social, que acabasse separando em bairros distintos os diversos segmentos da sociedade. Privacidade, portanto, não poderia mais confundir-se com domesticidade, com os simples limites da casa, mas escapava para uma dimensão que abarcava os convívios, os vizinhos - todos sujeitos a uma mesma gramática de comportamento (MARINS, 1998, p. 136).

A cidade de São Paulo passava por grandes mudanças: o advento da indústria, o fim do império e a formação de oligarquias, a presença de novos ideais raciais e a forma pela qual as pessoas sentiam as mudanças urbanas (como deveriam se comportar e ocupar espaços destinados ao público e ao particular). Dentro dos ideais de um processo de urbanização, em que uma série de obras públicas afetaram a construção e o desenvolvimento de São Paulo em metrópole, os grupos sociais que habitavam a cidade sofriam com as mudanças inclusive em suas próprias casas. Desde o privado até o público, a população paulistana começava a sentir as rápidas transformações dos espaços de uma maneira nunca vista antes.

---

<sup>39</sup>Muitas mulheres trabalhavam como quitandeiras (profissão que, por volta da década de 1920, se extinguiria junto com a fauna aquífera dos rios paulistanos) em diversas ruas de São Paulo, vendendo as mais deliciosas iguarias, como peixes, lambaris, pitus, rãs e bagres: "*Os pescados serviam para o preparo de salgados bastante apreciados, misturados à farinha e ao milho; eram vendidos ao lado de inúmeras frutas e legumes: banana, figo, romã, mandioca, couve, nabo, ervilha, batata, etc.*" (SANT'ANNA, 2007, p. 22). Eventualmente a pesca de água doce perdeu espaço para os peixes vindos do mar de Santos, ainda que, por um tempo, os pescados dos rios fossem muito procurados pelas populações mais pobres (ibid., p. 88).

### 1.3 UMA CIDADE EM OBRAS

De acordo com Ben Singer, a palavra *modernidade* é um conceito carregado de diferentes significados, podendo ser:

- uma maneira de questionar formas e valores;
- uma forma racional de perceber o mundo;
- uma série de mudanças tecnológicas;
- e, por fim, a *modernidade* pode também ser vista como um registro de experiências advindas de um choque com o ambiente moderno (SINGER, B., 2001, p. 115 – 116).

De uma maneira geral, pode-se pensar na *modernidade* como a consequência de um movimento urbano. O evolucionismo, corrente científica desenvolvida no século XIX, estava presente em grande parte dos debates na comunidade científica europeia. A ideia de que o ser humano era um ser evoluído que estava no topo da cadeia alimentar era uma inspiração. Os ideais evolucionistas se encaixavam, portanto, numa corrente filosófica que acreditava que o ser humano era superior não só ao meio ambiente em si, mas também entre outros humanos. A cidade urbanizada representava o ápice da evolução: arranha-céus, indústrias, água canalizada, rios retificados, casas e bairros planejados, todos eram a concretização da evolução da *modernidade*. A cidade, enquanto buscava acompanhar as diretrizes que a caracterizariam como metrópole, construía-se fisicamente juntamente com seus ideais. Um dos grandes projetos modernos realizados a partir de fins do século XIX eram as ferrovias. Os rios de São Paulo eram um acesso excelente à água doce e à fauna ali presente, mas eram de difícil navegação, como afirmam diferentes autores. A linha férrea representava, então, uma maneira mais fácil de transitar entre regiões, servindo inclusive como forma de conexão entre lugares que outrora não possuíam grande comunicação. As ferrovias representavam também uma maneira de controlar a natureza que tomava inúmeros caminhos, podendo ser vistas como uma das sínteses da evolução do homem sobre o meio ambiente, ao passo em que se proliferavam causando diversos impactos paisagísticos.

A primeira ferrovia, planejada e executada pela São Paulo Railway Company em 1867, ligava a tríade Santos – São Paulo – Jundiaí e buscava efetivar as comunicações com o porto de Santos (BEM, 1998, p. 26), o que demonstra como São Paulo cada vez mais era percebida como uma cidade central, um ponto-referência. Aos poucos a cidade ia adquirindo diferentes caráters, como polo político, social e cultural (CAMARGO, 2004, p. 131). As construções, que fizeram parte da constituição das paisagens de São

Paulo na época são uma referência material das mudanças pelas quais a cidade passava (fossem as bicas, chafarizes, pontes, casas de tijolos, casarões imponentes, estátuas, ruas calçadas, etc.):

Nesse período, São Paulo tornou-se uma cidade em obras. Não havia só a construção de novas moradias e prédios para funções públicas ou de trabalho, mas também empreendimentos que eliminariam as marcas da velha cidade (ÉRNICA, 2004, p. 173).

A presença dos imigrantes em São Paulo foi fundamental para a produção cafeeira e para a expansão das fronteiras brasileiras em regiões remotas e relativamente despovoadas, sendo que as extensões da viação férrea passam a ser algo frequente. A própria Hospedaria era interligada com o porto de Santos por uma linha ferroviária que trazia os novos contingentes direto para as portas de sua entrada. As políticas higienistas também foram de grande contribuição para a retificação dos rios (que outrora serviam como meio de transporte de pesadas cargas), restando a alternativa de modernizar o transporte brasileiro via ferrovia.

A chegada de um meio de transporte tido como moderno, eficiente e rápido permitiu novas formas de expansão e povoamento para diferentes regiões, em que a presença deste meio de transporte<sup>40</sup> surgiu como uma referência geográfica e cultural para os moradores de uma cidade.

A presença dos trilhos e das estações marcou a paisagem construída dos núcleos urbanos, virando pontos de referências, nomes de avenidas e parâmetro de crescimento de bairros, atraindo casas comerciais e indústrias. As ferrovias deram um sentido de regionalidade ao Estado de São Paulo, emprestando nomes às áreas pelas quais passavam: região da Paulista, Alta Paulista, Mogiana, Alta Mogiana, Sorocabana, etc. (CAMARGO, 2004, p. 145).

Os bondes elétricos foram instalados pouco tempo depois da construção das linhas férreas e, presentes em grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, apareciam como uma forma muito importante de locomoção nas metrópoles em construção, principalmente devido ao aumento populacional oriundo das levas migratórias. Deste modo, no século XX, as pessoas que habitavam a urbe encontravam-se cercadas por tipos de transporte completamente novos. A ideia de uma cidade que nunca para, que deve estar em constante movimento, era atordoante para as pessoas. Assustadas com as mudanças

---

<sup>40</sup>Ao longo do século XX o automóvel se caracteriza como meio fundamental de transporte (seja de carga ou de pessoas), sendo que a era rodoviária apresenta os veículos motorizados como uma referência de transporte modernizante, fazendo com que, paulatinamente, até o final do século XX, as locomotivas e vagões virassem sucata (CAMARGO, 2004, p. 145).

incessantes tão presentes na cidade grande, a população projetava anseios na materialidade que representava a ideia de *modernidade*: por exemplo, os bondes. Em pouco tempo a percepção de que os bondes elétricos eram extremamente perigosos e causavam mortes horríveis foi noticiada em diferentes panfletos e propagandas nas cidades urbanizadas (SINGER, B., 2001, p. 130).

Muitas mudanças e obras públicas visavam concretizar a ideia de um processo de urbanização modernizante, no entanto esse processo e todo o ideal por trás deste, podiam ser sentidos pelas pessoas como algo intimidante. Os acidentes em moradias populares também representavam um medo exposto pela população na imprensa. As películas exibidas nos cinemas representavam este temor latente daqueles que habitavam a cidade grande. Além de representação de sensações, o cinema agia também como uma preparação para que as pessoas entendessem e se acostumassem com o novo ritmo de vida nas metrópoles, o cinema funcionava como um treinamento para se lidar com os estímulos do mundo moderno (ibid., p. 141).

O medo dos perigos dos meios de transporte e das habitações não foram as únicas respostas da população que habitava as grandes cidades em relação à maneira como a urbe se constituía. A mudança da relação entre habitantes e usos das águas também foi um fator considerável de modificação nos modos de vida da população urbana, pois São Paulo foi, essencialmente, uma cidade repleta de veios d'água, tais quais: regos, riachos, rios, córregos e várzeas. Juntamente com a água, vinha uma cultura material muito rica de barcos, canoas, fontes, pontes de madeira, cerâmica, tijolos, etc. Os rios permitiam o transporte de pessoas e cargas, ligavam regiões, ofereciam o barro das margens para produção de artefatos, proporcionavam fauna aquífera para consumo, eram refúgio para escravos, ofereciam suas águas para saciar a sede e para banhar-se em dias quentes e inclusive para lavar louças e roupas. As águas também eram vistas como local de aparições e fantasmas que podiam habitar as margens ou mesmo o fundo do rio (que não era visível a olho nu). Isso se dava, dentre outros motivos, pelo fato de que muitos corpos assassinados eram despejados nos rios, assim como pessoas que cometiam suicídio, caracterizando os rios como fonte de sobrevivência, mas igualmente de estranhamento e medo.

O acesso à água dava-se também via chafarizes e bicas, que possuíam específico horário de funcionamento. Buscava-se coletar água em horários em que o sol não estivesse a pino, para que o líquido refrescasse quem andava penosas distâncias para obtê-lo. O ato de pegar a água tornava-se, então, um ritual, em que devia-se saber o horário

certo (nem muito cedo, para evitar as altas de temperatura e nem muito tarde, para evitar os perigos da rua), o melhor caminho para acessar os locais que ofereciam água, a melhor forma de carregar o líquido, o melhor tipo de vasilhame, etc. Por ser de difícil acesso, a água em São Paulo era também um elemento de disputa. As pessoas procuravam comprar terrenos em que haviam bicas naturais e, quando não haviam, muitas vezes desviavam um curso d'água para ter uma conexão exclusiva sem ter que se deslocar para ir buscar nos pontos. Nesse sentido os aguadeiros funcionavam como agentes facilitadores no acesso à água, pois a coletavam e vendiam de porta em porta em seus carros-pipa, cobrando da população algo que lhes era gratuito, mas ao mesmo tempo custoso.

Os pontos de água, como os chafarizes e bicas, agiam também como referência geográfica<sup>41</sup> para os moradores de São Paulo, servindo muitas vezes como local de parada para se refrescarem. Outro ponto de referência para os moradores da cidade eram as pontes. Estas serviam como ligações entre bairros, como forma de atravessar os rios, como espaço das lambiscarias (que vendiam os mais saborosos quitutes), como lugar de observação das lavadeiras e como trampolim para as crianças que brincavam e nadavam nas águas. Os reclames relativos ao estado das pontes eram muitos e constantes. O material de que eram constituídas estas vias não suportavam as enchentes típicas dos rios da cidade e também não comportavam o uso exacerbado que se fazia delas, além da má manutenção devido à ausência de verba destinada para consertos e reparos. Foi a partir do momento em que o tijolo<sup>42</sup> se popularizou nas construções paulistanas que as pontes passaram a ter maior durabilidade. No entanto, durante a primeira metade do século XX, a canalização de rios e a criação de viadutos substituíram as pontes, tornando-as obsoletas (SANT'ANNA, 2007, p. 51).

Com a presença de novos meios de transporte (charretes, bondes, carros), as pontes passaram a ser utilizadas de outras formas, ocupando as travessias de maneira diferenciada e sendo ressignificadas em sua utilidade. As obras<sup>43</sup> relativas às águas de São Paulo tiveram seu início marcado principalmente pelas teorias miasmáticas, em que

---

<sup>41</sup>O fim dos chafarizes (ou mesmo a realocação destes) causou grandes impactos na população paulistana do início do século XX, pois estes eram tidos como pontos de referência, sociabilidade, comércio, etc. Carregado de sentidos e relações memoriais por parte dos moradores, os chafarizes também serviam como homenagem ao nome de pessoas de prestígio, agindo como monumento/referência memorial de pessoas conhecidas (SANT'ANNA, 2007, p. 99).

<sup>42</sup>O tijolo foi extremamente difundido em São Paulo a partir da segunda metade do século XIX, fazendo com que a estrutura, aparência e durabilidade das pontes fosse alterada, ganhando o espaço outrora dominado pela técnica da taipa de pilão (SANT'ANNA, 2007, p. 43).

<sup>43</sup>A cidade de São Paulo passou por vários momentos e crises de seca, porém estes problemas não eram advindos da geografia aquática da cidade e sim de uma má gestão do percurso d'água em diversas regiões do município. O encanamento que distribuía a água era de péssima qualidade, fazendo com que a maior parte do líquido escorresse pelas junções dos canos feitas de materiais pouco resistentes (ibid., p. 138).

*“[...] a estagnação e putrefação da matéria e suas emanções formariam “miasmas”, causadores de males e de pestes”* (JORGE, 2006, p. 29). As teorias higienistas surgiram com o intuito de domesticar as áreas urbanizadas, que constantemente recebiam pessoas do campo, do interior e inclusive do exterior, fazendo com que as construções e obras públicas fizessem as vezes dos propósitos higienistas (SEABRA, 1987, p. 05).

O aumento populacional na cidade de São Paulo foi tamanho que esta experimentou um boom imobiliário e ao mesmo tempo buscou desenvolver obras que comportassem a imensa quantidade de pessoas, como as ferrovias, os bairros planejados e a popularização de encanamentos d'água. Com o alto contingente populacional, várias doenças se propagavam com rapidez causando a morte de muitas pessoas. Tendo em vista que a farmacologia e a medicina eram áreas que ainda estavam em desenvolvimento, muitos acreditavam que as epidemias eram oriundas da má qualidade da água<sup>44</sup>: *“Assim, as formas de combater o mal se voltavam para medidas de reorganização urbana e normatização de vários aspectos da vida cotidiana”* (SANTOS, F., 2006, p. 84 – 85).

Ora, se a água apresentava uma grande possibilidade de propagação de doenças, era preciso trata-la, canaliza-la, controla-la, pois controlar a água consistia em controlar também a natureza aquífera em si, era preciso remover este obstáculo da frente do processo modernizante. A partir do momento em que as obras relativas às águas de São Paulo se iniciaram, toda uma vasta variedade de costumes e referências paisagísticas e memoriais se extinguiram, ao passo em que a cidade ia se constituindo como uma metrópole, uma vez que ter água encanada era também uma forma de equiparação com outras metrópoles mundiais. Diversos serviços públicos eram destinados à saúde, como: ‘esgotamento sanitário, suprimento de água, coleta de lixo, controle de alimentos, etc.’ (SANTOS, F., 2006, p. 86). As implicações higienistas ultrapassavam a esfera pública e invadiam a esfera privada, como foi o caso das moradias:

[...] a terra passou a ser considerada como potencialmente contaminada, com isso, “as casas deveriam sempre incluir porões, que não podiam ser habitados, separando-as do solo. Encanamentos, chaminés e materiais de construção em geral foram regulamentados, assim como o abastecimento e as cotas diárias de água, e a manutenção dos mananciais hídricos. Com estas medidas, a legislação criava os mecanismos que seriam, mais tarde, úteis e convenientes aos interesses do capital imobiliário, uma vez que seriam largamente utilizados

---

<sup>44</sup>Foi somente no século XX que a ciência diagnosticaria a doença como algo pertencente ao indivíduo e não ao ambiente, colaborando para a produção de vacinas e remédios e, por conseguinte, para o controle de doenças propagadas nos grandes centros urbanos (SANTOS, F., 2006, p. 91).

para legitimar e implementar valorizações e especulações imobiliárias no tecido urbano [...] (ibid., p. 89).

Ainda tratando da esfera privada, as casas de banho surgidas na segunda metade do século XIX também eram uma referência de como as pessoas deviam se comportar e se higienizar em sociedade. A própria ideia de se banhar todo dia não era um hábito entendido e desejado por grande parte dos habitantes de São Paulo, que acreditavam que o contato frequente e prolongado com a água poderia provocar molezas e inclusive doenças, implicando em questões que afetavam a virtude do homem (SANT'ANNA, 2007, p. 122).

Foi devido às políticas higienistas impostas pelo Estado que as pessoas foram atendendo à necessidade do banho como um costume diário. O uso da água, que até pouco tempo antes das políticas de higiene era penoso (tendo em vista que implicava em buscar a água em locais de difícil acesso), passou a ser empregado e exigido de maneira mais frequente com a canalização dos rios e com a presença de água canalizada nas moradias. Diversos manuais de higiene foram publicados e divulgados com o intuito de educar a população sobre as consequências da falta de higiene pessoal (ibid., p. 212). O controle do corpo via higiene<sup>45</sup> passou a ser uma exigência para aqueles que precisavam ou desejavam habitar a urbe. A própria Hospedaria dos Imigrantes, ao receber as pessoas, forçava-as a participar de uma série de demandas higiênicas, sem contar, necessariamente, com a escolha ou vontade daqueles em participar das atividades: *“Era o saneamento físico e moral em curso, empreendido pela administração pública em nome da salubridade, como meio para extirpar o que era “feio, sujo e perigoso””* (SANTOS, F., 2006, p. 101 – 102).

Com as pesquisas pasteurianas ficou mais claro para as políticas estatais que era mais eficaz desinfetar os espaços da cidade do que necessariamente isolar as pessoas infectadas, daí a necessidade de se organizar e controlar as águas e seus usos na cidade em construção. Uma das grandes transformações em relação aos hábitos e costumes com

---

<sup>45</sup>A Revolta da Vacina é um excelente exemplo de como as pessoas em cidades que passavam pelo processo de urbanização durante o século XX sentiram as mudanças higiênicas impostas pelo Estado. Este movimento popular ocorrido em junho de 1904 na cidade do Rio de Janeiro, reivindicou o fim da lei que forçava toda a população a tomar vacinas antiepidêmicas (para matricular-se em escolas, trabalhar, viajar, hospedar-se e até mesmo casar era obrigatório apresentar comprovante de vacinação. Havia inclusive multas para aqueles que resistissem à lei imposta). As mudanças arquitetônicas realizadas no Rio implicavam na destruição de cortiços e na remoção da população pobre das moradias consideradas insalubres. Quando a lei de vacinação obrigatória foi anunciada, o povo, revoltado, foi às ruas exigir sua destituição. A promulgação da lei apenas reiterava uma imposição que a população já vinha sentindo com as alterações paisagísticas, urbanísticas e de habitação: o controle do corpo, da higiene, do privado e do íntimo pelo governo. A lei foi revogada e a vacina não era mais obrigatória. Pouco tempo depois o processo de vacinação foi restaurado, ocorrendo de maneira gradativa.

as águas (agora encanadas) foi o fato de que a visibilidade do quanto se gastava foi perdida, causando um grande aumento no consumo diário das famílias:

Conforme já mencionado, a água era guardada em tinhas, barris, pipas e potes acessíveis à visão e ao controle: praticamente todos os moradores de uma casa podiam destampar um pote e observar a quantidade de água existente dentro dele. A partir do momento em que a água foi canalizada, armazenada em caixas d'água particulares situadas sobre o telhado das casas, sendo mostrada unicamente quando jorrada, a cada abertura de torneiras, chuveiros e descargas automáticas, a visão diária da totalidade do líquido disponível para o consumo de uma residência tendeu a ser perdida (SANT'ANNA, 2007, p. 125 – 126).

Essa pode ser vista como mais uma das consequências de mudanças de hábitos devido às novas instalações e obras públicas que constituíam o processo urbanístico e modernizante pelo qual a cidade e seus habitantes passavam. As poucas referências geográficas e paisagísticas que São Paulo oferecia, e que pertenciam à estrutura da cidade desde o século XVI, foram sendo reformadas no século XX, já que a natureza era vista como um empecilho para o avanço do progresso e da indústria, fatores que caracterizavam o sucesso de uma região urbanizada e moderna (JORGE, 2006, p. 60). A transformação (entende-se: retificação, aterramento, canalização) dos rios de São Paulo estão intrinsecamente conectados com a criação do sistema de eletricidade.

A partir do momento em que houve a canalização da água, as bicas e chafarizes espalhados pela cidade tornaram-se obsoletos e foram retirados aos poucos, fato que causou revolta na população, porque muitos bairros periféricos ainda não haviam sido integrados à rede de esgotos e de água encanada e os moradores destes bairros dependiam das bicas para acessar a água. Além disso, a extinção das bicas e chafarizes<sup>46</sup> indicava o término de um acesso gratuito da água, um direito do humano, pois a água que chegava pelos encanamentos nas residências das pessoas tinha um custo a ser pago para o sistema aquífero da Cantareira, liderada pela Light.

Quando a Light construiu uma hidrelétrica no rio Tietê, a população, que era favorável à construção, não estava a par de que a empresa se apropriaria dos acessos gratuitos à água. Para o povo, a ideia de morarem numa cidade que possuía energia elétrica em abundância, com a iluminação nos postes das ruas e a construção e uso dos bondes elétricos, era o ápice da vida moderna, ainda mais com o advento do cinema

---

<sup>46</sup>Um dos motivos pelos quais os chafarizes e bicas foram destruídos deu-se por causa de uma proposta em se fazer do centro um espaço urbanizado e aburguesado cuja presença dos frequentadores dos chafarizes (pobres, negros, etc.) denegria tal ideia (JORGE, 2006, p. 69).



(JORGE, 2006, p. 74). Os motores a vapor das indústrias eram substituídos pouco a pouco pelos motores elétricos e a população se orgulhava das construções da usina de Parnaíba e da represa de Guarapiranga, referenciando-as inclusive como cartão postal da cidade, não sabiam ainda das consequências que viriam da contratação da empresa:

Contudo, ardilosamente, a Light alterou seu projeto inicial, o que trouxe consequências desastrosas para São Paulo e cidades próximas. Primeiro, conseguiu uma concessão do governo estadual para retificar o rio Pinheiros em troca do direito de propriedade sobre as várzeas inundáveis saneadas, que foram posteriormente vendidas. As várzeas do Pinheiros foram definidas, por esse contrato de concessão, como as áreas atingidas pelas águas do rio com base na maior cheia registrada. Por isso mesmo, em 1929, a Light provocou a maior enchente da história da cidade, ao abrir as comportas de Guarapiranga quando os rios paulistanos já estavam altíssimos em virtude de vários dias de chuva intensa. As águas do Pinheiros e do Tietê avançaram sobre os terrenos onde ninguém jamais imaginaria que isso pudesse ocorrer (JORGE, 2006, p. 81).

Os rios, antes curvilíneos, tornaram-se retos. Várzeas, córregos, regos e riachos foram aterrados e alguns correm, ainda hoje, embaixo da pavimentação. O rio Pinheiros e o Tietê, quando as obras de canalização e retificação terminaram, passaram a correr em sentido contrário. A outrora conhecida como cidade das águas tornou-se a cidade do asfalto. A extinção de diferentes animais e vegetações e, conseqüentemente, de pratos típicos e costumes locais, também foram consequências da mudança das águas na cidade. É o trinômio ferrovia, curso fluvial e expansão residencial que caracteriza o desenvolvimento de uma cidade industrial (SANTOS, A., 2014, p. 10). Um dos grandes incômodos da população eram as enchentes dos rios (SANTOS, F., 2006, p. 102), mas nada que o povo não soubesse lidar, como usar as férteis margens para plantação ou até mesmo para extração do barro para produção de cerâmicas nas olarias que existiam junto aos rios.

A abertura de caminhos para os bondes, carros, ônibus e caminhões através do aterramento das várzeas surgiu como solução para o espaço necessário da circulação de outros tipos de meios de transporte. A lógica do transporte parece estar sempre atrelada ao tempo, o tempo capitalista de uma metrópole, o tempo da produção. Quão melhor são as vias que levam o trabalhador à indústria, maior é o tempo desta pessoa na empresa gerando lucros (SANTOS, A., 2014, p. 22).

As obras públicas relativas às águas, asfaltamentos e habitações que foram iniciadas na década de 1930 e finalizadas na década de 1960, faziam parte do Plano

de Metas proposto pelo presidente Juscelino Kubitschek, que investiu na indústria automobilística como forma de também investir nas empresas internacionais e nacionais que residiam no Brasil. Investir na indústria automobilística era também investir no progresso urbanístico modernizador do país. Já nas primeiras décadas do século XX cidades vizinhas à São Paulo passaram a ser englobadas pelos projetos urbanísticos da cidade grande, colaborando para o crescimento dos movimentos diários da população (moradia-trabalho) de um extremo a outro da urbe (SEABRA, 1987, p. 03). Para facilitar esse movimento populacional, marginais e vias expressas foram criadas.

A via expressa, tal qual a Marginal Pinheiros, é uma via de transporte terrestre para tráfego de alta velocidade. As vias expressas funcionam como acesso às rodovias, separando fluxos de tráfegos opostos (no caso da Marginal Pinheiros, é o rio que serve como separador natural). Normalmente as marginais, por serem vias de alta velocidade, não permitem fluxo de meios de transporte que não sejam os automotivos, sendo poucos os acessos e/ou cruzamentos com ruas da cidade. As vias marginais expressas passaram a ter um papel extremamente significativo na circulação da população que vivia ao redor de São Paulo, sendo o automóvel em si uma referência do progresso industrial da cidade urbanizada e moderna.

No século XX o urbanismo rodoviarista, influenciado pelo modelo norte americano, introduz o conceito de avenidas marginais, chamadas no início dos anos 20 de “parkways” e mais tarde, os anos 60 e 70, avenidas de fundo de vale, confina e “empareda” de vez o canal do rio (DELIJAICOV, 1998, p. 76).

A Marginal Pinheiros é uma das mais importantes vias expressas de São Paulo, ligando a região de Interlagos (zona sul) ao Cebolão (zona oeste), sendo o Cebolão o complexo que reúne a Marginal Tietê e o acesso para a entrada da Rodovia Castello Branco (esta rodovia permite o acesso ao interior do estado). A via é composta pela pista expressa, em geral com cinco faixas, e a pista local, com três faixas. Os impactos da construção de uma marginal expressa são grandes, pois, tendo em vista que não possuem cruzamentos, a construção das vias expressas implicam também na construção de rampas de acesso e trevos que permitam retornos, acesso aos dois lados da via e acesso às ruas da cidade. Este tipo de construção impede que exista uma integração urbanística entre o ambiente fluvial e os habitantes da urbe, tornando o acesso à beira do rio impraticável (ibid., p. 76). As transformações paisagísticas advindas das instalações das marginais impactaram os modos da população de se relacionar com o rio, que, pensando

especificamente no rio Pinheiros, funciona como divisor de vias, perdendo as suas possibilidades de uso tão fundamentais para os pinheirenses do início do século XX (como banhar-se, coletar água, lavar louças e roupas, pescar e colher o barro da margem).

As rodovias que passaram a dominar os caminhos de São Paulo são, no século XX, as vias mais utilizadas por todas as classes sociais. Se as ferrovias eram um meio de transporte que interligava cidades e permitia o escoamento de produtos para outras regiões, as rodovias conferiram uma nova maneira de não somente as pessoas se locomoverem dentro da cidade, mas também fora da cidade, sendo o automóvel caracterizado como referência de eficiência e rapidez. O uso de trens havia se tornado uma prática comum aos brasileiros na década de 1930, tanto para cargas quanto para o transporte de pessoas, contudo, a extinção das ferrovias e sua substituição pelas rodovias deu-se pelo seguinte motivo:

A opção ferroviária implicava a construção da via permanente e a aquisição do material rodante, o que exigia abundante capital inicial, a ser obtido antes que a ferrovia pronta começasse a gerar renda. [...] O asfaltamento da rodovia ocorre apenas quando o tráfego se intensifica, podendo ser financiado pela tributação sobre a nova produção que ela possibilitou. [...] A maior capacidade do transporte rodoviário de se adaptar à procura foi uma das razões que lhe permitiram superar o transporte sobre trilhos, no Brasil e na maioria dos outros países (SINGER, P., 2001, p. 105 – 106).

O uso de automóveis para além do trem estava intrinsecamente ligado à necessidade de o Brasil possuir uma indústria nacional de peso. Foi com a presença de Getúlio Vargas na presidência do país que a produção e o consumo de materiais relativos aos automóveis (principalmente os carros) se intensificou. Com o fim do ciclo cafeeiro como fonte predominante da economia brasileira, a ideia de o Brasil se tornar uma potência industrializada (e industrializadora) tomou os projetos públicos, sendo que tal abordagem perdurou durante o mandato de Juscelino Kubitschek. A indústria em desenvolvimento na década de 1950 apresentava um caráter cultural, para além do econômico. A instalação de uma indústria automobilística também provocou influências e consequências no desenvolvimento de outras indústrias, como o setor metalomecânico (tratores, motocicletas, navios, aviões), o setor siderúrgico e o setor da indústria química (ibid., p. 109).

Ter um carro era possuir um objeto-símbolo de ascensão social (ibid., p. 108), o que expõe a presença do automóvel como um marcador cultural, e não apenas um referencial econômico. As exposições do Palácio das Indústrias durante a década de 1920 são um marco da presença dos automóveis nas vidas dos paulistanos. Se a elite paulistana,

oriunda da elite cafeeira, era o grupo socioeconômico que ditava os tramites industriais, o automóvel surgia então como grande representante do movimento modernizante da cidade, como a cultura material que metaforizava o progresso. As feiras que ocorreram sucessivamente no Palácio das Indústrias tinham como objetivo propagar a ideia de que o automóvel era o meio de transporte ideal para o brasileiro. O fato de que tais exposições tinham uma recepção muito positiva da população (aqueles que iam às feiras pertenciam à diferentes camadas sociais) era mais uma maneira de encorajar a indústria automobilística a se desenvolver no país.

Possuir um carro era possuir uma referência física de status e ascensão social. Ou seja, é possível pensar que o automóvel era um símbolo material do progresso, do moderno e da riqueza, agindo também como referência de status, uma propriedade que diferenciava ricos de pobres, modernos de atrasados (SÁVIO, 2006, p. 232). Se o automóvel era uma representação física dos processos que elevariam São Paulo a um status de metrópole da *modernidade*, este também tinha um impacto importante para as diferentes classes sociais da cidade:

[...] o automóvel passou a ser usado de forma a acentuar sua mística e se impor como uma moldura mecânica sofisticada do poder [...]. Desde cedo os mais jovens passaram a dispensarem os choferes para porem à prova o desempenho máximo dos veículos. Em qualquer circunstância, em qualquer lugar, o tempo todo, o imperativo era a máxima aceleração e o uso incessante da buzina. Os atropelamentos são diários e múltiplos, especialmente envolvendo anciãos e crianças (SEVCENKO, 1992, p. 74).

Ao longo do percurso da transformação de São Paulo em uma metrópole, as referências paisagísticas e o comportamento social dos habitantes da cidade estavam sujeitos às políticas estatais referentes ao controle cultural: como as casas deveriam ser habitadas, como as pessoas deveriam se comportar (em termos higiênicos e de trabalho), como as águas deveriam ser utilizadas, como todos deveriam seguir o ritmo da cidade pulsante e frenética. Os ideais urbanizadores e modernizantes faziam parte de um aspecto maior, de um planejamento que englobava todos os aspectos discutidos e apresentados até então: do Brasil como uma nação progressista.

#### 1.4 A METRÓPOLE

Além das questões higiênicas, houve outro motivo que despertou naqueles que planejavam as construções públicas na urbe a vontade de situar São Paulo como uma metrópole: o nacionalismo. Durante a primeira metade do século XX muitos brasileiros discutiam a formação da nacionalidade. Havia uma busca por uma identidade nacional

que permitisse ao Brasil equiparar-se com outras nações em construção<sup>47</sup>. Dentro desses debates sobre a identidade nacional, os temas relativos à arquitetura e urbanização entraram em voga. Inicialmente, os projetos de *modernidade* e urbanização em São Paulo respaldavam aspectos das estruturas metropolitanas europeias, mas em pouco tempo sucumbiram às tendências identitárias regionalistas (CAMPOS, C., 2002, p. 209).

A partir do século XIX, no interior do projeto de Estado Nacional, desenham-se concepções de memória e inventam-se tradições para uma nação que reserve um passado comum aos seus integrantes. A noção de patrimônio histórico/cultural insere-se neste processo pelo qual o Estado se organiza mediante a criação de um patrimônio comum e uma identidade própria. A construção desse patrimônio pressupõe valores, norteadores de políticas públicas, a partir dos quais são atribuídos qualificativos a determinados registros documentais (JARDIM, 1995, p. 03)

Assim como os museus outras referências físicas e edificadas representavam a relação das pessoas com a construção da paisagem, com a identidade e como a população sentia essas mudanças, pois se o espaço *museal* era um porto seguro, a cidade era a instabilidade do futuro, muitas vezes percebida como parte de um movimento opressivo, estranho e traumático (SINGER, B., 2001, p. 133). Este medo relativo às novas nuances de São Paulo originava-se, também, da relação com o tempo, em que as referências naturais situavam a duração das atividades cotidianas. De uma maneira geral, os paulistanos realizavam suas tarefas de acordo com as variações da luz do sol e do breu da noite e o cultivo de produtos agrícolas seguia as quatro estações do ano (SANT'ANNA, 2007, p. 22), enquanto que:

A modernidade implicou um mundo fenomenal – especificamente urbano – que era marcadamente mais rápido, caótico, fragmentado e desorientador do que as fases anteriores da cultura humana. Em meio à turbulência sem precedentes do tráfego, barulho, painéis, sinais de trânsito, multidões que se acotovelavam, vitrines e anúncios da cidade grande, o indivíduo defrontou-se com uma nova intensidade de estimulação sensorial. A metrópole sujeitou o indivíduo a um bombardeio de impressões, choques e sobressaltos. O ritmo de vida também se tornou mais frenético, acelerado pelas novas formas de

---

<sup>47</sup>Daí surgem centros culturais, tais quais os museus, que tinham o intuito de educar a população sobre sua própria História, Memória e Identidade (BARBUY, 1995, p. 213): “*Um conjunto considerável de estudos tem apontado a forte relação entre museus e a formação dos Estados nacionais (apud Gillis, 1994; Evans e Boswell, 1999). Alguns deles, influenciados pelo trabalho de Foucault, apontam a maneira pela qual os museus, assim como outras instituições públicas abertas ao público, foram capazes de ordenar, civilizar e disciplinar grandes setores da população*” (SANTOS, M., 2004, p. 55). Os artefatos presentes em museus, assim como as referências iconográficas, surgiam como uma maneira de educar o povo sobre o próprio povo. As exposições exaltavam uma história selecionada (e não necessariamente popular) com o propósito de enaltecer figuras históricas (como os bandeirantes) com o intuito de demonstrar a superioridade brasileira em relação à outras nações (RICHTER, 2014, p. 15).

transporte rápido, pelos horários prementes do capitalismo moderno e pela velocidade sempre acelerada da linha de montagem. A modernidade, em resumo, foi concebida como um bombardeio de *estímulos* (SINGER, B., 2001, p. 116).

A cidade surgia em meio ao caos como algo complexo e inédito aos grupos sociais que a habitavam, causando desconforto e confusão. Todavia, ao passo que as mudanças causavam desnorteamento, estas também apresentavam novos usos do espaço público, fazendo com que o típico descanso durante os fins de semana se tornasse obsoleto. A cidade pulsava, demandando ocupações, e é nas ruas que a vida acontece: *“Não é descansando que alguém se prepara para a semana vindoura, é recarregando as energias, tonificando os nervos, exercitando os músculos, estimulando os sentidos, excitando o espírito”* (SEVCENKO, 1992, p. 33).

Os esportes foram categorizados, juntamente com as visitas a museus, como forma de diversão. Além de divertir o corpo tornava-se também um participante ativo da ideia urbanizadora capitalista: visto como uma fonte que gerava energia e assemelhado às máquinas em potente desenvolvimento, o corpo deveria ser tratado como uma extensão produtiva e viva da urbe. O controle do corpo pela cidade urbanizada (e visto como símbolo de *modernidade*) iniciou-se com os projetos higienistas e culminou com o controle da quantidade e da qualidade da alimentação<sup>48</sup> somada à aptidão e capacidade de participar de eventos esportivos.

As atividades atléticas eram encorajadas pelo Estado e eram as gerações mais jovens que se interessavam pelas medidas apresentadas. O esporte correspondia a um estilo de vida, à síntese de um corpo produtivo que se encaixava perfeitamente nos moldes de uma metrópole capitalista, tornando-se, inclusive, moda: *“As roupas se tornam mais leves, mais apegadas aos contornos da anatomia, mais coloridas e estampadas, mais adequadas à movimentação ágil do corpo, assumindo inspirações suscitadas em parte*

---

<sup>48</sup>Pode-se pensar no café como exemplo: um produto incorporado aos hábitos brasileiro e que era “[...] desde cedo associado ao ritmo do trabalho, à vida moderna e à cidade” (SEVCENKO, 1992, p. 83). O líquido era visto como uma referência de energia, potência, eficácia e produtividade. Inicialmente o café era um produto de exportação que foi incorporado aos hábitos alimentares brasileiros paulatinamente, para ser ressignificado em seu uso e permanência nos hábitos culturais da população brasileira durante o século XX, quando já se conheciam suas propriedades naturais que proporcionavam a sensação de despertar e energia advindas da cafeína. Outras mudanças alimentares, como o consumo de produtos industrializados, são uma boa referência das transformações pelas quais os hábitos das pessoas que moravam na metrópole passavam. O consumo destes produtos acarretaria, futuramente, em sérios problemas de saúde pública, como a obesidade e a anemia: *“Vários alimentos ultra processados – com escassez de fibras e concentrações extremamente altas de açúcar, gordura e sal – são anunciados pela publicidade de maneira alegre, entusiasmada e amigável”* (SANT’ANNA, 2016, p. 111). A alimentação industrializada também fazia parte de uma noção que já permeava a cidade: da rapidez e do ritmo frenético em que se vive na metrópole, sendo que um alimento pronto e embalado representa o estilo de vida alimentar moderno, prático e rápido, típico da região urbanizada.

*pelos fardamentos militares, em parte pelos trajes desportivos*” (SEVCENKO, 1992, p. 49). Os clubes esportivos surgem como uma representação concreta dos novos movimentos culturais presentes na sociedade paulistana da década de 1920: como esportes náuticos e esportes em terra (tal qual o futebol). Em Pinheiros:

O principal clube da região era o Sport Club Germânia, fundado em 7 de setembro de 1899, por um alemão Hans Nobiling e seus amigos de futebol. Em 1919, depois de ocupar dependências alugadas, o Germânia comprou uma área de 100 mil m<sup>2</sup> ao lado do Pinheiros, em um local ermo e afastado do centro da cidade. Em 1921 inaugurou o primeiro cocho flutuante de madeira nas margens do rio, onde crianças, homens e mulheres podiam nadar em segurança. Além da natação, praticava-se no clube, entre outros esportes, o futebol, tênis e atletismo, o remo e excursões de barco pelo rio (JORGE, 2010, p. 22).

A competição entre esportes e entre pessoas alimentava a ideia de que a população deveria ser ativa na forma como habitava e ocupava o espaço urbanizado, possibilitando que extravasasse suas frustrações inconscientes com as mudanças rápidas e constantes da cidade-metrópole, pois o corpo somatizava os medos, as angústias, as disparidades, as mudanças nos costumes, o interesse pelo novo, a euforia de ter água encanada e dirigir automóveis em alta velocidade. Mesmo podendo ser individual, o esporte era caracterizado como parte do coletivo, um momento em que as pessoas se uniam para torcer por algo comum e de fato escolhido por elas, como um time. Com o auxílio da tecnologia e da imprensa, que se utilizavam de veículos diferentes (fotografias, rádio, jornais) para propagar o que as pessoas sentiam, os esportes metaforizavam sentimentos diversos e acessíveis à diferentes camadas populacionais.

Percebe-se como as inúmeras mudanças no processo que constituiu São Paulo enquanto metrópole (formas de habitação, acesso às águas, maneiras de se alimentar e praticar esportes, etc.) caracterizaram a cidade como uma apontadora do sucesso da modernização. Os pontos geográficos de referência eram outros, a paisagem constituída era impactante, os arranha-céus, a verticalização, a água encanada e seu consumo exacerbado, os caminhos das ferrovias, as ruas e avenidas asfaltadas, a iluminação pública e privada, o fim de várzeas, córregos, regos e riachos, os automóveis tomando o espaço público, as fábricas e indústrias ocupando diversos bairros, a aglutinação de áreas outrora tidas como deslocadas, o grande contingente populacional oriundo de migrações em massa, as regras de saneamento e higiene corporal, o controle do corpo via prática de esportes, a mudança nos hábitos alimentares (que começou com a extinção da fauna aquífera e térrea da cidade e depois transformou-se ainda mais com o acesso aos alimentos

industrializados, causando impactos significativos na saúde pública), a construção e derrubada de casas que faziam as vezes de moradias (como os cortiços) são todas evidências de como a cidade foi ocupada, transfigurada e ressignificada ao longo de sua transformação em metrópole.

Enquanto se constituía como metrópole, o centro de São Paulo englobou regiões circunvizinhas. O planejamento urbano (tanto para o centro como para as regiões adjacentes) iniciou-se a partir de 1880 e conglomerou áreas de diferentes zonas (norte, sul, leste e oeste), ainda que não houvesse um grande plano norteador que direcionasse de forma meticulosa como se dariam às obras que incorporavam regiões que se tornavam bairros (DIAS, M. L., 1989, p. 25). A expansão urbana deu-se em faixas, e não em anéis concêntricos (PRADO JÚNIOR, 1989, p. 43). Essas faixas acompanham as trilhas e caminhos que levavam aos bairros, assim como também acompanham o caminho fluvial que interligava regiões. Foi neste movimento expansivo que os processos de urbanização atingiram Pinheiros (que sempre se localizou como acesso para outras áreas ao redor do centro de São Paulo).



## Capítulo II: Pinheiros: paisagens em transformação

No presente capítulo pretendo abordar a transformação da região de Pinheiros em bairro, apresentando breves características do processo de aldeamento (século XVI) até o momento em que este foi englobado pelo processo de urbanização de São Paulo e da instalação de diferentes obras públicas (século XX). Pois, para compreender o processo de caracterização de Pinheiros em bairro, é preciso entender como anteriormente o local era ocupado, tendo em vista que o estudo da paisagem se localiza sempre no tempo longo (SILVA, F., 1997, p. 299).

Assim sendo, nós precisamos abordar a paisagem como algo multitemporal. A paisagem não pode ser estudada como um quadro em branco no qual nós, enquanto humanos, simplesmente projetamos nossa visão de mundo puramente como uma ideologia visual (apud DUBOW, 2009), mas como algo que, em si, está impulsionando ações em nós e algo em que nos baseamos a partir dos incidentes anteriores que nela ocorreram [...] (HORN & WOLLENTZ, 2018, p. 116).

### 2.1 DE ALDEIA A BAIRRO

Antes de existir da maneira como hoje está distribuída, a região de São Paulo como um todo foi ocupada por diferentes grupos indígenas<sup>49</sup>. Assim que fundaram a antiga capitania de São Vicente em 1554, os portugueses trouxeram vários problemas, como as doenças (gripe, varíola, sarampo, etc.) que dizimaram uma grande quantidade de indígenas. Conforme avançavam para dentro das imediações da cidade, os portugueses expulsavam os indígenas para locais mais afastados, criando em 1560 vários aldeamentos importantes que visavam acolher os indígenas que não podiam ser escravizados e que haviam perdido suas terras de origem. Um destes aldeamentos foi o de Pinheiros, tido então como um dos aldeamentos<sup>50</sup> mais antigos do estado de São Paulo.

Este rio [Pinheiros], nos tempos coloniais, era conhecido como Geribatiba (ou ainda suas diversas variações de grafia como Gerivatiba, Geraibatiba ou Gerebaitiba, Jeribatiba, Jaraibatiba, Jerubatuba ou ainda

---

<sup>49</sup>Os indígenas que ocupavam a atual região da cidade de São Paulo costumavam se deslocar com frequência, sendo vários os motivos para tal movimentação: ‘desgaste do solo, diminuição das reservas de caça, disputas internas entre facções, morte de um chefe, etc.’ (MONTEIRO, 1994, p. 22). Geralmente os grupos indígenas ocupavam regiões próximas às linhas d’água, utilizando o líquido para se locomoverem, pescarem, cozinhare, se banharem, etc., como a região de Pinheiros, que, rodeado pela várzea, se localizava junto à primeira terra firme próxima ao rio Pinheiros (JORGE, 2010, p. 03).

<sup>50</sup>Os aldeamentos foram criados com o intuito de circunscrever e proteger os grupos indígenas, porém acabaram colaborando para a desintegração cultural e social destes grupos, pois os jesuítas que gerenciavam os aldeamentos incluíam diferentes grupos dentro de uma mesma área improvisada, fazendo com que tensões surgissem e complicassem o convívio nestas localidades (MONTEIRO, 1994, p. 43).

Jurubatuba), nome tupi que significa “lugar com muitas palmeiras jerivás”. Seu nome atual remete ao nome do bairro, batizado pelo grande número de pinheiros nativos (*araucaria brasiliensis*) que lá existiam, conforme registrado no inventário de Simão Borges Cerqueira (ZANETTINI & SOUZA, 2012, p. 41)<sup>51</sup>.

Grupos que historicamente não tinham laços muito estreitos foram forçados a habitarem regiões relativamente próximas. No espaço dos aldeamentos os indígenas eram forçados a aceitar as imposições socioculturais jesuíticas: como o casamento e fim da poligamia, a adoração à fé católica, o uso de vestimentas europeias e a nova concepção do tempo e do trabalho (sendo a divisão sexual do trabalho uma forma totalmente avessa às quais os índios estavam acostumados)<sup>52</sup>. Somando a essas repressões o constante avanço português nas áreas já delimitadas para a presença dos indígenas, os habitantes originais de Pinheiros, cansados das agressões portuguesas, organizaram um levante ocorrido em 1590, em que vários jesuítas e colonos foram mortos e a imagem de Nossa Senhora do Rosário (que era patrona do aldeamento de Pinheiros) foi decapitada e destruída, como forma de contestação indígena às imposições europeias (MONTEIRO, 1994, p. 51).

Com a situação insustentável de coexistirem com os portugueses que avançavam no aldeamento de Pinheiros, vários indígenas que habitavam a localidade resolveram migrar para a região de Carapicuíba, pedindo ao governador que doasse parte dessas terras a eles. Os portugueses que passaram a invadir e tomar as terras já doadas aos indígenas justificavam suas invasões através da descoberta de jazidas de pedras preciosas (havia uma lei portuguesa que permitia aos colonizadores quebrarem certos contratos e pactos caso houvesse a suspeita de existirem naquelas terras jazidas de pedras preciosas). Sabia-se, porém, que não haviam jazidas em Pinheiros, e um dos motivos de os colonizadores terem invadido este aldeamento era para subjugar os indígenas que ali moravam e obrigá-los a trabalhar na lavoura.

Alguns dos bairros pobres de São Paulo surgiram dos aldeamentos que foram ocupados pelos colonos, como Pinheiros, que foi, até o início do século XX, considerado um bairro periférico. Nestes bairros afastados as roças eram basicamente de

---

<sup>51</sup> Hoje o nome oficial dos pinheiros nativos é *Araucaria angustifolia*.

<sup>52</sup> Além das doenças e imposições culturais, os portugueses também se utilizaram da guerra enquanto manifestação cultural indígena contra os próprios índios (inclusive patrocinando/investindo em alguns grupos em específico) com o intuito de enfraquece-los e domina-los com mais rapidez e eficiência. Assim, além da Guerra dos Tamoios, tantas outras guerras (como entre os Tupiniquim e os Tupinambá) eram constantemente estimuladas pelos colonizadores, fato que fazia com que os índios eliminassem uns aos outros sem a necessidade de o colono interferir em termos práticos (MONTEIRO, 1994, p. 48).

subsistência, sendo o excedente vendido nos mercados locais. Cada região (posteriormente chamadas e transformadas em bairros) possuía uma estrutura interna independente durante grande parte do Período Colonial, quando o mercado da urbe ainda era pequeno e a ideia de unificação com o centro não existia. Nestas regiões afastadas do centro, os produtos agrícolas geralmente eram mandioca, feijão, milho e trigo. Em Pinheiros a criação de bois, porcos, galinhas e cabras, além das produções agrícolas, caracterizavam o espaço ocupado por colonos, indígenas e negros (trazidos da África a partir do século XVI) como um espaço rural.

A presença de quilombos em Pinheiros foi um marcador paisagístico importante, pois evidenciou neste bairro a presença africana enquanto não só disputa espacial, mas também como resistência social. Os escravos negros (também conhecidos como *canhambolas*) que conseguiam se libertar da vida servil procuravam abrigo nos matos e terrenos baldios. Estes escravos, em busca de recursos para se defenderem do domínio escravagista, assaltavam viajantes e invadiam propriedades. Alvos constantes de ataques<sup>53</sup>, subjugações e reprimendas dos colonos, os escravos não tinham opção senão fugir e tentar a sorte nas estradas pouco povoadas de Pinheiros.

Havia poucas casas<sup>54</sup> (a maioria térrea e alguns sobrados) e poucas pessoas habitando a localidade (AMARAL, 1969, p. 62). A ocupação deste bairro<sup>55</sup> por diferentes grupos (índios, negros e europeus) provocou importantes mudanças na paisagem da região, sendo que a contextualização histórica à qual estes personagens pertencem é primordial para se entender as disputas entre agentes e como estas disputas são geradoras da cultura material, tal qual a paisagem (HODDER, 1986, p. 04).

Lugares são pontos de conexão entre ambiente, pessoas e significados responsáveis pelo processo de criação do comportamento humano, onde os indivíduos desenvolvem a cognição e a percepção acerca do espaço – e os comportamentos humanos intrínsecos a ele – e o utiliza como

---

<sup>53</sup>Um mandado realizado pela Câmara Municipal de São Paulo foi enviado em 10 de fevereiro de 1748 para um pinheirense chamado José de Sá e Moraes. Este mandado pedia que este homem em específico alertasse os outros moradores de Pinheiros para que “desinfetasse a região” ao se armarem para destruir os quilombos da região e matar os negros fugidos, que costumavam se esconder nas estradas de Pinheiros (AMARAL, 1969, p. 58).

<sup>54</sup>Augustin Saint-Hilaire, um importante botânico e viajante francês, quando visitou o Brasil e passou por Pinheiros na segunda década do século XIX, afirmou que as casas da região eram esparsas e construídas ao estilo das moradias dos luso-brasileiros. Estas habitações eram, segundo o botânico, de uma maneira geral, pequenas e malconservadas. O viajante elogiou a beleza da pequena igreja do Largo de Pinheiros, fato que demonstra como esta edificação já era reconhecida não somente pelos moradores, como também pelos viajantes, pois a igreja era alvo de peregrinações regionais e servia como importante ponto geográfico e cultural de localização na região (PETRONE, 1963, p. 98).

<sup>55</sup>Em alguns casos os aldeamentos foram transformados em bairros, como foi o caso de Pinheiros, mas em outros casos os aldeamentos foram transformados em municípios, como foi com Guarulhos (JORGE, 2010, p. 01).

marco para a promoção e transmissão de conhecimento e memória social. [...] as paisagens e os lugares também têm seu ciclo de vida, eles são utilizados, marcados, modificados, reutilizados e, por fim, abandonados. A existência do lugar depende das inúmeras interações entre pessoas e determinado espaço com diferentes histórias de vida que o modificam constantemente, conferindo diferentes ressignificados na memória social (apud Bowser e Zedeño, 2009, p. 8 – 9). Por essa razão, as paisagens ou lugares não podem ser considerados como unidades monolíticas, quando para a compreensão do comportamento humano, mas considerados no exercício de suas múltiplas funções. Mais do que isso, os lugares não são isolados, mas interconectados com outros lugares que ajudam a conferir o seu significado. Uma maneira de se acessar as múltiplas camadas de histórias e relações sociais é partindo de estudos biográficos de lugares e histórias locais que expliquem causas e consequências de mudanças ocorridas em cada lugar e em seus usuários. Progressivamente, essas múltiplas histórias ganham característica de uma rede interconectada de lugares e relações sociais que, aos poucos, configuram a paisagem e o comportamento humano em grande escala (apud Bowser e Zedeño, 2009, p. 10) (PLENS, 2017, p. 14).

Pinheiros é uma região que pode ser entendida dentro da perspectiva apresentada na citação acima: enquanto local que possuía (e ainda possui) uma relação intrínseca com regiões circunvizinhas. A *macropaisagem* (todas as regiões englobadas pelos projetos de urbanização: centro, norte, sul, leste e oeste do município de São Paulo) se complementa com a *micropaisagem* (Pinheiros: região, bairro, distrito), juntas essas paisagens apresentam questões similares e diferentes, elas representam momentos econômicos, relações sociais, transfigurações culturais; essas paisagens refletem os usos e apropriações do espaço no tempo. Em Pinheiros essas questões apresentam-se de diversas maneiras ao longo de sua ocupação, como a invasão portuguesa.

Ainda que a ocupação europeia tenha se baseado nos aldeamentos anteriores<sup>56</sup> para fixar-se na região, os portugueses também infligiram suas vivências na paisagem de Pinheiros. Construções mais complexas, que exigiam técnica material e conhecimento de engenharia estrutural marcaram essas terras, assim como sistemas agrícolas de ampla

---

<sup>56</sup>É importante ressaltar que um dos motivos pelos quais os portugueses tiveram sucesso no empreendimento colonizador era o uso que faziam de estruturas pré-estabelecidas pelos indígenas, como ‘trilhas, aldeias, canoas, caminhos, roças...’, além do próprio conhecimento dos grupos indígenas em técnicas alimentícias, ‘de caça, pesca, plantio, remédios, fontes de recursos naturais, manejo dos recursos florestais, combate a animais peçonhentos, etc.’ (ZANETTINI & SOUZA, 2012, p. 45 – 46). Os caminhos que ligavam as diferentes regiões do lugar que se tornaria a cidade de São Paulo (assim como os caminhos que levavam a outros limites territoriais, como o litoral), também foram criados por indígenas e utilizados por portugueses, e “[...] persistem sob a forma de ruas e avenidas, e é ao longo deles muitas vezes que se dá ainda hoje a expansão da ocupação urbana dentro dos limites do município” (CAMPOS, 2006, p. 11).

escala que colaboraram na modificação da paisagem local, evidenciando a presença de novos agentes sociais na região.

Os antigos aldeamentos na cidade de São Paulo se tornaram fundamentais para a circulação dos europeus que tomaram a região desde o século XVI, como, por exemplo, o uso que se fez do famoso caminho de Peabirú<sup>57</sup>, que passava também pelo bairro de Pinheiros (GONÇALVES, 1998, p. 55), tornando-o parte de uma paisagem fundamental dos caminhos de São Paulo para o litoral paulista.

Pinheiros era zona de comércio e habitação, mas também era um importante local de passagem para outras regiões, fosse por terra ou pelo rio. Os caminhos<sup>58</sup>, que mais lembravam trilhas, eram precários, e conectavam sítios, fazendas, bairros, vilas e tantas outras propriedades. Por serem de má qualidade, os caminhos de Pinheiros sofreram inúmeras (e repetidas) reparações desde o século XVI (AMARAL, 1969, p. 56).

A importância de Pinheiros como ponto de articulação territorial foi mantida e garantiu ao bairro o seu desenvolvimento. No início do século XVIII, o caminho que levava até Pinheiros era também a principal interligação entre a cidade de São Paulo e Cotia, Santana do Parnaíba e Sorocaba – e por Sorocaba, ao sul da América Portuguesa (JORGE, 2010, p. 05).

O eixo principal dos diferentes caminhos dentro da região de Pinheiros foi representado pela estrada de Sorocaba (nas ruas Pinheiros e Butantã). Sendo que o caminho de boiadas cruzava esse eixo (levando à Lapa e à Vila Clementino). O caminho das boiadas<sup>59</sup> passava pela rua Fernão Dias, rua dos Pinheiros, rua Groenlândia, rua das Boiadas (Vila Nova Conceição) e outras. A rua Paes Leme levava ao Porto do Veloso. A rua Cardeal Arcoverde levava para o cemitério do Araçá e a rua Teodoro Sampaio ligava os bondes. Este conjunto geográfico de ruas e caminhos constituíram-se no arcabouço da estrutura de Pinheiros (PETRONE, 1963, p. 101).

Tão extensas quanto distantes eram as terras dos Pinheiros que desde o alto do Caaguaçu se estendiam para além do rio. Para elas se ia, através de campos e matos desabitados, por um caminho que começava na Sé, logo após as taipas que circundavam a vila e que em 1600 veio a chamar-se, no trecho

---

<sup>57</sup>O Peabirú era um caminho criado por indígenas que possuía 1200km de extensão, com apenas 1,76m de largura, sendo seu leito formado por gramíneas (cerca de 40 centímetros mais baixo que a vegetação ao seu redor). Ligava a costa do Brasil ao interior e serviu como via de acesso dos portugueses para o Paraguai (CAMPOS, E., 2006, p. 14 – 15).

<sup>58</sup>Existiam três tipos de caminhos: os reais (incluíam as passagens e conexões entre vilas, cuja manutenção ficava a cargo das câmaras municipais), os de bairro (conectavam os caminhos internos de cada vila, cuja manutenção ficava a cargo dos moradores da região, orientados pelos capitães dos bairros) e os particulares (que geralmente originavam-se nas principais fazendas de cada vila e cuja manutenção ficava a cargo do dono das terras) (MONTEIRO, 1994, p. 122).

<sup>59</sup>As boiadas foram frequentemente fotografadas por Raul Goldschmidt, provavelmente porque eram eventos importantes para os moradores da região, ao ponto de nomearem duas passagens.

localizado no planalto, caminho que vai direto para Santo Antônio’, de onde resultou, mais tarde, vir a denominar-se Rua Direita. Por detrás da igreja voltava-se à esquerda, descia pelo morro até o Anhangabaú, atravessando-o no caminho dos Pinheiros, que depois veio a ser a Rua da Consolação. Local desabitado até fins do século XVI, quando então a pequena vila de Piratininga começou a povoar-se pela beira dos caminhos de penetração, principalmente entre os que iam para Guarulhos, Ibirapuera, Guarepe e Pinheiros (AMARAL, 1969, p. 53).

Foi por estes caminhos, tão rotineiramente utilizados por moradores e por visitantes, que as expansões das obras públicas vindas da São Paulo-metrópole chegariam a todo vapor, causando mudanças drásticas na região.

## 2.2 O RIO PINHEIROS

Para os moradores do bairro de Pinheiros, o rio Pinheiros era extremamente fundamental, sendo suas águas uma infundável fonte: fornecia pesca; água potável para beber, lavar roupas e louças (REALE, 1982, p. 69); servia como meio de transporte para chegar a outras regiões da cidade e agia como forma de as pessoas se refrescarem e praticarem esportes náuticos. Os arredores do rio eram tão importantes quanto a água em si: do barro da margem faziam-se cerâmicas e materiais de construção<sup>60</sup>, ali também se plantavam diferentes alimentos (pois a margem do rio era extremamente fértil) que, juntamente com as carnes e couros, eram transportados e comercializados nas regiões circunvizinhas (JORGE, 2010, p. 17).

Cortando o então vasto território da Aldeia dos Pinheiros, que se estendia pelas terras do Butantã, estava o rio do mesmo nome, afluente da margem esquerda do Tietê e um de seus primeiros tributários, tendo origem “nos montes ao poente da cidade de São Paulo”, correndo de leste para oeste, curvando-se para noroeste na altura da extinta aldeia de Santo André da Borda do Campo. Sem grande profundidade e cortando larga planura, suas águas transbordavam no período das cheias, formando extensas várzeas, até a confluência com o Tietê. Os habitantes da aldeia e os moradores da vila e das aldeias próximas conheciam-no como Rio Grande [...] (AMARAL, 1969, p. 31).

O rio Pinheiros e toda a área que o circundava (várzeas, margens, regiões circunvizinhas) era formada por “[...] *um conjunto de colinas rasas, cortadas por riachos, entre os quais se destaca o Córrego Verde, que marcou profundamente a morfologia da área*” (REALE, 1982, p. 63). Córregos, rios, nascentes, colinas, várzeas,

---

<sup>60</sup>Em São Paulo o transporte fluvial possuía especial importância quando se tratava de comercializar e transportar os materiais de construção, como tijolos, telhas, lenhas, areias, cerâmicas e pedregulhos. Estes produtos eram extraídos e manufaturados nos rios e seus arredores (JORGE, 2010, p. 18).

campos e florestas davam à região de Pinheiros (e de São Paulo como um todo) ares muito encantadores. Enquanto referência geográfica, o rio Pinheiros e suas áreas ao redor eram sentidas e percebidas pelos moradores como uma maneira de se localizarem (SANT'ANNA, 2007, p. 141). As fazendas, caminhos e estradas, as curvas do rio Pinheiros e as terras pelas quais suas águas passavam eram pontos de referência para os moradores (ver Imagem 04). O curso do rio era conhecido, assim como sua correnteza e suas enchentes. Toda a fauna e flora que habitava as áreas circundadas por essas águas era rica e muito vinculada aos modos de vida da população local.



(Imagem 04: O rio Pinheiros antes de sua retificação no século XX, sem data<sup>61</sup>)

A Imagem 04 mostra o leito do rio Pinheiros antigo, como foi conhecido pelos habitantes da região desde antes da invasão portuguesa até o início do século XX: um rio cheio de curvas, com margens férteis e inundadas, com uma vegetação típica que hoje já não existe mais. É um rio que parece ter sido desenhado de tão bem delineadas que são suas curvas, são águas que seguem seu curso de maneira livre em meio às terras que compõem a paisagem em construção. É somente no horizonte, que parece distante, que é possível observar poucas e baixas edificações. Esse era o rio que os pinheirenses conheciam e utilizavam e que foi radicalmente transformado durante o século XX.

---

<sup>61</sup> Imagem disponível em: <<http://www.saopauloinfoco.com.br/asa-white-billings/>>.

Pinheiros foi uma região escolhida e tomada por europeus desde o século XVI justamente por causa de seu principal rio, que atuava como importante via: possibilitava chegar a regiões mais remotas da cidade e permitia um fluxo comercial mais intenso *“Nesse cenário, a região do rio Pinheiros foi definitivamente integrada ao espaço produtivo da nova sociedade que se constituía, tendo adquirido o status de propriedade, área de expansão para a produção mercantil e zona de conflito”* (ZANETTINI & SOUZA, 2012, p. 57).

Enquanto ponto de conexão com a zona sul de São Paulo (e como via que levava à Sorocaba), a região estava suscetível às mudanças econômicas do centro. O século XIX trouxe transformações significativas na economia brasileira, marcadas pela vinda da Família Real para o Rio de Janeiro, pela decadência de ciclos mineradores e por grandes levadas migratórias. A região de Pinheiros provia mantimentos para o centro de São Paulo, suprimindo as demandas de um novo mercado consumidor, fato que atribuiu ao bairro um caráter comercial.

No final do século XIX e no início do século XX ideais vindos da Europa colaboraram para grandes mudanças paisagísticas tanto no centro de São Paulo quanto nas regiões ao redor. Dentre os vários motivos pelos quais os rios de São Paulo foram retificados<sup>62</sup>, provocando transformações marcantes nas paisagens, foram as ideias higienistas que surgiram no continente europeu durante o século XIX que causaram maior impacto. Começou-se a pensar em medidas preventivas que pudessem controlar os germes ou mesmo eliminá-los, pois descobriu-se que tais germes eram causadores dos grandes surtos de diferentes doenças (como tifo, cólera, entre outras) nas cidades com grande aglomeração populacional (SANT’ANNA, 2007, p. 193).<sup>63</sup>

A extinção de córregos, a retificação dos rios e o aterramento das várzeas tornaram-se práticas constantes do controle fluvial<sup>64</sup>. Durante a década de 1930 os

---

<sup>62</sup>A retificação do rio Pinheiros colaborou para que mais pessoas migrassem para o bairro, sendo tais grupos formados, em sua maioria, por comerciantes ou moradores de baixa renda (vale lembrar que o bairro não foi tão ocupado por operários, provavelmente devido à ausência de indústrias na região). É possível pensar que os agentes ali presentes tiveram suas funções marcadas pela paisagem tanto do rio quanto do solo, propício para a agropecuária e para produção cerâmica, ainda que durante alguns séculos as constantes enchentes não tornassem a região atrativa para muitos habitantes de São Paulo. A ideia do bairro de Pinheiros como uma região de abastecimento comercial pode ser entendida no próprio nome da rua Butantã, outrora conhecida como rua do Comércio (ZANETTINI & SOUZA, 2012, p. 23).

<sup>63</sup>É importante frisar que São Paulo ainda era uma potência líder no mercado cafeeiro mundial e a ideia de uma cidade anti-higiênica que não adota medidas internacionais poderia provocar problemas na venda das safras de café. Assim, a retificação dos rios surge também como uma medida de controle econômico (JORGE, 2006, p. 31).

<sup>64</sup>A constituição geológica e geográfica da planície na qual se encontra o rio Pinheiros era a grande colaboradora para que, até mesmo uma chuva não muito volumosa, provocasse enchentes na região, o que fez com qualquer expansão nas várzeas fosse evitada. A ocupação efetiva das várzeas deu-se na década de 1960 com a construção da Marginal Pinheiros (PETRONE, 1963, p. 40).



terrenos alagadiços de Pinheiros, típicos da topografia de São Paulo, foram modificados para dar continuidade aos planos urbanísticos de São Paulo.

[...] a Light deu início em 1928 aos trabalhos de retificação do Rio Pinheiros, que teve seu leito aprofundado e seu curso reduzido de 46 para 26 km. Foi um trabalho bastante grande e com auxílio de possantes bombas o curso do rio foi invertido, tendo sido aterrado o leito original e construído um novo canal para passagem das águas (REALE, 1982, p. 94 – 95).



(Imagem 05: Região próxima à casa de Amaro Cavalheiro, início do século XX<sup>65</sup>)

Nesta imagem é possível notar como Pinheiros era retratada enquanto região rural: há apenas uma edificação na fotografia e esta está cercada por árvores e um campo aberto, não é possível ver indícios de um planejamento urbanístico e moderno; os caminhos são de terra; o rio é largo e suas margens são aquelas anteriores ao processo de asfaltamento. A imagem apresenta um construto paisagístico irreconhecível na atualidade, mas que durante vários séculos agiu como referência geográfica e cultural para os moradores. Esta questão pode ser percebida inclusive pelo tipo de vegetação que ocupa a localidade fotografada. A vegetação de Pinheiros era predominantemente rasteira. Nas regiões mais próximas do rio Pinheiros algumas florestas mais densas se faziam presentes, mas de uma maneira geral era a flora de pequeno porte que compunha o meio ambiente, desde a ocupação indígena até as duas primeiras décadas do século XX (PETRONE, 1963, p. 50), como é possível observar na imagem acima produzida por Raul Goldschmidt.

---

<sup>65</sup>Imagem pesquisada no acervo fotográfico da Biblioteca Álvaro Guerra, Avenida Pedroso de Morais, 1919, bairro de Pinheiros, São Paulo.

As obras de retificação (ver Imagem 06) provocaram grandes mudanças paisagísticas em São Paulo. Sendo as principais consequências:

- o fim do uso dos rios como meio de transporte (ainda que pudessem ser navegados após a retificação, os rios deram lugar aos meios de transportes terrestres, como ferrovias e rodovias);

- o fim da fauna<sup>66</sup> aquífera dos rios (a ausência de peixes causou um desequilíbrio ambiental violento, pois ao passo em que estes sumiam, as larvas de mosquitos não eram comidas fazendo com que os insetos se proliferassem mais do que o normal);

- o fim das olarias (com a retificação dos rios as margens foram extintas, fazendo com que o barro e as várzeas outrora férteis e úmidas acabassem);

- o fim das curvas do rio (que serviam como referencial geográfico e paisagístico);

- a mudança total do curso dos rios (não só os rios começaram a correr em outro sentido, como alguns sumiram, perderam suas margens naturais e suas várzeas, fazendo com que sua estrutura mudasse por completo);

- as enchentes<sup>67</sup> que nunca haviam ocorrido em determinadas partes da cidade passaram a ocorrer devido à retificação e a tantas outras mudanças realizadas nos rios;

- o fim da pesca como atividade econômica e cultural;

- o fim dos usos e acessos públicos e gratuitos das águas doces da cidade (no início do século XX o sistema Cantareira estava implantado e a população de uma maneira geral já pagava as taxas relativas aos usos da água encanada);

- a poluição desenfreada<sup>68</sup> dos rios (como foi o caso do rio Pinheiros) (JORGE, 2010, p. 26 – 27).

---

<sup>66</sup>A introdução de animais de criação nas várzeas, a introdução de plantas domesticadas ou até mesmo exóticas, o corte de vegetações nativas e a pesca e caça predatórias colaboraram para a extinção de inúmeras espécies da flora e da fauna pinheirense (JORGE, 2006, p. 45).

<sup>67</sup>A verdade é que nem todos que habitavam Pinheiros concordavam com a má estigma das enchentes, alguns consideravam-nas benéficas para a lavoura e para a extração de barro. As chuvas, além de facilitarem a limpeza das ruas, também eram motivo de brincadeira das crianças (SANT'ANNA, 2007, p. 145).

<sup>68</sup>O esgoto e o lixo eram dois grandes problemas em Pinheiros, pois os rios recebiam os dejetos sem tratamento, e a produção diária do lixo era de cerca de 100 toneladas já na década de 1950. Toda a parte baixa do bairro de Pinheiros sentia o forte odor que vinha da rua Sumidouro, onde ficava, rodeado de moscas, o depósito de lixo do bairro (JORGE, 2010, p. 24).



(Imagem 06: O rio Pinheiros já retificado em 1957<sup>69</sup>)

A Imagem 06 é extremamente poderosa. Quando comparada com as Imagens 04 e 05 causa, no mínimo, espanto. O rio, que parecia correr livre nas suas curvas, aparece na foto acima domado. Um rio que serve os propósitos de um plano urbanístico, um rio sob controle, um rio com nova identidade. A ausência de árvores ao seu redor lhe dá uma característica triste, quase cinza, apesar desta não ser a cor da fotografia. Esta imagem apresenta uma mudança brusca, determinante, uma alteração definitiva no referencial geográfico e cultural que era o rio Pinheiros. Agora não é mais o rio do bairro, é o rio da indústria, da cidade urbanizada, moderna. É o rio *metropolizado*. O discurso urbanizador presente nas obras públicas parece achar voz nesta imagem, que pode ser vista como síntese do poder da urbe. Nada nesta imagem parece indicar que esse é o bairro de Pinheiros do início do século XX, como se fossem duas regiões completamente opostas. Mas o único fator que os separa não é a geografia, e sim o tempo.

---

<sup>69</sup>Imagem disponível em: <<http://vilamundo.org.br/2011/12/enterrados-vivos-a-saga-dos-rios-de-pinheiros/>>.

### 2.3 ENTRE OS CAMINHOS DO PROGRESSO

Junto às diferentes mudanças paisagísticas citadas nos tópicos anteriores (aldeamento, construções edificadas<sup>70</sup>, abertura de caminhos, retificação e canalização de rios e córregos, aterramentos de várzeas, etc.) pode-se pensar na ponte de Pinheiros<sup>71</sup> como um marco material importante, pois foi a partir dela que a necessidade de caminhos via terra tornaram-se mais atrativos do que os caminhos via rio. A ponte construída no bairro de Pinheiros representou, em sua materialidade, uma referência geográfica e paisagística muito simbólica, como é possível perceber nos pedidos de moradores para a construção deste caminho alternativo que passava por cima do rio, datando de 1632 (REALE, 1982, p. 65). Era difícil manter a construção em bom estado devido ao tráfego intenso de pessoas e animais de carga, além das ocasionais cheias que provocavam certa redução na durabilidade da ponte. Os orçamentos e reparos desta via eram geralmente destinados à população do bairro (do século XVI até o final do século XIX), fazendo com que os moradores devessem angariar fundos para manter a ponte em boas condições.



(Imagem 07: Ponte rio Pinheiros – fim da rua Paes Leme, 1921<sup>72</sup>)

<sup>70</sup>Em Pinheiros a qualidade do barro das margens do rio colaborou para o surgimento de diferentes olarias, nessas fábricas produziam-se tijolos, artefatos cerâmicos e telhas (como é possível notar no sítio Pinheiros 02). A primeira olaria de Pinheiros era de propriedade de Amaro Cavalheiro, personagem pinheirense muito importante para a história da região. Em pouco tempo os tijolos de Pinheiros substituíram as edificações de pau a pique de São Paulo, inclusive na construção de pontes (REALE, 1982, p. 69).

<sup>71</sup>Ver Imagem 07.

<sup>72</sup>Imagem pesquisada no acervo fotográfico da Biblioteca Álvaro Guerra, Avenida Pedroso de Morais, 1919, bairro de Pinheiros, São Paulo. Esta ponte não existe mais e não se sabe ao certo quando foi destruída. Hoje, o acesso via ponte que interliga os bairros do outro lado do rio Pinheiros é a Ponte Eusébio Matoso.

Durante minha pesquisa nas coleções aqui discutidas, algumas imagens aparecem com extrema frequência, tal qual fotos do rio Pinheiros, calçamento de ruas e avenidas e diferentes pontes na região de Pinheiros. Não é à toa a grande frequência dessas reproduções iconográficas, pois estas imagens representam um referencial geográfico e paisagístico fundamental para os moradores da região que as registraram em fotografias justamente porque possuíam uma relação memorial intrínseca com esses pontos de referência. Como é o caso de Raul Goldschmidt, autor da foto apresentada. Enquanto morador do bairro, Goldschmidt registrou as referências geográficas e culturais comuns ao local que habitava.

A Imagem 07 apresenta um referencial visual que os pinheirenses, tal qual Goldschmidt, acessavam cotidianamente. Ela representa uma edificação que perdurava, representa hábitos seculares praticados pelos moradores da região. As lambiscarias nas pontes, o uso destas como trampolim pelas crianças que brincavam nas águas, a margem fértil propícia para o plantio e para a extração de barro são todos registros aparentes na fotografia acima. Cercada por árvores, com as curvilíneas e poderosas águas do rio correndo por debaixo dela, tudo o que circundava a ponte, todos os usos das terras que a rodeavam eram, juntamente com a materialidade da ponte em si, uma referência geográfica, memorial e, conseqüentemente, paisagística para os habitantes da região.

A ponte da Imagem 07<sup>73</sup> teve grande importância social e econômica para a região, pois a Rua Paes Leme (ver o mapa 05) era a rua que conectava o subcentro de Pinheiros, (mais conhecido como Largo de Pinheiros) ao Porto do Veloço (importante ponto-referência para as embarcações que chegavam via rio Pinheiros). Esta ponte também ligava as duas margens do rio na altura do acesso ao bairro do Butantã, região que faz limite com Pinheiros à oeste (ver o mapa 02). Conectando duas regiões separadas naturalmente pelo rio, a ponte permitia o tráfego de pessoas e animais de carga, e é bem provável que funcionasse como referencial geográfico e visual (não só para os transeuntes a pé, como para aqueles que chegavam via transporte náutico). Tendo em vista que outras pontes de grande relevância em Pinheiros (como as pontes Eusébio Matoso e a do Jaguaré) só ficaram prontas 20 anos depois da construção da Imagem 07, esta devia funcionar como passagem principal entre regiões e por cima do rio.

Na década de 1950 as pontes de Pinheiros foram englobadas às construções da Marginal Pinheiros, pois o rio, ao ser retificado, não possuía mais margens, e a ideia de

---

<sup>73</sup>A ponte da Imagem 07 não existe mais, é provável que ela tenha sido destruída para a construção da Marginal Pinheiros. Atualmente a margem do rio do lado do bairro de Pinheiros é cortada pelas vias dos trens da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM).



pontes precárias não cabiam nos projetos públicos de uma cidade que se desenvolvia industrialmente. Por conseguinte, muitas pontes sofreram diversas modificações: alterações nas estruturas e nos materiais que as constituíam, por vezes até sendo destruídas ou realocadas. No entanto, em meio às transfigurações espaciais e paisagísticas, houve uma permanência secular em Pinheiros: a própria existência e uso das pontes. Mesmo sendo modernizadas, alteradas e realocadas, as pontes se mantiveram na região enquanto construto paisagístico e como caminho, ainda que todo o restante de referencial geográfico e memorial que as circundavam já não existisse mais.

A mudança no curso dos rios ocorreu em benefício de duas importantes questões: obras públicas (para viabilizar o transporte) e escoamento d'água para produção de energia elétrica (SANT'ANNA, 2007, p. 185). A presença de energia elétrica na cidade de São Paulo teve diferentes consequências: iluminou as ruas públicas e os espaços privados, introduziu os sistemas telefônicos e também permitiu que os bondes elétricos<sup>74</sup> substituíssem os bondes à tração animal (JORGE, 2010, p. 11). As obras relativas às estradas, avenidas e hidrelétricas foram complexas e de longa duração.

[...] o tempo de circulação também é tempo de produção. Foi, portanto, no âmbito de uma política nacional de transportes, concebida estrategicamente numa determinada fase do processo de industrialização nacional, que começaram a ser construídas estas vias expressas necessárias entre a metrópole e o território nacional (SANTOS, A., 2014, p. 22).

A construção de vias para os meios de transporte tanto no centro quanto em Pinheiros aparece como uma consequência do movimento urbano-industrial pelo qual a cidade passava, em que vários agentes colaboravam para as mudanças paisagísticas (tanto do poder público e privado quanto os próprios moradores de cada região). Para tornar a região mais atraente para novos contingentes populacionais<sup>75</sup>, tendo em vista o alto fluxo

---

<sup>74</sup>Os bondes elétricos, instalados em 1909, foram recebidos com festa pela população local, que era desejosa de uma maneira mais acessível para chegar às outras regiões de São Paulo (REALE, 1982, p.73), sem contar que havia uma ladeira longa e íngreme para se chegar num dos pontos de acesso (AMARAL, 1969, p. 87).

<sup>75</sup>Enquanto região alagadiça, o bairro de Pinheiros foi ocupado por populações mais pobres (ZANETTINI & SOUZA, 2012, p. 20), visto durante muitos anos como um local afastado do centro e tal fato pode ter colaborado para um distanciamento cultural e social entre comunidades regionais, possivelmente criando conflitos de outra ordem em que a região pode ter sido vista de forma isolada e discriminada (MROZOWSKI, 1991). Os autores aqui expostos e debatidos geralmente apresentam um consenso em relação à região de Pinheiros durante o período de formação do bairro, esse consenso gira em torno da ideia de que esta região era ruralizada, afastada e estagnada em relação a outras regiões de São Paulo. Esta perspectiva baseia-se no fato de que até o fim do século XIX haviam menos de 200 casas e pouco mais de 200 habitantes, o asfalto não era presente, as casas eram térreas, plantava-se diferentes alimentos e criava-se gado como forma de comércio, pescava-se, utilizava-se o barro da margem do rio Pinheiros para produção cerâmica nas olarias e os caminhos via terra (como pontes e estradas) estavam malcuidados. A ideia de Pinheiros como um local estagnado parte do pressuposto de que esta região não se adequava aos padrões urbanísticos que a metrópole possuía e/ou estabelecia: *“Não havia, contudo, estagnação. Durante o século 19, os arredores da área urbana central de São Paulo com chácaras, sítios e “núcleos de*

migratório em São Paulo durante o século XIX, a The São Paulo Tramway, Light & Power Company Limited no início do século XX interfere no curso do rio para controlar as constantes inundações. Com a estruturação de novos caminhos e com o controle das inundações, uma das comunidades que logo chegou em Pinheiros foi a nipônica<sup>76</sup>, no início do século XX, transfigurando os modos de habitar a região (SANTOS, F., 2006, p. 81). Os japoneses ocupariam o bairro de maneira marcante até o final da década de 1960, podendo ser notados através:

- das referências físicas do bairro, como edificações comerciais<sup>77</sup> e escolas;
- da grande quantidade de japoneses que circulavam pelas ruas;
- das construções próximas e relativas ao Mercado dos Caipiras assim como os próprios produtos comercializados na região (PETRONE, 1963, p. 67).



(Imagem 08: O Mercado dos Caipiras em 1910<sup>78</sup>)

---

*povoamento disperso tinham um papel considerável na dinâmica econômica da cidade, no suprimento das necessidades de sua população". Era de lá que vinha parte do alimento consumido pelos moradores, os produtos obtidos com o extrativismo e onde o couro era preparado para ser trabalhado" (JORGE, 2010, p. 08 – 09).*

<sup>76</sup>Muitos japoneses se instalavam provisoriamente nos arredores da capital até mudarem para seu próprio aglomerado (PETRONE, 1963, p. 73). Talvez essa mudança explique porque atualmente os japoneses já não marcam mais as terras de Pinheiros como fizeram até a década de 1960.

<sup>77</sup>A Cooperativa Agrícola de Cotia, importante entreposto comercial, remete à presença de agricultores japoneses nesta área, que passaram a cultivar a batata como produto principal de vendas na década de 1920 (PETRONE, 1963, p. 163). A Cooperativa foi, pouco tempo após sua criação, estabelecer-se próxima ao Mercado de Pinheiros, o que demonstra a importância da presença nipônica na região, tanto para o comércio, quanto para a paisagem em construção.

<sup>78</sup>Imagem disponível em: <[https://www.researchgate.net/figure/Figura-2-Antigo-Mercado-dos-Caipiras-anos-1910-Fonte\\_fig2\\_314293058](https://www.researchgate.net/figure/Figura-2-Antigo-Mercado-dos-Caipiras-anos-1910-Fonte_fig2_314293058)>.

O Mercado dos Caipiras (também conhecido como Mercado de Pinheiros), fundado em 1910 em Pinheiros, é um marcador paisagístico importante, que reitera a forma pela qual a paisagem da região estava sendo modificada. O Mercado ficava entre as ruas Teodoro Sampaio e Cardeal Arcoverde, próximo ao Largo da Batata e atendia tanto os moradores do bairro como pessoas de regiões próximas, o que demonstra como Pinheiros se localizava enquanto região de comércio:

O Mercado, inicialmente, comercializava seus produtos somente por atacado, canalizando a oferta de gêneros agrícolas trazidos de além-Pinheiros e suprindo a população do próprio bairro e de bairros vizinhos como Jardins e Vila Madalena, mas servindo também como entreposto para distribuição de alimentos a outras áreas da cidade de São Paulo (CALDEIRA, 2013, p. 04).

As grandes vendas (casas onde se encontrava toda sorte de produtos, como no Mercado) eram alvo de clientes de diferentes regiões rurais, como Cotia, Ibiúna, Piedade, M'Boi, Carapicuíba, Itapecerica, São Roque, Taboão e Pirapora:

[...] em Pinheiros o morador das áreas rurais encontrava gêneros que não produzia, além de produtos manufaturados. O Mercado de Pinheiros constituía-se no único centro verdadeiramente atacadista onde, segundo a expressão da época, “comerciava-se no grosso” (PETRONE, 1963, p. 151).

O Mercado dos Caipiras era abastecido de maneira penosa, por meio de carros de boi, carroças, lombo de burros e a pé (JORGE, 2010, p. 14). Como era um mercado extremamente importante para a região e arredores, realizar o abastecimento era um problema. A ausência de um sistema ferroviário em Pinheiros (além de não colaborar para o processo de industrialização na região e fazer com que seus principais produtos fossem relacionados à agricultura, pecuária e produção cerâmica<sup>79</sup>) não auxiliava na transposição de produtos alimentares e manufaturados (ibid., p. 13). É por este motivo também que a população, logo que as obras de asfaltamento se deram na região, aproveitaram-se das rodovias e avenidas. Eram os caminhões que traziam as cargas pesadas de regiões circunvizinhas para serem vendidas no Mercado de Pinheiros, e que se tornariam o grande meio de transporte<sup>80</sup> dos habitantes da localidade.

As vias marginais expressas, como a Marginal Pinheiros, eram uma forma de melhorar o trânsito e desafogar o tráfego intenso que se dava nos horários de pico (SEABRA, 1987, p. 08). O acesso via asfalto também colaborou para um boom

---

<sup>79</sup>Uma grande parte dos comerciantes em Pinheiros eram louceiras, fato que demonstra a relevância do barro presente nas margens do rio Pinheiros como importante fonte de renda para a população local.

<sup>80</sup>A imprensa pinheirense apresenta, ao longo de suas diferentes publicações, o exacerbado comércio de produtos automobilísticos (PETRONE, 1963, p. 152), pois para trazer as mercadorias os moradores acabaram desfrutando mais dos caminhões do que dos trens.



imobiliário na região, (REALE, 1982, p.63) atraindo mais pessoas e mais comércios, fazendo com que futuramente o bairro se tornasse um dos polos comerciais mais importantes de São Paulo. Sapatarias, açougues, padarias, ferragens, louças, artigos domésticos e instrumentos agrícolas são exemplos dos comércios que passaram a existir em Pinheiros durante as primeiras décadas do século XX (AMARAL, 1969, p. 76).

Além do Mercado de Pinheiros, outras edificações, instituições e obras demonstram a influência dos projetos de urbanização na região, como a Sociedade Hípica Paulista. Fundada na década de 1920, a Hípica inaugurou um movimento típico que acontecia no centro da cidade: o esporte como forma de lazer. A transferência da Faculdade de Medicina (REALE, 1982, p. 88) também foi um marco importante para o aumento do prestígio do bairro. A luz elétrica chegou em 1915 e a água encanada somente em 1929. Pinheiros também possuiu, desde o início do século XX, uma imprensa muito presente e atuante. Diversos jornais com inúmeras tiragens sempre exaltavam a região (de maneira inclusive ufanista), que só foi considerada bairro justamente após os processos das obras públicas oriundas do planejamento urbanístico de São Paulo.

A partir do momento em que o centro urbanizador, moderno e industrial seguiu os veios que acessam Pinheiros e reproduziram obras públicas de esgoto, luz elétrica, água encanada e asfaltamento, a região passou de local afastado para parte do centro frenético e pulsante da cidade de São Paulo, sendo categorizada como bairro, um pedaço adjacente da metrópole viva. Ao se pensar na paisagem e nas impressões físicas que a presença de diferentes agentes sociais pode imprimir num dado ambiente, podemos pensar em dois marcos fundamentais em Pinheiros: a criação de ruas e avenidas e a retificação do rio Pinheiros. Enquanto local que não possuía os traços característicos de uma metrópole em expansão, Pinheiros era uma região tida como ruralizada, mas que participava ativamente do desenvolvimento que ocorria na região metropolitana. Um dos sinais mais significativos do desenvolvimento urbanístico de Pinheiros deu-se com a instalação das obras públicas na região, sendo que estas provocaram mudanças sociais, culturais e econômicas extremamente significativas para o bairro, mudanças estas que teriam um papel completamente reestruturante na organização social dos moradores.

### Capítulo III: Fotografias em Perspectiva

No presente capítulo pretendo abordar como as fotografias podem ser percebidas e utilizadas para a compreensão das mudanças paisagísticas que ocorreram em Pinheiros. As imagens debatidas e apresentadas referenciam a um processo de modificações geográficas e urbanísticas que alteraram significativamente a paisagem de Pinheiros, conferindo à região o status de bairro pertencente ao centro urbano. Dentro dos aspectos abordados nos capítulos anteriores, busco retomar como as transformações paisagísticas são procedentes de grandes planos urbanizadores, enraizados em questões nacionalistas, memoriais, progressistas, cientificistas, higienistas e modernizantes representadas nas inúmeras obras públicas que assolaram a região.

As fotos são um referencial visual forte, mas são também cristalizações de momentos da História, são a perspectiva do fotógrafo, são meio de propagação de ideais, são lembrança e memória, são o referente de um passado, reproduzem perspectivas: “*A fotografia é [...] resultante dos procedimentos tecnológicos que a materializaram. Uma fotografia original é, assim, um objeto-imagem: um artefato no qual se pode detectar em sua estrutura características técnicas típicas da época em que foi produzido*” (KOSSOY, 2014, p. 45).

As possibilidades das fotografias vão além do que elas mesmas nos mostram e cabe ao historiador atribuir a esse tipo de fonte seu propósito de existência, seu meio de produção, seus caracteres, usos e metáforas. A riqueza das imagens analisadas representa perspectivas de dois olhares diferentes: o dos fotógrafos profissionais que pretendem registrar o avanço das obras públicas (profissionais que trabalharam para a Prefeitura Municipal de São Paulo e para a Light e que, posteriormente, compuseram as coleções do Arquivo Histórico de São Paulo e da Fundação Energia e Saneamento) e o fotógrafo amador que pretende registrar os lugares, pessoas e eventos que constituíam Pinheiros: Raul Goldschmidt (que produziu as fotos pertencentes à coleção do Esporte Clube de Pinheiros e da Biblioteca Álvaro Guerra).

Como o enfoque dessa pesquisa é a construção e a transformação da paisagem no bairro de Pinheiros, meu recorte das fontes baseou-se em abarcar as mudanças geográficas que aconteceram nos espaços públicos. Se as fotos do fotógrafo amador (Raul Goldschmidt) têm caráter pessoal, memorial, afetivo e particular, as fotografias dos diferentes profissionais que trabalharam para a Prefeitura Municipal de São Paulo tem caráter profissional, objetivo e público. As imagens em questão são oriundas de motivos

diferentes, perspectivas opostas e, ainda assim, conversam com fluidez, pois é na contraposição dos olhares vindos dos fragmentos temporais e espaciais das fotografias que é possível constituir, visualizar e entender o movimento maior que foi a expansão da malha urbana paulistana.

### 3.1 FOTOGRAFIAS: USOS, FUNÇÕES E PERCEPÇÕES

A fotografia, desde seu advento, foi caracterizada de diferentes maneiras. Enquanto referente visual a fotografia pode ser vista como iconografia ou iconologia. Para Erwin Panofsky, a diferença entre estas duas possibilidades se insere na simbologia destes termos. Se iconografia é o referente meramente descritivo da imagem, a iconologia implica na interpretação desta. No entanto, ambas definições constituem a análise técnica da imagem:

Iconologia, portanto, é um método de interpretação que advém da síntese mais que da análise. E assim como a exata identificação dos motivos é o requisito básico de uma correta análise iconográfica, também a exata análise das imagens, estórias e alegorias é o requisito essencial para uma correta interpretação iconológica [...] (PANOFSKY, 1979, p. 54).

Ao entender que as imagens vão além da pura descrição visual, é possível ver nelas diversas possibilidades e sentidos. Enquanto fruto do trabalho humano, a fotografia possui mensagens sgnicas: é recipiente de perspectivas do fotógrafo e é passível de interpretação pelo receptor (seja ele alguém pertencente ao tempo da produção da foto ou não), sendo a fotografia uma marca cultural de uma época, representando valores coletivos e individuais: *“A fotografia, assim compreendida, deixa de ser uma imagem retida no tempo para se tornar uma mensagem que se processa através do tempo, tanto como imagem/documento quanto como imagem/monumento”* (CARDOSO & MAUAD, 1997, p. 575).

Se as fotos podem ser vistas como marca cultural de uma época é porque na imagem reproduzida estão contidas informações sobre partes da história de um grupo social em determinado espaço e temporalidade, tais quais: aspectos do desenvolvimento urbano ou rural, trechos do cotidiano, extrato de um evento em específico, referenciais econômicos (representados através das roupas, da arquitetura, entre outros) (ibid., p. 582). Dentro das bordas da fotografia é possível notar que o ícone principal contém ícones menores e parciais, sejam elementos paisagísticos sejam elementos de outra ordem.

O enquadramento, a luz, a nitidez e tantas outras técnicas utilizadas por fotógrafos amadores e profissionais advém de usos desenvolvidos ao longo da presença e

disseminação da fotografia tanto na Europa quanto em outras partes do globo. Inicialmente as fotos tiveram um caráter muito peculiar, serviam como forma de disseminar as obras de arte e colecionar<sup>81</sup> imagens de celebridades e lugares distantes e/ou exóticos, vistas como ilustração, reprodução e instrumento de divulgação. Isto se deu porque adquirir e propagar fotografias era um meio de participar indiretamente da História (FABRIS, 1998, p. 52). Com a popularização das fotos veio uma série de aparatos materiais que a caracterizam como produto econômico-cultural típico da urbe industrializada, como álbuns, lentes, filmes, molduras, estojos, etc.<sup>82</sup> Por vezes foi atribuído às fotos um caráter democrático, tendo em vista que era financeiramente mais acessível pedir para um fotógrafo tirar uma foto do que pedir a um artista para pintar um retrato. No entanto, no Brasil, até a década de 1950, possuir máquinas fotográficas e toda a cultura material necessária para operá-las era algo mais comum entre pessoas mais abastadas (CARDOSO & MAUAD, 1997, p. 576).

Ainda assim, a fotografia era vista como um acesso mais fácil para se ter uma autoimagem. O fascínio em se ter imagens próprias vem principalmente da ideia de que as fotografias pessoais podiam ser uma extensão da pessoa na materialidade visual e tridimensional do objeto (BARTHES, 2010, p. 25), agindo como um espelho imutável, onde as pessoas podiam existir de maneira atemporal e, conseqüentemente, imortal (KOSSOY, 2014, p. 123). As fotos se popularizam porque glorificam a visão de si, são um culto a auto percepção. Ao passo em que era utilizada como auto referência visual, a fotografia também era utilizada como aparato tecnológico e científico, sendo largamente utilizada pela ciência criminal e pela perícia investigativa das polícias (FABRIS, 1998, p. 56). A rápida aceitação (em meio a tantos aparatos tecnológicos na urbe) da fotografia é uma forma de perceber como boa parte da população que habitava as mais diversas

---

<sup>81</sup>A ideia de se formar e colecionar objetos é milenar na história humana, sendo o ato de colecionar carregado de diferentes significados, dependendo de seu tempo, espaço e sociedade: “*Estudiosos do colecionismo creem que recolher aqui e ali objetos e ‘coisas’ seja como recolher pedaços de um mundo que se quer compreender e do qual se quer fazer parte ou dominar. Por isso é que a coleção retrata, ao mesmo tempo, a realidade e a história de uma parte do mundo, onde foi formada, e, também, a daquele homem ou sociedade que a coletou e a transformou em ‘coleção’*” (SUANO, 1986, p. 12).

<sup>82</sup>A popularização e venda destes produtos deu-se, dentre outros motivos, com o acesso às máquinas fotográficas mais baratas no fim do século XIX. Para compensar o fato de que os fotógrafos profissionais já não eram tão requisitados, os estúdios optam por reingressar no mercado consumidor através da venda destes objetos (LIMA, 1998, p. 66). A ideia de o indivíduo ser capaz de registrar imagens sem a necessidade de um profissional auxiliando-o popularizou-se no século XXI, com a criação de celulares com câmeras fotográficas embutidas, sendo que (de 2012 para os dias de hoje) os celulares produzem imagens em alta resolução e qualidade, permitindo, inclusive, que os aparatos relativos à revelação de fotografias não sejam tão necessários, pois as pessoas são capazes de criarem álbuns particulares e publicarem-nos nas redes sociais. Além da televisão, dos jornais, dos livros e do cinema, as pessoas são capazes de acessar imagens e publicá-las via celular pelas câmeras que registram e pelo acesso à internet.

idades estava aberta à ideia da tecnologia advinda da indústria e à chegada das máquinas em suas regiões (ibid., p. 47).

Além de seus usos pessoais e científico-criminais, as fotos também serviram como veículo de propaganda e como instrumento ideológico<sup>83</sup>, sendo participantes ativas no mercado publicitário e editorial, pois é pela imprensa jornalística que as fotografias encontram repercussão infindável. As máquinas Kodak, introduzidas no mercado fotográfico em 1888, popularizam o uso deste tipo de imagem, tornando o fotógrafo profissional dispensável.

A câmera foi inventada por Fox Talbot em 1839. Apenas trinta anos depois de sua invenção como uma engenhoca para a elite, já estava sendo usada para arquivos de polícia, relatos de guerra, reconhecimento militar, pornografia, documentação enciclopédica, álbuns de família, cartões-postais, registros antropológicos (frequentemente, como no caso dos índios nos Estados Unidos, acompanhados de genocídio), moralização sentimental, sondagens curiosas [...], efeitos estéticos, reportagens e retratos formais. A primeira câmera popular barata chegou ao mercado pouco tempo depois, em 1888. A velocidade com que se identificaram usos possíveis da fotografia é certamente uma indicação da aplicabilidade profunda e central no capitalismo industrial (BERGER, 2017, p. 74).

Junto com a disseminação das máquinas fotográficas os cartões postais surgiram como uma compra comum entre as pessoas das mais diferentes classes sociais. Foi através do consumo destes cartões que a fotografia se popularizou ainda mais. As vistas pitorescas, urbanas, rurais, diferentes ou familiares provocavam interesse agudo por pessoas de dentro e de fora da região registrada (LIMA, 1998, p. 77). No Brasil, ao contrário da Europa, os anúncios relativos às fotos a colocavam no mesmo patamar das artes, criando uma transição entre tipos de imagem e intuindo à essa tipologia imagética um caráter refinado, polido. Agindo como importante veículo de divulgação e como souvenirs de determinados lugares, os cartões postais educavam visualmente o brasileiro (e o estrangeiro) sobre o próprio país, sendo a fotografia incorporada ao cotidiano da cidade (ibid., p. 75).

A popularização dos cartões postais se deu devido às possibilidades de reprodutibilidade da imagem. As fotografias, como foi comentado anteriormente, atuaram como veículo de informação de lugares, textos, esculturas, etc., que muitas pessoas

---

<sup>83</sup>Enquanto instrumento ideológico, as fotografias foram utilizadas como veículo de propagação das ideias modernizadoras, como ao retratar as obras públicas realizadas nas grandes cidades de maneira enaltecida (FABRIS, 1998, p. 58). As imagens propagadas por Militão de Azevedo no século XIX, por exemplo, tinham como um de seus principais intuítos justificar as intervenções urbanísticas, reiterando a ideia de progresso, fazendo com que imagens do urbano se tornassem um gênero fotográfico (LIMA, 1998, p. 70).

conheciam através de descrições, mas não conheciam visualmente. Ainda que fossem reproduzidas através de outros meios, as obras de arte, de uma maneira geral, não eram reproduzidas com a rapidez e eficiência com que foram propagadas as fotografias (BENJAMIN, 1983, p. 11).

A reprodução em massa de referências visuais das mais diversas origens não deve ser obstáculo para se reconhecer aspectos variados que caracterizam de maneira distinta a imagem em análise. São as pequenezas dentro do aspecto macro da imagem que guardam o referencial autoral do produtor da fonte iconográfica. Este trabalho minucioso, de incutir à fotografia uma análise iconológica, é o que permite ao analista encontrar características únicas do tempo, espaço, enquadramento e ideologia oriundos do fotógrafo e presentes na foto. São os ícones presentes no documento que localizam e guiam o analisador para identificar os atributos da fonte (GINZBURG, 1989, p. 145). As ações (muitas vezes inconscientes) das pessoas apresentam perspectivas únicas de suas visões de mundo. Assim como os fotógrafos, que por vezes tinham uma intencionalidade ao tirar uma foto e, juntamente com esta intencionalidade, acabavam por retratar tantas outras de maneira inconsciente, fazendo com que a fotografia seja um duplo testemunho: além de referenciar uma cena do passado, ela também nos fala sobre aquele que a produziu (KOSSOY, 2014, p. 54). A presente pesquisa não analisa retratos pessoais ou de figuras históricas, mas sim a paisagem, um objeto inanimado e, ainda sim, extremamente vivo.

A multidimensionalidade da paisagem é, portanto, tanto um processo humano conectado às tradições orais e à transmissão de histórias, quanto um processo que aconteceu por causa das moléculas que se desintegraram na cultura material, por causa do vento e da chuva que golpearam e modificaram os monumentos. Não é um ou o outro: a paisagem é ambos (HORN & WOLLENTZ, 2018, p. 121 – 122).

A foto e seu conteúdo são *objetificados* dentro da perspectiva do fotógrafo: “*Observei que uma foto pode ser objeto de três práticas (ou de três emoções, ou de três intenções): fazer, suportar, olhar*” (BARTHES, 2010, p. 20). Para Barthes o fazer é uma ação do fotógrafo, suportar é uma ação do referente fotografado e o olhar cabe ao espectador, que acessa o produto final do processo e do próprio ato de registrar. A foto é, antes de tudo, aquilo que representa e de certa forma emociona o espectador e seu olhar (ibid., p. 34). A emoção advinda do observador pode ser curiosidade, espanto, interesse e, principalmente, memória. Se a relação é memorial ela implica no afeto que o observador experimenta ao rever imagens familiares, imagens que remontam a uma época vivida e passada, distante do presente (KOSSOY, 2014, p. 172).

A fotografia é um instante passado eternizado em sua captura pela máquina que o registrou, e por isso foi tida muitas vezes como uma fonte incontestável da verdade, como testemunho do evento histórico, pensamento este oriundo da escola positivista do século XIX (ibid, p. 116)<sup>84</sup>. No entanto, a fotografia, ou os conjuntos de fotografias, não tem o poder em si própria de reconstituir os fatos do passado, ela apenas congela um fragmento de um instante de vida das pessoas, de coisas e da paisagem. É a perpetuação de um momento, é a cristalização do vivido (ibid., p. 172). Cabe ao intérprete das fotos entender as possibilidades da imagem fotográfica enquanto parte do descontínuo de um momento passado, como uma riqueza material que referencia processos culturais (MILLER, 1998, p. 03), pois perceber a foto apenas como um momento visual do passado é diminuir toda a riqueza que existiu em sua construção processual e cultural.

Por ser um construto de um processo de técnicas que acarretaram em sua fabricação, a fotografia pode ser identificada no tempo de acordo com a tecnologia empregada para sua produção, sendo que a tipologia técnica implica num recorte temporal específico de produção do artefato visual. São diversas as tríades apresentadas por Boris Kossoy para entender e discutir as potencialidades da fotografia enquanto produto de um processo tecnológico (KOSSOY, 2014, p. 41):

- Assunto, Fotógrafo e Tecnologia
- Intenção, Registro e Recepção
- Espacial, Cultural e Presencial

Ao conhecer a história particular das fotos, o intérprete consegue ultrapassar o descritivo visual da imagem. Ao incutir às imagens os mais diferentes significados oriundos de diversos processos (econômicos, técnicos, culturais, sociais, políticos, etc.), é possível entender a fotografia e os aparatos que a produzem como um processo, como o *meio* e não somente como o *fim* do processo tecnológico em si (MILLER, 1998, p. 05). “A fotografia é o processo de tornar a observação consciente de si mesma” (BERGER, 2017, p. 38). O momento fotográfico no qual o agente registra o evento é um momento biográfico e histórico, cuja duração pertence ao tempo de uma vida (ibid., p. 69), sendo que tudo aquilo que o fotógrafo resolveu *não* incluir em seu registro é também parte do registro em si (ibid., p. 95).

---

<sup>84</sup>Quando utilizada para comprovar algo, a fotografia adquire caráter *incriminatório*, podendo ser utilizada por um Estado como forma de vigiar e controlar a população, como acontece em governos autoritários. As fotografias são veículo passível de omissão e censura, sendo que as pessoas que as publicam as manipulam. Ou seja, a foto pode ser utilizada para iludir e desinformar, podendo também, dependendo de seu registro, chocar, paralisar, amedrontar e anestesiar (SONTAG, 1986, p. 28).

Os usos da fotografia se problematizam no final do século XX quando a imagem ultrapassa o texto. Foi durante o período entre guerras (1919 – 1939) que, com a dominância do fotojornalismo, as palavras passaram a acompanhar a foto, e não a foto a ilustrar a matéria, como se as fotografias substituíssem a palavra, a escrita (até então tida como testemunha imediata) e fossem vistas como um acesso imediato e direto ao que é de fato real (ibid., p. 75).

Mais popularizada do que nunca, a fotografia encontra novos limites e possibilidades: a câmera fotográfica surge como um alívio para a memória, sendo possível utilizá-la para se registrar todo e qualquer evento não precisando contar com a memória apenas (ibid., p. 80). Tirar uma foto passou a ser, no início da segunda metade do século XX, um mero reflexo e não mais um ritual, fazendo com que o ato de colecionar fotografias em grande quantidade fosse a forma mais prática de preservar eventos e relações. Para as pessoas que fotografam frequentemente, o ato de fotografar torna-se divertimento, não é vista como arte, mas sim como uma defesa contra a ansiedade e um instrumento de poder (SONTAG, 1986, p. 18). As imagens aqui analisadas, principalmente as oriundas da família Goldschmidt, podem ser vistas dessa maneira, tendo em vista que Raul Goldschmidt registrou quase 600 fotos no espaço de duas décadas, quantidade surpreendente para a época. As fotos nos permitem transformar e ampliar nossas noções daquilo que vale a pena olhar e de tudo o que pode ser observado (ibid., p. 13). Ao colecionarmos as mais diversas imagens colecionamos o mundo, seja ele particular ou público. Porque a foto é um objeto leve, barato, fácil de transportar, acumular e conservar, esta torna-se um alvo de interesse muito grande.

Ao viajar as pessoas passam a desenvolver estratégias para acumular as fotografias. Se antigamente o fotógrafo amador deveria carregar-se de baterias, rolos de filmes, álbuns portáteis e tantos outros artefatos, atualmente as pessoas se utilizam de carregadores celulares com cabo USB, pendrives, pastas e arquivos online, sempre buscando conseguir maneiras e espaços para aumentar o volume de fotos. Quando viajamos para locais desconhecidos e nos sentimos desorientados, a fotografia nos localiza não somente no tempo e no espaço, como também funciona como receptora da memória, sendo que o cérebro pode ocupar-se de se acostumar com as novas referências espaciais, geográficas e paisagísticas. Ao retornarmos de viagem, usamos as fotos tiradas não somente como referente visual, espacial, geográfico, cultural e memorial como também como prova física de que fomos a tal lugar (SONTAG, 1986, p. 20).



As câmeras são propagadas por diferentes empresas como um aparato facilmente utilizado, como se a máquina funcionasse praticamente sozinha (ibid., p. 23). Para as famílias que se utilizam das fotografias em grande quantidade, estas se tornam parte da identidade familiar. Se os pais de uma criança tiram várias fotos de seu filho e as guardam com cuidado e carinho, são vistos como pais atenciosos e amorosos. Com as mudanças radicais na instituição familiar durante o século XX, a fotografia atua como forma de integrar os membros da família e relembra-os de pessoas distantes e próximas do núcleo familiar (SONTAG, 1986, p. 18). É a nostalgia da experiência vivida que caracteriza a fotografia como uma referência cultural, é no ato de fotografar que participamos da mortalidade, da vulnerabilidade, da mutabilidade daquilo que é registrado (ibid., p. 24).

As sociedades industriais transformaram seus cidadãos em viciados em imagens, provocando uma possível poluição mental. A experiência é transformada em imagem<sup>85</sup>, fazendo com que o próprio ato de ter uma experiência seja o mesmo que fotografá-la, com que participar de um evento público equivalha-se a fotografá-lo: *“Mallarmé, o mais lógico dos estetas do século XIX, disse que tudo o que existe no mundo existe para vir a acabar num livro. Hoje em dia, tudo o que existe, existe para vir a acabar numa fotografia”* (ibid., p. 31 – 32). Enquanto fenômeno mundial, a fotografia tanto do presente quanto do passado deve sempre estar em voga, deve sempre ser passível de análise. Não devemos usar as fotos apenas como mera representação visual, devemos entendê-las em seus possíveis usos, funções e percepções em diferentes tempos e espaços, buscando enxergar neste fragmento cultural um panorama maior que, no caso das fontes aqui analisadas, faziam parte das mudanças paisagísticas advindas das obras públicas da cidade modernizante.

### 3.2 PINHEIROS EM CONSTRUÇÃO

Ao olharmos as encostas vazias, com profundas voçorocas, das velhas regiões cafeeiras; os campos arredondados da Bretanha, com suas elipses em torno de um castelo com caminhos que vão dar no bosque; as vastas florestas de castanheiras da Amazônia; o fantástico perfil das megalópoles ou os campos

---

<sup>85</sup>É possível perceber esta noção com a perpetuação do Instagram, em que as pessoas se comunicam essencialmente através de fotografias digitais. O Instagram é uma rede social visual criada em 2010 onde o usuário pode postar fotos e vídeos de curta duração, aplicar efeitos e interagir com publicações de outras pessoas através de comentários e curtidas, sendo que o número de seguidores contribui para a visibilidade do perfil. As hashtags que acompanham as poucas palavras descritivas servem como um mecanismo de busca das publicações. Esta plataforma permite que o usuário edite suas fotos trabalhando com iluminação, filtros, recorte, cores, etc.: é a autossuficiência fotográfica na forma de um aplicativo. Usado por empresas, pessoas físicas e inclusive como instrumento de marketing, o Instagram é uma das redes sociais mais populares do mundo. Seu símbolo, apesar de todo o aparato tecnológico tão presente em sua proposta, é justamente uma representação de uma câmera Polaroid.

de cereais do Meio-Oeste norte-americano, pontilhados de granjas, vemos sempre o resultado da ação do homem (SILVA, F., 1997, p. 297).

A paisagem, enquanto conceito carregado de sentidos e significados, é apresentada e problematizada ao longo desta pesquisa como uma construção das relações socioeconômicas em relação ao ambiente ocupado, sendo percebida como um construto carregado de informações sobre determinada sociedade. Abordei, dentro do tempo longo, os atributos ocupacionais de Pinheiros e sua transformação em bairro, em braço estendido da metrópole modernizante. Com a construção de inúmeras obras públicas, Pinheiros foi se caracterizando de uma maneira totalmente nova, com grandes referenciais geográficos ressignificados e modificados. As fotografias aqui apresentadas não serão analisadas de acordo com as características físicas que compõem sua materialidade, pois as coleções de que me utilizei estão todas digitalizadas. No entanto, infiro a estas uma problemática que vai além do mero referente visual: ao contextualizar espacialmente, temporalmente, economicamente, culturalmente e socialmente as fotos, retiro-as do lugar de visão e as coloco no lugar de percepção.



(Imagem 09: Confluência dos rios Tietê e Pinheiros, mostrando 'descobertas' e olhando-se em direção a Osasco, sem data)

Na Imagem 09<sup>86</sup> é possível perceber como a paisagem construída até então mantinha grande parte da estrutura original do rio<sup>87</sup>. Apesar de diferentes grupos indígenas terem ocupado Pinheiros desde muito antes da invasão portuguesa, ou mesmo depois que europeus e africanos também ocuparam essas terras, as mudanças paisagísticas não implicavam na reestruturação impactante de referenciais geográficos como aconteceu com a retificação do rio Pinheiros e com a construção das vias marginais. Nessa fotografia o rio faz parte de um momento histórico que representa séculos de usos e ocupações, e que, mesmo assim, mantinha suas características primordiais. A foto apresenta um referencial paisagístico muito conhecido pelos pinheirenses, um rio que fazia parte de seus cotidianos. A própria constituição geográfica do rio Pinheiros era ponto de referência e de localização para os moradores:

O Rio Tietê e o Rio Pinheiros circundavam a cidade de São Paulo em movimentos lentos, preguiçosos, por longos e sinuosos leitos repletos de meandros; essas formas traduziam o longo processo de natureza geofísica de formação das planícies aluviais, identificadas como várzeas ou vargem no senso comum. Como sendo bastante vastas, sobre elas estes rios faziam e refaziam seus leitos deixando, entre uma e outra cheia, meandros abandonados formando lagoas em semicírculos (SEABRA, 1987, p. 01).

Nos rios a pesca, natação, remo, navegação, coleta d'água, extração de barro eram todas atividades que inferiam às águas usos rotineiros e práticas seculares. A foto acima representa, em sua própria existência, um passado que já não existe mais, o passado de uma região com ares interioranos. Mas esses ares rurais não eram aquilo que constituiria o Brasil como uma potência a ser respeitada, presente no processo industrializante mundial:

---

<sup>86</sup>Imagem pertencente ao acervo digital da Fundação Energia e Saneamento, Classificação: [ELE.CEI.SDM.011.008]. O suíço Guilherme Gaensly (1843 – 1928) mudou-se para Salvador, Bahia, com sua família aos cinco anos de idade. Começou sua carreira como fotógrafo em 1871, destacando-se como retratista e fotógrafo de paisagens urbanas e rurais. Abriu uma filial em São Paulo em 1882 tornando-se o fotógrafo mais publicado em postais no Brasil. Gaensly foi o autor de uma abrangente obra sobre a capital paulista nas primeiras décadas do século XX e, junto com Militão Augusto de Azevedo (1837 – 1905), são considerados os fotógrafos que mais cultuaram São Paulo. Em 1899 a empresa The São Paulo Railway, Light and Power Company o contratou como fotógrafo oficial, sendo que Gaensly trabalhou na Light até 1925, três anos antes de sua morte. Com imagens de grande formato (negativos em vidro 24 x 30cm), passou a documentar os trabalhos da empresa produzindo registros das transformações urbanas de São Paulo causadas por obras de implantação de linhas de bonde elétrico, de iluminação pública, imagens de casas de máquina e interiores de oficinas de manutenção, além de fotografias da construção de barragens e das hidrelétricas da Light no estado. Informações retiradas do site da Brasileira Fotográfica. **BRASILIANA FOTOGRAFICA, São Paulo sob as lentes do fotógrafo Guilherme Gaensly (1843 – 1928)**, 2017. Disponível em: <<http://brasilianafotografica.bn.br/?tag=light>>. Acesso em 15/12/2018. Mesmo que não tenha fotografado a Imagem 09, como o suíço influenciou muito as perspectivas dos outros fotógrafos que trabalharam para a Light, julguei importante apresentá-lo brevemente.

<sup>87</sup>A ferrovia que passa por cima do rio, conhecida como Sorocabana, é uma referência clara das mudanças paisagísticas pelas quais o próprio rio estava começando a passar. No entanto, ela ainda não descaracteriza o referencial geográfico do rio, não o adultera de maneira que o torna irreconhecível.

A retificação do Tietê e do Pinheiros, a partir de certo momento, parece ter sido uma necessidade histórica em face da centralidade de São Paulo no processo geral de modernização da área identificada por Brasil de sudeste. Responder às demandas de tal processo implicou em decisão política para empreendê-la, em recursos financeiros e em capacidade científica e técnica (ibid., p. 01 – 02).

Hoje a Imagem 09 representa um passado que já não atingimos mais em nossas memórias, pois pertence a grupos extintos. Hoje essa fotografia é a cristalização de um passado desconhecido, parte de uma memória que deve ser resgatada, como a memória dos usos e funções das águas em São Paulo. Para os fotógrafos da Light (cujas imagens compõe a coleção fotográfica da Fundação Energia e Saneamento), porém, é provável que a imagem representasse uma possibilidade de construção, o antes de um projeto a ser iniciado. As águas aqui podem ter sido vistas enquanto potencial e fonte de energia elétrica, nota-se esse apontamento na própria legenda (que foi baseada em informações fornecidas pelo arquivo da Fundação), em que a confluência de dois dos principais rios de São Paulo é notada, apresentada, especificada. A ideia de “mostrar descobertas” também pode implicar nas questões discutidas acima, a ideia de que aquela era uma área potencial para a implementação de um novo projeto e/ou empreendimento urbanístico. Ou talvez essa terminologia se refira ao fato de que imagens amplas e aéreas de Pinheiros não eram tão comuns no início do século XX e, ao fotógrafo ter uma visão aberta da região, a sensação fosse de uma descoberta, um achado.



(Imagem 10: Avenida Marginal do Rio Pinheiros. À esquerda em direção a Santo Amaro. Ao fundo à direita em direção ao Jockey Clube, 1969)<sup>88</sup>

Quando comparadas, as Imagens 09 e 10 causam estranhamento. De forma alguma lembram o mesmo lugar. O rio Pinheiros na Imagem 09 aparece como uma referência iconográfica campestre, com ares interioranos, rurais. Já na Imagem 10, o rio Pinheiros é o rio que flui de acordo com os carros, é o rio modernizado, controlado, domesticado. É um rio industrial, obediente, sem curvas tortas, ele é reto e acompanha o fluxo pulsante da cidade urbanizada. Suas margens naturais feitas de terra foram substituídas por concreto, num design reto, duro. As margens eram caminhos por onde passavam cavalos, mas agora viraram uma marginal na qual correm carros em alta velocidade. A altura dos pinheiros foi substituída pela altura dos edifícios. Esta fotografia apresenta o grande sucesso do empreendimento urbanístico, o ápice da evolução humana e seu domínio e controle sobre a natureza. Ela cristaliza um projeto de urbanização moderno. Pinheiros era, oficialmente, bairro de São Paulo. A esmagadora maioria das fotografias do Arquivo Histórico mostram com frequência o sucesso empreendedor da

---

<sup>88</sup>Imagem pertencente ao acervo digital do Arquivo Histórico de São Paulo, Classificação: DC/0002591/B.

cidade urbanizada, cuja coleção não possui imagens do bairro de Pinheiros antes das obras públicas, apenas imagens durante e depois das construções. Este é um apontamento importante, pois demonstra a intencionalidade do fotógrafo e a tipologia fotográfica escolhida para ser preservada pela instituição. Enquanto registro cristalizado do passado e, portanto, enquanto referencial memorial, as referências visuais de Pinheiros para a Prefeitura de São Paulo são aquelas da região já transfigurada em bairro: é exatamente como analisado nesta imagem, é o bairro de Pinheiros civilizado, urbanizado, asfaltado, controlado, braço da cidade. Esta imagem, tida como um dos marcos temporais desta pesquisa, é o ápice da transfiguração pela qual o bairro passou. A Imagem 10 representa o fim de uma construção paisagística que se iniciou com a ocupação indígena e culminou com as obras públicas no então bairro. Ao final da década de 1960, Pinheiros era outro lugar, ocupado por novos agentes e passível de diferentes significações. Assim, as avenidas e marginais são registradas com o intuito de mostrar seus longos comprimentos, com o asfalto novo e liso levando os carros pelo antigo caminho para a zona sul do município.

O rio Pinheiros sofreu imensas modificações, fazendo com que todas as características que o compunham fossem alteradas para sempre: o rio passa a correr em sentido contrário, tem sua extensão reduzida em 20km, sua fauna aquífera é extinta, suas curvas são retificadas e sua poluição, advinda não só de esgoto, mas de produtos químicos, transforma o odor de suas águas, colaborando para o fim da cultura dos usos das águas em Pinheiros.

Os projetos de canalização de rios e córregos da cidade, que foram construídos, não consideraram um sistema de navegação fluvial urbana. As avenidas marginais e uma ferrovia na margem do Pinheiros, foram construídas próximas dos canais, não reservando área para a implantação de parques lineares fluviais; o caráter de vias expressas de trânsito intenso e pesado afasta a possibilidade de existir habitação e vida urbana beira rio (DELIJAICOV, 1998, p. 84).

As inúmeras alterações feitas pela Prefeitura de São Paulo no rio Pinheiros são parte do processo de construção das usinas hidrelétricas, que tinham como intuito gerar luz elétrica para o bairro. As várzeas são aterradas para darem lugar às vias de transporte do automóvel e os córregos e bicas são canalizados com o intuito de se controlarem as enchentes. O rio, agora retificado, se constitui enquanto pedaço de uma cidade urbanizada e moderna. O fotógrafo da Imagem 10, ao refletir sobre o ângulo da foto, não registrou apenas a marginal, mas também o rio, correndo ‘sob controle’ ao lado. É interessante notar o sentido que os carros correm na foto, eles seguem o antigo caminho para Santo

Amaro, caminho que localizou Pinheiros enquanto ponto de conexão importante em São Paulo. As marginais, agora asfaltadas, interligam as regiões de maneira mais eficiente, organizada, propiciam um acesso facilitado entre regiões. O rio, outrora utilizado como importante recurso transportador, se torna obsoleto.

Os processos de retificação do rio de Pinheiros provocaram mudanças paisagísticas enormes. Uma das principais consequências das diversas alterações aquíferas foram as enchentes. Em 1929 a maior enchente da cidade de São Paulo assolou Pinheiros fazendo com que casas fossem totalmente destruídas, pessoas perdessem suas vidas e, aquelas que sobreviveram, ficassem isoladas do contato com outras regiões (REALE, 1982, p. 94 – 95). Ainda que enchentes em Pinheiros fossem mais imprevisíveis do que em outras regiões da malha metropolitana de São Paulo (ZANETTINI & SOUZA, 2012, p. 59), os moradores foram pegos de surpresa pela grande inundação de 1929. Ou seja, mesmo desejosos pela chegada e construção de diferentes obras públicas no bairro, os pinheirenses sentiram as transformações de maneiras muitas vezes bruscas.



(Imagem 11: Construção de galeria pluviométrica ou de esgoto, 1940/1950)<sup>89</sup>

---

<sup>89</sup>Imagem pertencente ao acervo digital do Arquivo Histórico de São Paulo, Classificação: DC/0001263/B.

A forma como o fotógrafo da Prefeitura Municipal de São Paulo registrou o processo dessa obra na Imagem 11 é peculiar. Os postes de luz e as casas compõem o quadro do moderno instalado, da obra pública bem-sucedida, da intervenção do poder público. Enquanto que o material no canto inferior direito e a terra revirada sugerem um projeto iniciado, quase como se essa fotografia compusesse em seus quatro cantos uma visão do durante e depois, em que o restante da paisagem já modificada fosse o resultado do sucesso de projetos anteriores. Talvez a fotografia tenha sido produzida para mostrar o contínuo da cidade urbanizada, para mostrar um bairro que estava por vir. A imagem cristaliza a representação de um ideal de *modernidade*. As casas, que antes possuíam entradas maiores, agora recuam ao avanço da rua, fazendo com que haja um contato direto com as vias de acesso à rua em si. Os vastos jardins que antes compunham as laterais das casas<sup>90</sup> agora são extintos, é o asfalto que corre a rua, que unifica todas as casas sob um único acesso. Muitas casas foram completamente derrubadas e destruídas para o alargamento de ruas e avenidas, o que mostra a preocupação com o sucesso empreendedor da metrópole. A presença do asfalto se dá também por causa dos automóveis, que precisam de uma forma mais uniforme para circular. O transporte e a moradia dos habitantes de Pinheiros já começavam a sofrer grandes alterações, constituindo-se como referenciais modernos.

---

<sup>90</sup>Ao mesmo tempo em que perderam os jardins, as novas casas que configuravam a paisagem de Pinheiros eram construídas em grandes quarteirões, fato que possibilitou a criação de grandes quintais, sendo a população que os ocupou de origem mais abastada (PETRONE, 1963, p. 113). As edificações são um marco importante no bairro, que quase não teve, em sua constituição espacial, cortiços e favelas, mesmo sendo uma região tradicionalmente ocupada por populações mais pobres.





(Imagem 12: Rua dos Pinheiros, 1969)<sup>91</sup>

As imagens analisadas nesta pesquisa possuem em suas cópias originais legendas descritivas (cujas informações foram incluídas nas legendas deste trabalho), entretanto, a partir da década de 1960, essa descrição já não é tão extensa e geralmente refere-se apenas ao nome da rua. Isso se dá porque a maioria das obras públicas que haviam se iniciado no começo do século XIX haviam, de uma maneira geral, sido completadas. Obviamente, várias outras obras de melhoria de acesso se iniciariam, como o alargamento de ruas e avenidas, novas pontes, criação de novos acessos aos bairros, etc., contudo, as bases daquilo que definia uma cidade urbanizada e moderna e, por conseguinte, uma metrópole, já haviam sido concluídas. Essa é a impressão que se tem ao observar a fotografia acima (outro marco temporal do término do ciclo de obras públicas que contextualizaram Pinheiros como bairro e não mais como região deslocada do centro urbanizado): em que os carros, caminhões e carretas circulam no mesmo espaço, em que as casas térreas são minoria e prédios altos são maioria, em que o cinza do asfalto substitui o verde das árvores e o marrom do chão de terra. Anúncios cobrem algumas paredes das edificações, os postes, que existiam timidamente no início do século, agora seguem destemidos a linha

---

<sup>91</sup>Imagem pertencente ao acervo digital do Arquivo Histórico de São Paulo, Classificação: DC/0002589/B.

do asfalto e pertencem a essa nova paisagem construída, a esse novo bairro. Em contraponto com a Imagem 11, a Imagem 12 pode ser vista como a conclusão do projeto iniciado. Em conjunção com a Imagem 09, a Imagem 12 compõe o ápice de mudança de referenciais paisagísticos em Pinheiros. É o fim de um referencial físico de memória, que passa a existir apenas na mente dos pinheirenses mais velhos. Aqueles nascidos durante ou depois das obras tomam as mudanças como algo característico de Pinheiros, são os idosos que sabem, no entanto, como o bairro era antes das transformações que agora configuram Pinheiros.

Antes do asfalto e dos carros chegarem ao bairro eram os bondes elétricos que permitiam a circulação das pessoas. A instalação dos bondes elétricos foi recebida com muita alegria pelos moradores, como foi possível observar em notícias de jornais do bairro (tal qual Folha de Pinheiros, O Bairro, O Pinheirinho, O Pinheirense, A Gazeta de Pinheiros e tantos outros jornais de curta tiragem<sup>92</sup>), pois os acessos para outras localidades, via pontes, por exemplo, eram malconservados. As pontes (que eram trampolim para as crianças se jogarem no rio, ponto de observação das lavadeiras que trabalhavam nas margens, local das lambiscarias e quituteiras que vendiam produtos feitos com a fauna dos rios, ponto de encontro e referência para os moradores e conexão secular com outras partes da cidade) constituíam uma importante referência geoespacial e cultural em Pinheiros, porém perderam espaço para outras formas de transporte.

---

<sup>92</sup>Durante minha pesquisa por fotografias do bairro me deparei com um extenso arquivo da imprensa de Pinheiros, constituído por vários jornais e recortes desde a primeira década do século XX até os dias de hoje, muito bem conservado e relativamente catalogado na Biblioteca Alceu Amoroso Lima, localizada na Rua Henrique Schaumann, número 777. Atualmente é a maior biblioteca do bairro de Pinheiros. A riqueza da imprensa pinheirense é indescritível: nela é possível perceber aspectos identitários expressos pelos moradores do bairro durante várias décadas, como páginas de reclames sobre as obras públicas ou colunas que enaltecem a história do bairro (como a coluna da Folha de Pinheiros intitulada “*Pinheiros de Outrora*”, em que as memórias de habitantes sobre o bairro no início do século XX são apresentadas de forma saudosista. As homenagens presentes nos nomes das ruas também são aclamadas nos jornais, como foi com Teodoro Sampaio, uma figura muito importante na região). Várias tiragens de diferentes jornais em diferentes momentos do processo de urbanização do bairro comentam como a instalação dos bondes foi uma grande comemoração para os habitantes de Pinheiros. Isso se dá, principalmente, devido ao fato de que a ferrovia não passava no bairro (LANGENBUCH, 1971, p. 157), e os moradores que não possuíam outra forma de transporte que não os próprios pés, ficavam exaustos de subir e descer as ladeiras, típicas da topografia da região.



(Imagem 13: Ponte sobre o rio Pinheiros – construção de ponte não identificada, 1935)<sup>93</sup>

Na Imagem 13 os postes de luz no canto superior esquerdo surgem como um contraponto moderno ao pequeno barco presente no canto inferior esquerdo: a energia elétrica, a *modernidade* vem englobando o bairro, ao passo em que a prática antiga da pesca também se encontra na perspectiva do fotógrafo. Uma outra ponte em construção feita de madeira logo abaixo da ponte feita de tijolos mostra como o ato de manter edificações públicas, como as pontes, é uma característica típica da forma de habitar com a qual os pinheirenses estavam acostumados. Essa é uma importante observação, pois, tendo em vista as inúmeras alterações paisagísticas oriundas das obras públicas, o uso de pontes no bairro surge como um hábito antigo e permanente em meio a tantas mudanças culturais e sociais advindas dos planos urbanísticos. Na concretude da materialidade desses caminhos que cruzavam os rios era mantida também parte da identidade regional dos moradores. O espaço público era, portanto, sujeito a apropriações: os moradores, ao se utilizarem das pontes, acabavam preservando parte de seus hábitos culturais em espaços partilhados.

Tendo em vista que as imagens que constituem o acervo do Arquivo Histórico de São Paulo são, em sua maioria, de obras públicas em andamento ou terminadas, é provável que a ponte de tijolos fosse sofrer alterações em sua estrutura ou até mesmo ser realocada futuramente para outro ponto de conexão. Estes caminhos ainda seriam muito

---

<sup>93</sup>Imagem pertencente ao acervo digital do Arquivo Histórico de São Paulo, Classificação: PMSP-DOV-OPu-RF, número 0169, formato: 180 x 240mm.

utilizados até o final da década de 1960. A fotografia acima pertence a uma época em que as pontes, agora feitas de tijolos, constituem o espaço público de outra maneira, tanto que os reclames em Atas da Câmara sobre as condições desses caminhos passaram a diminuir. Essa imagem de uma das pontes de Pinheiros aparece em outras fotografias, tanto do Arquivo Histórico de São Paulo quanto do Esporte Clube de Pinheiros, muitas vezes com o título: Ponte antiga de Pinheiros. Apesar de não saber a localidade dessa ponte da Imagem 13, pois esta não foi explicitada nas coleções e não existe mais na atualidade, é de se pensar que ela ligasse Pinheiros a algum ponto socioeconômico importante, por ter sido referenciada tantas vezes em coleções distintas e em fotografias com a mesma legenda. A ideia dessa ponte ser antiga também um forte indicador de sua importância, é bem provável que, apesar de ter sido reformada (como é possível ver na Imagem 13 a ponte é feita de tijolos, material resistente que havia se propagado em São Paulo no final do século XIX e no início do século XX), ela se mantivesse na mesma localidade há muitas décadas, agindo como importante referencial para os moradores e para os fotógrafos que a registrou.

As pontes, de uma maneira geral, foram substituídas aos poucos pelas grandes vias marginais e acessos asfaltados, tornando-se obsoletas<sup>94</sup>, isso se deu porque: “*A arquitetura das pontes em São Paulo tem um desenho para autoestrada, rodovia, inconveniente para o pedestre, para a cidade*” (DELIJAICOV, 1998, p. 82). Mas algumas pontes foram repaginadas com estruturas mais sólidas, como tijolos e concretos (anteriormente às essas novas obras usava-se madeira, barro e outros materiais mais ecológicos, mas também mais frágeis), como a ponte Eusébio Matoso, eleita como caminho importante em Pinheiros a partir do século XX. Várias alterações foram feitas em sua estrutura, tanto em material quanto em dimensão.

Além da ponte, cabia aos moradores da região a manutenção dos caminhos que, da beira do rio e atravessando as matas do Caaguaçu, chegavam ao centro da Vila de Piratininga. Este caminho acompanhava as terras mais altas e menos alagáveis, correspondendo à atual Rua Butantã, e depois de atravessar o Largo de Pinheiros acompanhava o traçado da atual Cardeal Arcoverde, daí seguindo pelas Estradas do Araçá e de Pinheiros, atual Rua da Consolação. Para a manutenção destes caminhos a participação dos moradores da região era feita através do fornecimento de mão de obra escrava, para execução dos trabalhos das estradas. Em 1786 a Câmara decretou a construção

---

<sup>94</sup>Como a ponte do Jaguaré, uma das mais antigas que cruza o rio Pinheiros e que hoje está abandonada. Em 2015, Stela Goldstein, diretora da Associação Águas Claras do Rio Pinheiros, planejava investir num projeto de reabsorção dessas pontes à vida da comunidade local. Sua proposta era de transformar as pontes abandonadas e cobertas pelo mato crescente em extensão de uma ciclofaixa (LOBEL, 2015).

de uma estrada que ligasse o caminho de Pinheiros aos campos de Santo Amaro, e que corresponde à atual Avenida Faria Lima. Esta estrada estendeu-se depois até a Lapa, constituindo a chamada Estrada da Boiada (hoje Avenida Diógenes Ribeiro de Lima) (REALE, 1982, p. 66).

Com a construção de usinas hidrelétricas, a luz chegou em 1915, trazendo o uso de bondes consigo. Tendo em vista que muitas das pontes encontravam-se constantemente em mau estado e que o rio Pinheiros estava sendo drasticamente alterado e não era mais tão utilizado como via de acesso e transporte, os bondes surgem como um alívio para se chegar ao centro da metrópole. A primeira linha de bonde passava pelo Largo de Pinheiros em 1909, tido como um subcentro do bairro. Várias festividades ocorriam ali, fossem religiosas, militares, festas populares, etc. A área era local de concentração do povo local, referência geográfica, espacial e cultural. É no Largo que se encontra a Igreja Nossa Senhora do Monte Serrat (hoje conhecida como Igreja do Largo de Pinheiros ou Igreja de Pinheiros), que remete à época em que Pinheiros era uma aldeia.



(Imagem 14: Largo de Pinheiros. A rua do Comércio (hoje Butantã) está à esquerda, a rua São João (hoje Paes Leme) está à direita (ver mapa 05), 1908)<sup>95</sup>

<sup>95</sup>Imagem pertencente ao acervo digital do Esporte Clube de Pinheiros, Classificação: 006104, Fotógrafo: Raul Goldschmidt.

Nota-se na imagem acima a Igreja (sem as torres) do lado inferior direito. Alguns anos depois seria construído um coreto (ver Imagem 15), seguido dos bondes. Um ano antes dos bondes chegarem, o Largo era feito de terra e poucas casas, sendo que muitos sobrados funcionavam não apenas como moradia, mas como locais de comércio (ROLNIK, 2007, p. 79). Este é um apontamento importante (tendo em vista a relevância do Largo de Pinheiros enquanto subcentro para os moradores da região), pois aponta mudanças econômicas que ocorriam tanto na região central de São Paulo quanto em regiões circunvizinhas, em que as casas passaram a possuir multifuncionalidades.

No canto inferior direito nota-se um cavalo pastando e um transeunte passando (assim como do lado esquerdo). A fotografia, enquanto breve trecho do passado capturado, parece congelar perfeitamente os ares rurais falados anteriormente. Pinheiros aparece, nesta foto, como uma região rural e tranquila, todavia, ao mesmo tempo, um longínquo poste de luz no canto superior direito indica que o progresso já alcançava o bairro. O mastro, próximo ao único pinheiro da foto, havia sido utilizado para a festa de São João. Este pinheiro solitário, próximo à edificação da igreja, parece confluir, unificar a história do bairro em sua própria existência. Esta foto, tão rotineira, parece uma poesia inconsciente: a Igreja, representando a presença europeia e católica desde o século XVI; o poste de luz, anunciando a chegada da modernização; as edificações, tidas como a concretude do tijolo feito nas olarias do bairro; os cavalos, que eram extensamente utilizados como meio de transporte (inclusive depois da chegada dos bondes); os dois homens, circulando pelo espaço conhecido e finalmente o pinheiro, a *Araucaria angustifolia*, reinando solitariamente num local que já foi de seu domínio: a árvore existe ali como último resquício da origem do nome da região, como última referência à presença de indígenas que outrora habitavam a área. O pinheiro é, na foto e fora dela, a essência do bairro.





(Imagem 15: Largo de Pinheiros com coreto doado por Amaro Cavalheiro, 1920 – 1924)<sup>96</sup>

Na Imagem 15 já possível notar as mudanças pelas quais o Largo de Pinheiros passou. Em pouco mais de 15 anos após a primeira foto apresentada essa área do bairro (ver mapa 04, em que o bairro possuía uma extensão pequena quando comparada com a extensão do mapa 03) já possui mais postes de luz, bondes, um coreto (que foi destruído em menos de 20 anos) e mais transeuntes (que pode ser apenas o fruto do acaso, mas que parece confluir com a ideia de uma metrópole em movimento). Mas o aspecto mais rico da fotografia talvez possa ser a charrete do lado direito da foto que, em contraposição ao bonde e ao chão de terra, mostra como a região ainda estava em transição entre área rural e área urbanizada:

A chegada das novidades urbanas, contudo, não significou, de imediato, o abandono de modos de vida seculares. É o caso, por exemplo, do transporte de animais. Quando o bonde chegou ao bairro, facilitando sobremaneira o transporte de passageiros, a importância da tração animal era grande. Contudo, uma novidade da São Paulo da virada do século não chegou à Pinheiros: as ferrovias [...] que garantiam transporte barato de mão-de-obra e mercadorias em larga escala (JORGE, 2010, p. 12).

A Imagem 15 faz parte de um conjunto de imagens comuns em grandes cidades do período, em que é possível perceber como a população se organizava em espaços que começavam a ser urbanizados e metropolizados. Esta fotografia captou um momento do

<sup>96</sup>Imagem pertencente ao acervo digital do Esporte Clube de Pinheiros, Classificação: 006208, Fotógrafo: Raul Goldschmidt.

mundo pré-moderno na cidade em construção. A arborização também é um fator urbanístico importante: enquanto que na Imagem 14 as árvores pertencem às propriedades e geralmente se localizam atrás das casas ou ao lado delas, na Imagem 15 as árvores estão na frente das edificações e foram plantadas pela prefeitura. Este é um apontamento importante, pois é possível ver na fotografia as influências paisagísticas do modelo urbanizador, como o Estado controla o espaço público, como o governo se apropria da paisagem em construção. E o fato de que essas alterações podem ser vistas num lugar de relevância econômica e social em Pinheiros, demonstra a potência dos planejamentos urbanísticos.

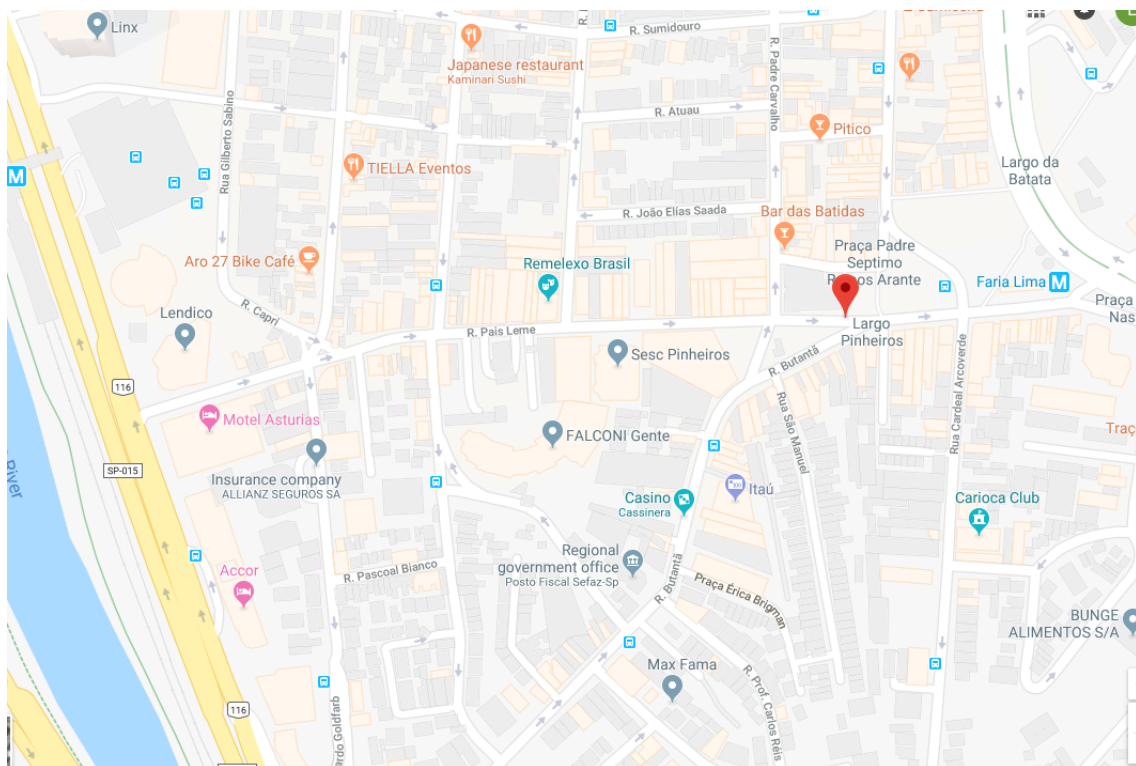
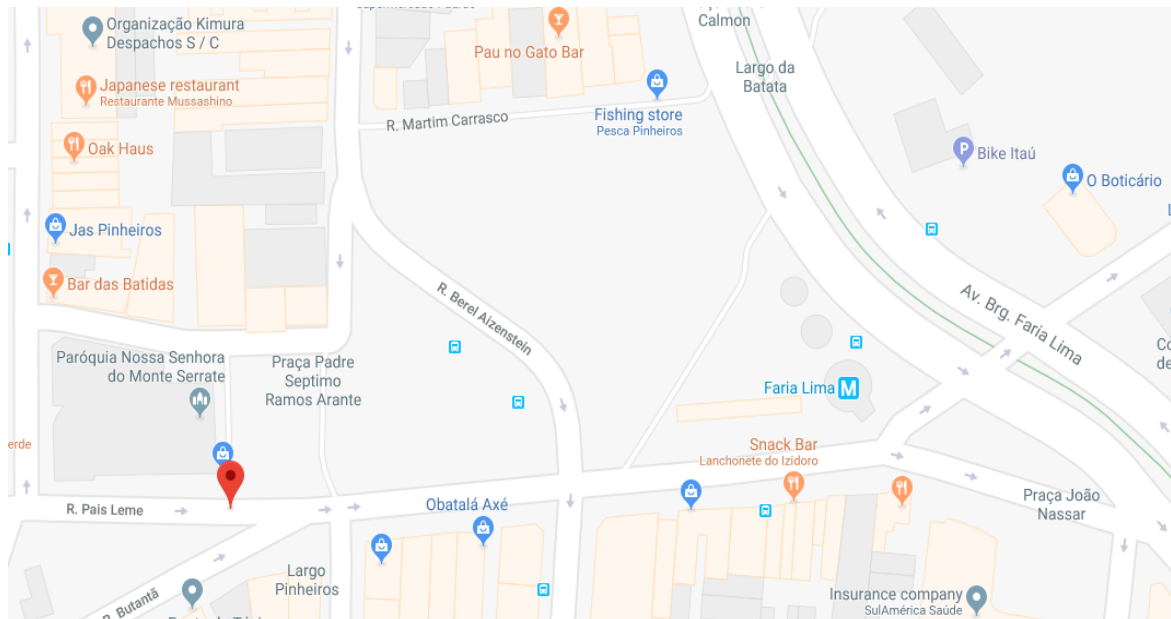
A importância do Largo de Pinheiros para os moradores da região era imprescindível. A Igreja do Largo era alvo de procissões de moradores não somente de Pinheiros, como de locais vizinhos (a própria Igreja, pensando nas mudanças paisagísticas, por ser tão popular foi sofrendo alterações que a descaracterizaram da igreja que havia sido durante o aldeamento da região). Além da localização da Igreja, o melhor ponto para travessia no lugar que conecta Pinheiros com outras áreas do rio convergiu-se para o Largo, que era o início do caminho de Peabirú<sup>97</sup>:

Estreitando-se o terraço à medida que se aproxima do rio, o traçado dos caminhos e posteriormente das ruas acabou convergindo para um único ponto – o Largo de Pinheiros – de onde toda a circulação era e é canalizada pela atual rua Butantã em direção ao rio (PETRONE, 1963, p. 46).

---

<sup>97</sup>No bairro de Pinheiros são dois os largos de grande importância: o Largo de Pinheiros e o Largo da Batata. O último tornou-se referência para os moradores após a década de 1960, depois de sua construção. Já o Largo de Pinheiros configurou-se como grande marco geográfico para os moradores desde o século XVI até a década de 1960. Durante mais de 400 anos foi o Largo de Pinheiros tido como largo-referência para os moradores, e não o Largo da Batata, como foi possível notar na busca e pesquisa com as fontes desde maio de 2018, em que o Largo de Pinheiros aparece repetidamente nos arquivos pesquisados.





<sup>98</sup> Imagem disponível em: <<https://www.google.com/maps/place/Largo+dos+Pinheiros+-+Pinheiros,+S%C3%A3o+Paulo+-+SP,+05424-050/@-23.5673361,-46.6954395,18.25z/data=!4m5!3m4!1s0x94ce57a719beb3f7:0x74e50e4cb7ffff9!8m2!3d-23.5676173!4d-46.6959043>>. O ponto vermelho indica a localização do Largo, e em frente ao ponto está a famosa igreja do bairro.

<sup>99</sup> Imagem disponível em: <<https://www.google.com/maps/place/Largo+dos+Pinheiros+-+Pinheiros,+S%C3%A3o+Paulo+-+SP,+05424-050/@-23.5673361,-46.6954395,18.25z/data=!4m5!3m4!1s0x94ce57a719beb3f7:0x74e50e4cb7ffff9!8m2!3d-23.5676173!4d-46.6959043>>.

O Largo era ponto de conexão, pois encontra-se no caminho da Rua Paes Leme, que leva ao rio Pinheiros e ao antigo Porto do Velozo, que já não existe mais, como é possível notar nos mapas apresentados. A Imagem 15 representa, portanto, uma mudança paisagística forte que foi sentida pelos moradores, como Raul Goldschmidt, que registrou inúmeras imagens dos pontos geográficos e espaciais mais conhecidos pelos pinheirenses do início do século XX. As coleções fotográficas do Arquivo Histórico de São Paulo (AHSP) parecem se contrapor à coleção de Raul Goldschmidt, presentes na Biblioteca Álvaro Guerra e no Esporte Clube de Pinheiros (em particular essas três fotografias do Largo de Pinheiros). Enquanto o AHSP mantém registros fotográficos que demonstram uma constituição de Pinheiros como parte da metrópole, as outras instituições buscam guardar imagens que remetem a um bairro cheio de memórias de vidas e práticas que já não existem mais. É o normativo e o poético apresentando Pinheiros de maneiras antagônicas: o bairro versus um dos aldeamentos mais antigos do estado de São Paulo; o urbano versus o rural; parte da metrópole versus identidade regional. Isso se dá, principalmente, pelo fato de que as coleções fotográficas do AHSP remetem à diferentes regiões do município de São Paulo, enquanto que a Biblioteca e o Esporte Clube remetem apenas à Pinheiros, por isso essas instituições guardam, relembram e celebram o bairro, porque elas também são o próprio bairro.



(Imagem 16: Largo dos Pinheiros: obras de pavimentação vistas da rua São Manoel em direção à rua Fernão Dias, 1941)<sup>100</sup>

<sup>100</sup>Imagem pertencente ao acervo digital do Arquivo Histórico de São Paulo, Classificação: PMSP-DOV-OPu-RF, número 0460, formato: 176 x 238 mm.

Esta última foto do Largo de Pinheiros, datada de 1941, ou seja, 33 anos depois da Imagem 14, já apresenta uma configuração completamente diferente do espaço. A rua está pavimentada, as calçadas são bem demarcadas, a Igreja possui duas grandes torres, os postes não só se multiplicaram como interferem na vista do Largo, as edificações estão em maior número, a bicicleta já é acessível para as pessoas e os carros definitivamente fazem parte da vida dos moradores. Possuir um carro já era uma ideia difundida, símbolo da *modernidade*, do agito da vida na cidade urbanizada. A linha térrea do bonde ainda está lá, como referencial do transporte público. A carroça de mão, sendo levada por um homem que passa em frente aos carros, contornando a linha do bonde elétrico, coincidentemente localizado numa posição parecida com a da carroça da Imagem 14, parece ser o último resquício das charretes, bondes puxados a cavalo e carroças, último resquício de uma Pinheiros rural. Alguns anúncios escritos e estampados em cartazes no Largo também sinalizam um comércio em mutação.

A expansão da pavimentação, para além de locais-referência como o Largo de Pinheiros, pode ser vista nas inúmeras obras públicas que ocorreram em diferentes ruas e avenidas na região (ver mapas 08 e 09: estes mapas datam de 1962 e mostram o crescimento de Pinheiros. Esses mapas aproximam-se muito da referência geográfica-espacial da atualidade, como é possível ver no mapa 03). Como as vias eram modestas (pois não estavam preparadas para o enorme contingente de usuários), foi preciso expandi-las pelo bairro, como foi com as avenidas Pedroso de Moraes e Faria Lima<sup>101</sup>.

Ao lado dos caminhos que levavam para terras distantes, formou-se uma rede de ruas e avenidas que atendiam às necessidades dos moradores de Pinheiros e à lógica da circulação interna da cidade de São Paulo, que passou a crescer de forma intensa a partir de fins do século XIX. A rua Paes Leme levava ao rio Pinheiros e, no início do século XX, ao porto de areia que ali funcionava. A Cardeal Arcoverde, com trechos acidentados e tortuosos, levava aos altos do Araçá. O crescimento de Pinheiros e a criação do bairro de Cerqueira Cesar, estimulou a abertura da rua Teodoro Sampaio, praticamente uma linha reta que uniu o largo de Pinheiros à recém-aberta Avenida Municipal – hoje, Dr. Arnaldo [...] (JORGE, 2010, p. 13).

As obras urbanas que ocorreram dentro e ao redor do Largo de Pinheiros complicaram o tráfego por não respeitarem os caminhos naturais que compunham o bairro. As obras mudaram as estruturas das ruas causando grandes pontos de trânsito (PETRONE, 1963, p. 110). As linhas de ônibus que circulavam pela região na década de

---

<sup>101</sup>Com a construção da Avenida Faria Lima, o Mercado de Pinheiros foi destruído, sendo que sua nova sede começou a funcionar em 1971 (JORGE, 2010, p. 15).

1960 eram muitas e ligavam Pinheiros a diferentes regiões de São Paulo, o que mostra como Pinheiros ainda agia enquanto centro distribuidor e ponto de passagem<sup>102</sup>, funcionando a todo vapor pela manhã até altas horas da madrugada (PETRONE, 1963, p. 177). Ao comparar com as imagens de Raul Goldschmidt, é notável a preocupação da Prefeitura em registrar fotografias de um bairro urbanizado. Enquanto veículo de propagação de ideais modernizantes, as fotos têm um poder inabalável. As sociedades viciadas em imagens oriundas de processos industriais e urbanizadores utilizam as fotografias como informação rápida, fazendo com que a imagem seja experiência e a experiência seja imagem (SONTAG, 1986, p. 20). Daí talvez venha a necessidade deste órgão público em registrar fotografias que mostram um bairro se tornando bairro, ao passo em que Raul Goldschmidt usou a fotografia como um recurso para um alívio memorial, como uma forma de se lembrar de Pinheiros de maneira imediata: com o referencial visual.



(Imagem 17: Avenida Doutor Arnaldo: obras de alargamento. Vista da esquina com a rua Teodoro Sampaio em direção à rua Cardeal Arcoverde, 1941)<sup>103</sup>

<sup>102</sup>Quando o Largo da Batata foi construído, tornando-se o mais importante terminal de ônibus da região, o Largo de Pinheiros perdeu seu lugar de referência para os pinheirenses.

<sup>103</sup>Imagem pertencente ao acervo digital do Arquivo Histórico de São Paulo, Classificação: PMSP-SO.DOP-OPu-RF, número 1368, formato: 240 x 182 mm.

O alargamento de vias em Pinheiros é uma referência importante, pois demonstra como o automóvel particular ganhava espaço na metrópole. O aumento de carros e ônibus foi um grande contribuidor para a instalação dessas obras públicas. A desapropriação de propriedades particulares (fossem casas particulares ou edifícios comerciais) causou revolta nos moradores, que tiveram que se realocar (JORGE, 2010, p. 15). Este tipo de ação estatal, de desapropriação territorial, foi muito comum não só em Pinheiros como em muitas regiões englobadas nos projetos urbanísticos (e, inclusive, no próprio centro de São Paulo).

Na Imagem 17 as pedras que calçam a rua logo seriam substituídas pelo asfalto concretado, mais uma característica de mudança urbana e industrial. Para o fotógrafo do Arquivo Histórico de São Paulo que registrou essa obra pública, havia o intuito de mostrar na imagem o processo de desenvolvimento e instalação da obra pública. A preservação e guarda de muitas imagens deste tipo no Arquivo Histórico de São Paulo é um apontamento relevante, pois reitera a existência de São Paulo como importante cidade mundial, como metrópole-referência. As fotografias podem existir como forma de assegurar a identidade de um lugar, de um momento histórico, de um sentimento; as fotos podem ser, em sua materialidade, em sua própria existência, o registro de um momento que mostra como São Paulo se constituiu enquanto local urbanizado, elas são a continuação da tradição pictórica, são a marca das coisas existentes, quase como se fossem uma digital visual do passado. A preservação destas imagens pode ser entendida como forma de lembrar o processo pelo qual a cidade passou enquanto era configurada com novas características. As fotografias apresentam São Paulo para o paulistano, atestam a identidade de cidade grande, de cidade progressista, moderna, pulsante, elas realocam e posicionam São Paulo como pertencente ao patamar de metrópole, junto com tantas outras cidades-referência no globo. Foi nessa época que São Paulo virou São Paulo, que a cidade se transformou na Nova Iorque sul-americana, na Paris latina, na Tóquio ocidental. A cidade, finalmente, alcançara o status de metrópole.



(Imagem 18: Avenida Doutor Arnaldo: obras de alargamento. Vista da esquina com a rua Galeno de Almeida em direção à rua Teodoro Sampaio, 1959)<sup>104</sup>

A avenida Doutor Arnaldo, quase 20 anos depois, já está incorporada à urbe, como é possível notar na Imagem 18 (o calçamento de pedras, que remete a uma visão mais antiga e típica de uma cidade interiorana sumiu, ao passo em que o asfalto foi instalado, pois os automóveis circulam infinitamente melhor no concreto). Os carros, distantes, circulam em direção a vários lugares. Os postes de luz iluminam de dia e de noite, presentes em toda a avenida. As edificações ao fundo são prédios que ficariam ainda mais altos. Os carros correm do lado direito e estão parados do lado esquerdo, demonstrando suas presenças em diferentes formas. As árvores dos canteiros, plantadas a pouco tempo, buscam trazer vida ao cinza do concreto, tentam manter algum resquício da natureza que outrora preenchia o espaço da região. Pinheiros agora é bairro, é parte da metrópole frenética e pulsante, é parte da indústria, é parte da cidade:

[...] com seus critérios de zoneamento, a paisagem urbana aparece como um espaço construído a partir de normas. Ainda uma vez, são as tensões e os enfrentamentos sociais e políticos, e não os critérios de funcionalidade, que definem projetos e sua implementação (SILVA, F., 1997, p. 311 – 312).

---

<sup>104</sup>Imagem pertencente ao acervo digital do Arquivo Histórico de São Paulo, Classificação: PMSP-SO.DOP-OPu-RF, número 1369, formato: 180 x 240 mm.



Bairro é uma terminologia que se refere a um pedaço de terra caracterizado por seus usos e seus habitantes, mas é também visto como pedaço de terra ligado à uma determinada cidade. Pinheiros não era considerado um bairro, era considerado região. Foram as obras públicas oriundas da cidade-metrópole que o conferiram o status de bairro:

Tratado anteriormente por alguns dicionários da língua portuguesa, bairro é a denominação de cada uma das partes em que se costuma dividir uma cidade, definição justificada na promoção da operacionalização das pessoas e do controle administrativo dos serviços públicos, como os correios, telefonia e limpeza (BEZERRA, 2011, p. 26).

Quando as obras públicas avançaram e descaracterizaram referentes paisagísticos que organizavam e representavam determinados grupos, parte da identidade local se perdeu. Daniel Caldeira aponta uma história curiosa sobre o Largo da Batata, outro grande referencial geoespacial para os pinheirenses. O autor comenta que estava neste local quando uma senhora se aproximou e pediu indicações de como pegar um certo ônibus. Caldeira respondeu prontamente que o ônibus passava num ponto mais a frente, ao passo em que a mulher retrucou que não, que ela conhecia aquela linha e que aquela linha se passava no Largo da Batata. O autor respondeu dizendo que ela estava no Largo e, confusa, a senhora se distanciou (CALDEIRA, 2013, p. 02). É provável que esta pessoa estivesse confusa com a fala de Caldeira porque durante muitos anos o Largo da Batata foi um terminal de ônibus, mas hoje é uma praça. A linha do metrô que está localizada no Largo também alterou a estrutura e a referência do lugar. As obras que modificaram o status do Largo de terminal para praça iniciaram-se em 2005. Em apenas oito anos (época do relato do autor), uma transeunte já não conseguia se localizar na região. Esta é uma interessante observação, pois demonstra que, mesmo após o término das grandes obras públicas que modificaram o bairro de maneira permanente, este ainda é passível de sofrer transformações bruscas que afetam a relação de moradores e pessoas de fora com o bairro, tendo em vista que as imagens espaciais desempenham importante papel na memória coletiva (HALBWACHS, 2006, p. 159): “[...] a maior parte certamente se sentiria bem mais sensibilizada com o desaparecimento dessa rua, desse prédio, daquela casa, do que pelos acontecimentos nacionais, religiosos, políticos mais sérios” (ibid., p. 161).

### 3.3 O BAIRRO

A paisagem representada nas fotografias age como uma forma de nos lembrar de referências do passado que já não existem mais, nem materialmente e nem memorialmente. É justamente por isso que devemos analisar fontes como essas

fotografias, para resgatarmos aspectos do passado que já não acessamos mais porque estes vêm de memórias que não nos pertencem. A paisagem exprime, portanto, uma vasta gama das relações sociais e “[...] *é nas relações sociais que se deve buscar a significação dos fatos materiais*” (PESEZ, 1983, p. 189). O ambiente material traz marcas particulares e coletivas, sendo que grandes mudanças afetam a memória do grupo, pois esta acontece e existe num contexto temporal e espacial:

[...] porque os lugares participam da estabilidade das coisas materiais e é fixando-se neles, encerrando-se em seus limites e sujeitando nossa atitude à sua disposição que o pensamento coletivo do grupo dos crentes tem maior oportunidade de se imobilizar e durar. Esta é realmente a condição da memória (HALBWACHS, 2006, p. 187).

Os locais de memória existem porque a memória já não existe mais (NORA, 1981, p. 07). As pessoas que moravam em Pinheiros durante as obras públicas do início do século XX em sua maioria faleceram e já não podemos entender ou acessar como essas pessoas se sentiram com as grandes transformações geográficas pelas quais o bairro passou. Podemos, contudo, acessar registros dessa época para entender através do olhar de quem registrou as percepções dos momentos passados. Estudar a memória cristalizada nas fotografias é estudar a memória social, é perceber um grupo no tempo e no espaço vivenciando um determinado evento histórico: “*O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento*” (LE GOFF, 1996, p. 426).

Se os monumentos e documentos são os materiais da memória coletiva, a paisagem é a construção física dessa memória. E por se inserir no tempo longo, a paisagem é um construto que se dá com inferências de diferentes agentes sociais ao longo da História: ela é macro (BRAUDEL, 1965, p. 271), mas pode (e deve) ser estudada a partir do micro, como apresentei com o caso do bairro de Pinheiros, local que sofreu transformações paisagísticas durante séculos, mas que foi impactado de maneira avassaladora nas primeiras décadas do século XX:

O rururbano que caracterizou Pinheiros entre os anos de 1850 e 1950 pode ser identificado como um espaço rural, com atividades agrárias, mas influências urbanas, num processo contínuo que o marca, já nos anos 1950, como um espaço periurbano (apud BARROS 2005). A mudança foi rápida. Se os habitantes do final do século XIX conviveram com uma São Paulo com 30 mil habitantes, ruas iluminadas apenas no centro, com experiência urbana marcada por um cotidiano intrinsecamente relacionado com o universo rural, as pessoas do novecentos paulistano conviveram com uma população de mais de 200 mil



habitantes, sem escravidão, com imigração maciça, crescente malha urbana, novos bairros, novos edifícios. Enfim, uma cidade em obra (apud OLIVEIRA 2000-2001) (ZANETTINI & SOUZA, 2012, p. 337).

Costumes, memórias, lugares, disputas e tensões são construtos que se constituem em diferentes tempos na História, na Memória, na Identidade e na Paisagem. Nas fotos apresentadas é possível perceber as mudanças que ocorreram em diferentes tempos na composição paisagística de Pinheiros:

As câmaras começaram a duplicar o mundo na altura em que a paisagem humana passou a estar submetida a um vertiginoso ritmo de transformação: enquanto uma imensidão de formas de vida social e biológica são destruídas num brevíssimo espaço de tempo, surge uma invenção que permite o registro do que vai desaparecendo (SONTAG, 1986, p. 24).

Se as fotografias têm o poder de registrar o que vai desaparecendo, as fotos de Pinheiros<sup>105</sup> contêm informações essenciais para entendermos costumes passados, daí a riqueza de arquivos familiares como a coleção da família de Raul Goldschmidt. Em uma conversa breve com o neto de Raul, Itoby Goldschmidt, foi possível descobrir que a família não sabe ao certo qual máquina fotográfica seu antecessor utilizou para fotografar Pinheiros, pois não possuem nenhum documento que indique a procedência da máquina. Os negativos encontrados são em rolos contínuos e em medidas especiais, fato que dificultou a revelação das imagens. A família Goldschmidt veio da Prússia como investidores. Possuindo considerável patrimônio, esta família possui forte influência no bairro, sendo que Raul (o autor das fotografias) casou-se com a neta de Pedro Christ (nome da rua do atual Mercado de Pinheiros), que era filha de Amaro Cavaleiro (rua importante no bairro e também referência nas fotografias tiradas por Raul). As famílias Christ e Cavaleiro eram donas de uma enorme quantidade de terras em Pinheiros<sup>106</sup>, sendo Raul oriundo de uma família de muitas posses. O fotógrafo amador foi dono do primeiro veículo importado do bairro. Com sua máquina fotografou cerca de 600 imagens entre os anos de 1900 e 1925. As imagens disponíveis no acervo do Esporte Clube de Pinheiros, no entanto, só possuem 150 fotografias, pois o descendente de Raul ainda não foi capaz de digitalizar todas as imagens.

---

<sup>105</sup>Várias imagens presentes nas coleções do Esporte Clube de Pinheiros e da Biblioteca Álvaro Guerra registraram diferentes eventos no bairro de Pinheiros (assim como não fiz uso das fotos de familiares e amigos também presentes nas coleções), tais quais festividades, procissões, boiadas, domaço de cavalos e ovelhas, visitas de militares, as comemorações do dia de São João, etc. Estas imagens não foram aqui analisadas, pois meu foco era entender as transformações paisagísticas, e as fotografias de eventos não me permitiam uma visão clara da ambiência onde as festividades ocorriam.

<sup>106</sup>Itoby comentou que possui a escritura de uma doação de Pedro Christ de uma área de 5.000 m<sup>2</sup> para a Prefeitura de São Paulo construir o primeiro Mercado dos Caipiras, onde hoje é o Largo da Batata.

As fotografias de Raul Goldschmidt possuem sensações, memórias e percepções extremamente particulares. Foi a preocupação em registrar sua vida e suas relações, imprimindo às fotos uma percepção emotiva, que Raul Goldschmidt nos permitiu acessar uma parte da história de Pinheiros há muito esquecida:

Estamos envolvidos afetivamente com os conteúdos dessas imagens; elas nos dizem respeito e nos mostram como éramos, como eram nossos familiares e amigos. Essas imagens nos levam ao passado numa fração de segundo; nossa imaginação reconstrói a trama dos acontecimentos dos quais fomos personagens em sucessivas épocas e lugares. Através das fotografias reconstituímos nossas trajetórias o longo da vida: o batismo, a primeira comunhão, os pais e irmãos, os vizinhos, os amores e os olhares, as reuniões e realizações, as sucessivas paisagens, os filhos, os novos amigos, a cada página novos personagens aparecem, enquanto outros desaparecem das páginas do álbum e da vida. Dificilmente nos desligaremos emocionalmente dessas imagens (KOSSOY, 2014, p. 114 – 115).

## Conclusão

“[...] nas cidades grandes os bairros se diferenciam conforme a predominância dessa ou daquela espécie de profissão ou de indústria, desse ou daquele grau de pobreza ou riqueza. Assim se revelam aos olhos do passeante todas as nuances das condições e não há nenhuma paisagem urbana na qual essa ou aquela classe social não tenha deixado sua marca” (HALBWACHS, 2006, p. 169).

Busquei apontar, na presente pesquisa, como se deram as transformações paisagísticas em Pinheiros como consequência da expansão da malha urbana de São Paulo para as regiões adjacentes. Para tal, o *Capítulo I: São Paulo da Modernidade*, apresentou as obras públicas que se iniciaram no centro de São Paulo, oriundas de diferentes mentalidades que surgiram no final do século XIX, como os miasmas, as questões higienistas, as noções nacionalistas, identitárias, o cientificismo evolucionista, etc., que acarretaram em mudanças de grande envergadura tanto no centro quanto nas regiões circunvizinhas, como foi o caso de Pinheiros. Esses ideais se justificavam também na presença massiva de imigrantes que passaram a vir para o Brasil durante o século XIX. Com este capítulo foi possível entender de que maneira os processos urbanizadores em São Paulo influenciaram regiões adjacentes, ainda que esses processos tenham ocorrido de maneira desordenada, sem ter, necessariamente, planejamentos específicos.

Assim, no *Capítulo II: Pinheiros: paisagens em transformação*, foi possível perceber como as transformações paisagísticas em Pinheiros (modificações estruturais e geográficas das pontes, a retificação do rio Pinheiros, a instalação de luz nas ruas, o processo de canalização e encanamento das águas, o asfaltamento de vias) originaram-se de ideais modernizantes que constituíram os planos urbanísticos de São Paulo. Sendo que estes planos se expandiram pelas vias de transporte e comunicação entre Pinheiros e centro e englobaram a região de maneira drástica. Ao ser unido com o centro, Pinheiros foi elevado à bairro, sendo caracterizado como braço estendido da metrópole.

Considerado como um bairro extremamente comercial, mas não industrial, Pinheiros buscou adaptar-se enquanto mantinha parte de suas características primárias, como foi o caso das pontes e de seu status de região comercial. Suscetível às necessidades da metrópole, o bairro atuou como local de abastecimento, ponto de conexão e caminho. Visto por muito tempo como local periférico e afastado, Pinheiros foi incorporado à malha urbana de maneira rápida e marcante. As mudanças drásticas advindas das obras públicas afetaram o modo como os habitantes se relacionavam com os pontos geográficos

mais conhecidos desde seu aldeamento no século XVI até o início do século XX, tal qual o rio Pinheiros.

*O Capítulo III: Fotografias em perspectiva*, permitiu entender como, ao ser incorporado aos planos urbanísticos do centro de São Paulo, Pinheiros perdeu referenciais paisagísticos muito caros à população que habitava a região. Com o passar dos anos essa memória sobre a geografia e a paisagem do bairro se perdeu e, conforme as pessoas que conheciam a região antes de se tornar bairro faleceram e as novas gerações foram surgindo, estas já não se lembravam da paisagem anterior às obras públicas, pois era uma memória que não lhes pertencia. Práticas seculares que faziam parte da cultura regional pinheirense se perderam, como a pesca no rio. Com as novas referências paisagísticas vieram novos hábitos, como o uso de automóveis e o aumento do uso da quantidade de litros d'água depois que esta foi canalizada. Em apenas 20 anos de obras públicas já não haviam praticamente resquícios do que fora o aldeamento de Pinheiros<sup>107</sup>. As fotografias surgem, dentro deste contexto, como cristalização do passado, como uma marca das coisas que existem; as fotografias são o vivido, e por serem um testemunho histórico, representam mentalidades, vontades e questões do passado, oriundas daqueles que as produziram.

Meus objetivos ao analisar as fotografias eram:

- perceber como os órgãos públicos entendiam e registravam Pinheiros (Arquivo Histórico de São Paulo e Fundação Energia e Saneamento) através das fotografias e como essa visão era contraposta pela perspectiva de um morador da região (Raul Goldschmidt, cujas fotografias estão presentes nas coleções da Biblioteca Álvaro Guerra e do Esporte Clube de Pinheiros);

- entender como os referenciais paisagísticos oriundos das diferentes ocupações na região afetaram Pinheiros, principalmente com a instalação das obras públicas, e como afetaram a relação dos pinheirenses com a localidade<sup>108</sup>.

Raul Goldschmidt buscou registrar a região que conhecia através de fotografias no início do século, e foi graças a essa necessidade de se registrar o visto e o vivido em grande quantidade (quase 600 fotos), que esses microcenários do passado de Pinheiros

---

<sup>107</sup>Esta ideia é muito marcante na região, pois apesar de ser um dos lugares mais antigos no processo de sua ocupação, Pinheiros praticamente não possui estruturas antigas. Ou seja, ainda que seja antigo, o bairro é constituído majoritariamente por edifícios novos. É possível notar como a metrópole e a expansão imobiliária tomaram conta de tudo de maneira avassaladora, transfigurando Pinheiros completamente.

<sup>108</sup>As fotografias analisadas ao longo desta dissertação transitaram no tempo e no espaço, porque minha preocupação não era aglomerá-las em uma série temporal contínua, era entendê-las dentro dos aspectos urbanísticos debatidos e apresentados, e por isso me permiti a liberdade de apresentá-las deslocadas de suas séries originais, tanto em relação à sua classificação e organização arquivística oriunda de seus arquivos de guarda quanto em seu contínuo temporal.

(cuja vivências coletivas foram cristalizadas e materializadas nas fotos) foram resgatados, tornando possível entender como se deu a transição entre região e bairro e quais foram as consequências dessa transição. O cotidiano reproduzido nas imagens congela uma paisagem de um tempo passado, pois a foto é a imortalidade de um momento, ela é a concretude histórica do fato. Nas fotografias de Pinheiros (tanto as pertencentes ao Arquivo Histórico e à Fundação Energia e Saneamento quanto as produzidas por Raul Goldschmidt) foi possível perceber marcas culturais de uma época, partes da história regional de Pinheiros, ideais nacionais, higienistas, nacionalistas, progressistas e modernizantes. A frequência de reproduções sobre o rio Pinheiros, sobre as pontes do bairro, sobre as ruas sendo asfaltadas e sobre o Largo de Pinheiros é um apontamento fundamental, pois demonstra que estes eram marcos paisagísticos com os quais os moradores se relacionavam e reconheciam, eram ícones da região, eram parte da história de Pinheiros. Com a transformação radical destes referenciais, a única concretude desses marcos paisagísticos, culturais e memoriais são fotografias que, até a escrita desta pesquisa, tinham sido esquecidas pelo tempo.

## Referências Bibliográficas

- ALVIM, Zuleika. **Imigrantes**: a vida privada dos pobres do campo. In: História da Vida Privada no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, Volume 03, 1998.
- AMARAL, Antonio Barreto do. **O bairro de Pinheiros**. São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo, 1969.
- ANSCHUETZ, Kurt F., WILSHUSEN, Richard H., SCHEICK, Cherie L. An Archaeology of Landscapes. Perspectives and directions. **Journal of Archaeology Research**: Volume 09, Número 02, 2001.
- ARQUIVO HISTÓRICO DE SÃO PAULO. Acervo fotográfico do Arquivo Histórico de São Paulo, 2012. Disponível em: <[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/arquivo\\_historico/noticias/?p=9921](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/arquivo_historico/noticias/?p=9921)>. Acesso em 21/09/2018.
- ASHMORE, Wendy & KNAPP, Arthur Bernard. **Archaeologies of Landscape: Contemporary Perspectives**. Oxford: Blackwell Publishing, 1999.
- ATIQUE, Fernando; BURATTINI, Giorgia; DIAS, Michele. **Urbanização, transformações espaciais e pressupostos para a leitura patrimonial em Guarulhos**. In: PLENS, Claudia R. (org.). **Objetos, Paisagens e Patrimônio**: arqueologia do colonialismo e as pessoas de Guarulhos. São Paulo: Annablume, 2017.
- BARBUY, Heloísa. A conformação dos ecomuseus: elementos para compreensão e análise. In: **Anais do Museu Paulista**: São Paulo, Volume 03, 1995.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 2010.
- BELLOTTO, Heloísa Liberali. Da gênese à função. O documento de arquivo como informação e testemunho. In: **Arquivo, Estudos e Reflexões**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.
- BEM, Sueli Ferreira de. **Contribuição para estudo das estações ferroviárias paulistas**: volume 01. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução**. In: BENJAMIM, Walter; HABERMAS, Jürgen; HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodore. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores), 1983.
- BERGER, John. **Para entender uma fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

- BEZERRA, Josué Alencar. Como definir o bairro? Uma breve revisão. In: **Revista Geotemas**. Rio Grande do Norte: Volume 01, Número 01, jan./jun., 2011. Disponível em: <<http://periodicos.uern.br/index.php/geotemas/article/viewFile/118/109>>. Acesso em 19/10/2018.
- BINFORD, Lewis. The archeology of place. In: **Journal of Anthropological Archaeology**: Volume 01, Número 01, mar., 1982.
- BOURDÉ, Guy; MARTIN, Herve. **As escolas teóricas**. Lisboa: Europa América, 1990.
- BRASILIANA FOTOGRÁFICA, **São Paulo sob as lentes do fotógrafo Guilherme Gaensly (1843 – 1928)**, 2017. Disponível em: <<http://brasilianafotografica.bn.br/?tag=light>>. Acesso em 15/12/2018.
- BRAUDEL, Fernand. A longa duração. In: **Revista de História: História e Ciências Sociais**: Volume XXX, Número 62, abr./jun., 1965. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/123422/119736>>. Acesso em: 20/10/2018.
- CALDEIRA, Daniel Ávila. O comércio em três tempos: breve história do Largo da Batata. Texto apresentado ao **IV Colóquio Internacional** sobre o comércio e cidade: uma relação de origem, Uberlândia – Minas Gerais, 26 a 28 de março de 2013. Disponível em: <[http://www.labcom.fau.usp.br/wp-content/uploads/2015/05/4\\_cincci/032-avila.pdf](http://www.labcom.fau.usp.br/wp-content/uploads/2015/05/4_cincci/032-avila.pdf)>.
- CAMARGO, Maria Daniela B. de. **São Paulo moderno: açúcar e café, escravos e imigrantes**. In: LAGO, Pedro Corrêa do. **Coleção Terra Paulista: história, arte, costumes**. Volume 01: A formação do Estado de São Paulo, seus habitantes, e os usos da terra. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.
- CAMPOS, Cândido Malta. **Os rumos da cidade: urbanização e modernização em São Paulo**. São Paulo: Editora Senac, 2002.
- CAMPOS, Eudes. A vila de São Paulo do campo e seus caminhos. In: **Revista do Arquivo Histórico Municipal**: Volume 204, 2006.
- CARDOSO, Ciro Flamarion & MAUAD, Ana Maria. **História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

- DELIJAICOV, Alexandre. **Os rios e o desenho da cidade**: proposta de projeto para a orla fluvial da grande São Paulo. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- DIAS, Fabiana Costa. Arquivo ou Coleção? Os documentos do Arquivo Histórico do Museu Aeroespacial. In: **VIII Seminário Nacional do Centro de Memória – UNICAMP: Memória e Acervos Documentais: o arquivo como espaço produtor do conhecimento**. Campinas – São Paulo, 26 a 28 de julho de 2016.
- DIAS, Márcia Lúcia Rebelo Pinho. **Desenvolvimento urbano e habitação popular em São Paulo (1870 – 1914)**. São Paulo: Editora Nobel, 1989.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. A hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea. In: **Revista Projeto História**: Volume 17, nov., 1998.
- ÉRNICA, Maurício. **Uma metrópole multicultural na terra paulista**. In: LAGO, Pedro Corrêa do. **Coleção Terra Paulista: história, arte, costumes**. Volume 01: A formação do Estado de São Paulo, seus habitantes, e os usos da terra. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.
- FABRIS, Annateresa. **O circuito social da fotografia**: estudo de caso – I. In: \_\_\_\_\_(org.). **Fotografia: usos e funções no século XIX**. São Paulo: Editora EDUSP, 1998.
- FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2011.
- FERLA, Luis Antonio Coelho. Humanidades digitais, geotecnologias e a história urbana. In: **XXVIII Simpósio Nacional de História**, Lugares dos Historiadores: velhos e novos desafios, Florianópolis – Santa Catarina, 27 a 31 de julho de 2015.
- FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2003.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- GONÇALVES, Daniel I. O Peabirú: uma trilha indígena cruzando São Paulo. In: **Revista de Estudos sobre Urbanismo, Arquitetura e Preservação**. São Paulo: Cadernos de Pesquisa do LAP da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, abr., 1998.
- GOUVÊA, Diego. Fotos guardam a história de Pinheiros para o futuro. Artigo publicado em 17/08/2012 na **Gazeta de Pinheiros**. Disponível em: <<http://www.gazetadepinheiros.com.br/cidades/fotos-guardam-a-historia-de-pinheiros-para-o-futuro-17-08-2012-htm>>. Acesso em 26/05/2018.
- GUARINELLO, Norberto L. Memória coletiva e histórica científica. In: **Revista Brasileira de História**: São Paulo, Volume 14, Número 28, 1994.



- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HARTOG, François. **Evidência da História**: o que os historiadores veem. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- HEYMANN, Luciana. **De ‘arquivo pessoal’ a ‘patrimônio nacional’**: reflexões acerca da produção de legados. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 2005.
- HOBSBAWM, Eric J. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. São Paulo: Paz e Terra, 2013.
- HODDER, Ian. **Reading the Past**. Cambridge University Press, 1986.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- HORN, Christian & WOLLENTZ, Gustav. **Who Is in Charge Here?** Material Culture, Landscapes and Symmetry. In: HAUG, ANNETTE; KÄPPEL, Lutz; MÜLLER, Johannes. **Past Landscapes**: the dynamics of interaction between society, landscape and culture. Leiden: Sidestone Press, 2018.
- INGOLD, Tim. **The Temporality of the Landscape**. In: PREUCEL, Robert W. & MROZOWSKI, Stephen A. **Contemporary Archaeology in Theory**. Malden: Wiley-Blackwell, 2010.
- JARDIM, José Maria. A invenção da memória nos arquivos públicos. In: **Ciência da Informação**: Volume 25, Número 02, 1995.
- JORGE, Janes. **Tietê**: o rio que a cidade perdeu (São Paulo 1890 – 1940). São Paulo: Editora Alameda, 2006.
- JORGE, Janes. São Paulo das Enchentes, 1890 – 1940. In: **Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo**: Número 47, abr., 2011.
- JORGE, Janes. **Relatório Final de Pesquisa Histórica do Programa de Monitoramento e Gestão do Patrimônio Arqueológico do Projeto de Reconversão Urbana do Largo da Batata, Pinheiros, município de São Paulo/SP**. São Paulo, 2010.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.
- KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

- LANGENBUCH, Juergen Richard. **A estruturação da grande São Paulo:** estudo de geografia urbana. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto Brasileiro de Geografia, São Paulo, 1971.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas: Unicamp, 1996.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e História. In: **Antropologia Estrutural Dois.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.
- LIMA, Solange Ferraz de. **O circuito social da fotografia:** estudo de caso – II. In: FABRIS, Annateresa (org.). **Fotografia:** usos e funções no século XIX. São Paulo: Editora EDUSP, 1998.
- LOBEL, Fabrício. Abandonadas, pontes sobre o rio Pinheiros estão ocupadas pelo mato. In: **Folha de São Paulo**, 2015. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/10/1695367-abandonadas-pontes-sobre-o-rio-pinheiros-estao-ocupadas-pelo-mato.shtml>>. Acesso em 15/10/2018.
- MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010.
- MARINS, Paulo César Garcez. **Habitação e Vizinhança:** limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: SEVCENKO, Nicolau (org.) & NOVAIS, Fernando (dir.). **História da vida privada no Brasil (volume 03):** República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MARINS, Paulo César Garcez. **Através da rótula:** sociedade e arquitetura urbana no Brasil, séculos XVII a XIX. São Paulo: Humanitas, 2001.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **A crise da memória, história e documento:** reflexões para um tempo de transformações. In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). **Arquivos, patrimônio e memória.** Trajetórias e perspectivas. São Paulo: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (UNESP/FAPESP), 1999.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A fotografia como documento - Robert Capa e o miliciano abatido na Espanha: sugestões para um estudo histórico. In: **Tempo:** Rio de Janeiro, jan./jun., 2003.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Premissas para a formulação de políticas públicas em arqueologia. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional:** Número 33, 2007.
- MILLER, Daniel. Why some things matter? In: \_\_\_\_ (org.). **Material Cultures: why things matter.** London: Consumption and Space, 1998. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Jo\\_Tacchi/publication/27483231\\_Radio\\_texture\\_](https://www.researchgate.net/profile/Jo_Tacchi/publication/27483231_Radio_texture_)

Between\_self\_and\_others/links/0deec53bbed09c1d900000000/Radio-texture-Between-self-and-others.pdf>.

- MONTEIRO, John M. **Negros da Terra**: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo: Companhia das Letras, São Paulo, 1994.
- MORSE, Richard McGee. **Formação Histórica de São Paulo**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- MROZOWSKI, Stephen A. **Landscapes of Inequality**. In: MCGUIRE, Randall H. & PAYNTER, Robert. **The Archaeology of Inequality**. Oxford: Blackwell, 1991.
- NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Estrangeiro em sua própria terra**: representações do trabalhador nacional (1870 – 1920). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**: São Paulo, 1981.
- ORSER, Charles E. Jr. **A Historical Archaeology of the Modern World**. Plenum Press, 1996.
- PANOFSKY, Erwin. **Significado nas Artes Visuais**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.
- PAIVA, Odair da Cruz & MOURA, Soraya. **Hospedaria de Imigrantes de São Paulo**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- PAIVA, Odair da Cruz. Historiografia da Imigração para o Brasil – 1940/1950. In: **Anais do XX Encontro Regional de História**. Franca: Associação Nacional dos Professores de História – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (ANPUH/SP – UNESP), 2010.
- PATTERSON, Thomas C. & ORSER Jr., Charles E. (eds.). **Foundations of Social Archaeology**. Selected Writings of V. Gordon Childe. Walnut Creek: Altamira Press, 2004.
- PEARSON, Mike Parker & RICHARDS, Colin (Ed). **Architecture & Order**. Approaches to Social Space. London/New York: Routledge, 1994.
- PESEZ, Jean-Marie. **História da Cultura Material**. In: LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- PETRONE, Pasquale. **Pinheiros**: aspectos geográficos de um bairro paulistano. São Paulo: Edusp, 1963.
- PLENS, Claudia R. **Terra, Madeira e Fogo**: a Arqueologia da São Paulo Oitocentista. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

- PLENS, Claudia R. O Mistério dos Objetos. In: **Revista de Arqueologia Pública:** Campinas – SP, Volume 10, Número 01, mar., 2016.
- PLENS, Claudia R. & FRANCISCO, Gilberto da Silva. Patrimônio e Inventário: a escolha do objeto. In: \_\_\_\_\_(org.). **Objetos, Paisagens e Patrimônio:** arqueologia do colonialismo e as pessoas de Guarulhos. São Paulo: Annablume, 2017.
- PLENS, Claudia R. Introdução. In: \_\_\_\_\_(org.). **Objetos, Paisagens e Patrimônio:** arqueologia do colonialismo e as pessoas de Guarulhos. São Paulo: Annablume, 2017.
- PLENS, Claudia R. & PORTO, Vagner Cavalheiro. Água mole em pedra dura tanto bate até que fura: o caminho das águas na catalisação social no Brasil colonial. In: \_\_\_\_\_(org.). **Objetos, Paisagens e Patrimônio:** arqueologia do colonialismo e as pessoas de Guarulhos. São Paulo: Annablume, 2017.
- PONCIANO, Levino. **Bairros de A a Z.** São Paulo: Editora Senac, 2002.
- PRADO JÚNIOR, Caio. **A cidade de São Paulo:** Geografia e História. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- REALE, Ebe. **Brás, Pinheiros, Jardins:** três bairros, três mundos. São Paulo: Edusp, 1982.
- RICHTER, Larissa. **Memória, História e Cultura Material:** representações no discurso do novo Museu da Imigração. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2014.
- ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei:** legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel, 1997.
- RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica.** Teoria da História: Os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora UnB, 2001.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Entre a Pele e Paisagem. In: **Revista Projeto História:** Volume 23, nov., 2001.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. O corpo na cidade das águas: São Paulo (1840 – 1910). In: **Revista Projeto História:** Volume 25, dez., 2002.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Vida e morte dos chafarizes na cidade de São Paulo. In: **Revista do Arquivo Municipal de São Paulo:** Volume 203, 2004.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Cidade das Águas:** usos de rios, córregos, bicas e chafarizes em São Paulo (1822 – 1901). São Paulo: Editora Senac, 2007.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Gordos, Magros e Obesos:** uma história do peso no Brasil. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2016.

- SANTOS, Alexandre Leitão. **Paisagem útil: o rio Tietê e a urbanização paulista** (1966 – 1986). Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- SANTOS, Fábio Alexandre dos. **Domando as águas: salubridade e ocupação do espaço na cidade de São Paulo** (1875 – 1930). Tese (Doutorado em Economia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. Museus Brasileiros e Política Cultural. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**: Volume 19, Número 55, 2004.
- SÁVIO, Marco Antônio Cornacioni. Economia moral e revolta: o caso dos bondes em São Paulo. In: **Revista Projeto História**: São Paulo, Número 34, jun., 2007.
- SÁVIO, Marco Antônio Cornacioni. “Há Liras de Orfeu em todos os automóveis”: as feiras automobilísticas e as seduções do automóvel em São Paulo nos anos 20. In: **Cadernos do CEOM**: Ano 19, Número 24, 2014.
- SEABRA, Odette. **Os meandros dos Rios nos Meandros do Poder: valorização dos rios e das várzeas na cidade de São Paulo**. Tese (Doutorado em Geografia), - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.
- SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SHANKS, Michael. **Post Processual archaeology and after**. In: BENTLEY, Alexander R., CHIPPINDALE, Christopher., MASCHNER, Herbert D. G. **Handbook of Archaeological Theories**. Lanham: Altamira Press, 2008.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **História das Paisagens**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.
- SILVA, Valderez A. da. **Paulistas em movimento: bandeiras, monções e tropas**. In: LAGO, Pedro Corrêa do. **Coleção Terra Paulista: história, arte, costumes**. Volume 01: A formação do Estado de São Paulo, seus habitantes, e os usos da terra. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.
- SINGER, Ben. **Modernidade e Hiperestímulo**. In: CHARNEY, Leo R.; SCHWARTZ, Vanessa (orgs). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naif Edições, 2001.
- SINGER, Paul. **Evolução da economia e vinculação internacional**. In: SACHS, Ignacy; WILHEIM, Jorge; PINHEIRO, Paulo Sérgio (orgs.). **Brasil: um século de transformações**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

- SONTAG, Susan. **Na caverna de Platão**. In: \_\_\_\_\_. SONTAG, Susan. **Ensaios sobre fotografia**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, Coleção: Arte e Sociedade, Número 05, 1986.
- SPOSITO, Fernanda. **Nem cidadãos, nem brasileiros**: indígenas na formação do Estado nacional brasileiro e conflitos na província de São Paulo (1822 – 1845). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- SUANO, Marlene. **O que é museu?** São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1986.
- THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1981.
- TILLEY, Christopher. **Metaphor and Material Culture**. Oxford: Blackwell Publishers Inc., 1999.
- TRIGGER, Bruce. **A History of Archaeological Thought**. Cambridge University Press, 1989.
- VIGARELLO, Georges. **O sentimento de si**: história da percepção do corpo, séculos XVI – XIX. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2016.
- VILLA, Carlos Valencia & GIL, Tiago (orgs.). **O Retorno dos Mapas**: sistemas de informação geográfica em História. Porto Alegre: Ladeira Livros, 2016.
- WEBSTER, Gary S. **Culture History**: a culture historical approach. In: BENTLEY, R. Alexander; MASCHNER, Herbert. D. G.; CHIPPINDALE, Christopher. **Handbook of Archeological Theories**. Plymouth: Altamira Press, 2008.
- ZANETTINI, Paulo Eduardo & SOUZA, Rafael de Abreu. **Relatório Final do Sítio Arqueológico Pinheiros 02**. São Paulo, Processo Iphan nº 01506.001949/2010-89, 2012.
- ZEQUINI, Anicleide. **A fundação de São Paulo e os primeiros paulistas**: indígenas, europeus e mamelucos. In: LAGO, Pedro Corrêa do. **Coleção Terra Paulista**: história, arte, costumes. Volume 01: A formação do Estado de São Paulo, seus habitantes, e os usos da terra. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.